



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Amapá – UNIFAP
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESPG
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira-PPGEF

IANA KEILA LIMA DOS SANTOS DUARTE

OS PALIKUR, CASAS E MEMÓRIAS: VIVÊNCIAS NO
MUSEU SACACA

MACAPÁ
2021

IANA KEILA LIMA DOS SANTOS DUARTE

**OS PALIKUR, CASAS E MEMÓRIAS: VIVÊNCIAS NO
MUSEU SACACA**

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira da Universidade Federal do Amapá, como requisito final à obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Cultura, Sociedade e Fronteira

Orientador: Prof. Dr. Marcus Cardoso

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Lucia Hussak van Velthem

MACAPÁ
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá
Jamile da Conceição da Silva – CRB-2/1010

Duarte, Iana Keila Lima dos Santos.

Os Palikur, casas e memórias: vivências no museu sacaca / Iana Keila Lima dos Santos Duarte; Orientador, Marcus Cardoso; Coorientadora, Lucia Hussak van Velthem. – Macapá, 2021.
256 f.

Projeto de Pesquisa (Mestrado) – Universidade Federal do Amapá,
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira.

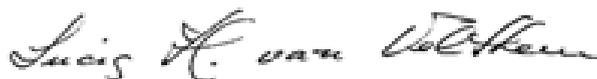
1. Índios da América do Sul – Brasil - História. 2. Índios – Amapá (AP). 3. Índios Palikur – Aspectos culturais e sociais. 4. Museu Sacaca – Macapá (AP). 5. Casa e memória. I. Cardoso, Marcus, orientador. II. Velthem, Lucia Hussak van, coorientadora. III. Fundação Universidade Federal do Amapá. IV. Título.

980.41 D812p
CDD. 22 ed.

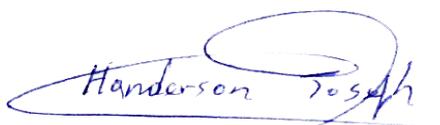
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcus André de Souza Cardoso da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Amapá



Prof.ª Dr.ª Lucia Hussak van Velthem (Coorientadora)
Museu Paraense Emílio Goeldi - MCTI



Prof. Dr. Handerson Joseph (Titular Interno)
Universidade Federal do Amapá



Prof.ª Dr.ª Cecília Maria Chaves Brito Bastos (Titular Externo)
Universidade Federal do Amapá

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Marcus Cardoso pelos ensinamentos, incentivo e por ter aceitado o meu projeto de pesquisa. Por ter me desafiado nas produções de trabalhos e ao meu crescimento como aluna neste mestrado.

À minha Coorientadora Lucia Hussak van Velthem pelas contribuições e experiências na área da museologia e da antropologia que foram compartilhadas comigo. Seus ensinamentos foram fundamentais para a produção desta pesquisa.

Ao programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira-PPGEF/UNIFAP, pelo acolhimento, à coordenação do programa, Professora Carmentila Martins, aos serviços técnicos da querida Rute e, a todos os professores que fazem parte deste programa, que de forma direta ou indireta contribuíram significativamente, através das aulas, palestras e seminários para o fortalecimento das discussões deste projeto.

Aos amigos de turma do mestrado de 2019 pelos encontros, discussões, trabalhos, risadas, nervosismos, enfim, pelo apoio sempre recebido de cada um de vocês, Danilo, Ruane, Jéssica, Dábila, Sabrina, Vilmara, Joel, José, Handerson e Eduardo.

Aos professores, Handerson Joseph e Cecília Bastos, por fazerem parte da minha banca de qualificação e de defesa deste produto final, e por todos os ensinamentos, ajustes e contribuições para o melhor desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA, representado, atualmente, pelo Diretor Presidente, Jorge Souza e, à época desta pesquisa, pela Sr.^a Marlene Almeida (*in memoriam*), ao Museu Sacaca, representado pela coordenadora, Eliane Penafort, que possibilitaram a minha pesquisa abrindo gentilmente as portas da instituição. Cabe ainda mencionar, de maneira muito especial, os técnicos e amigos do Museu Sacaca, Paulo Anchieta, Eliane Oliveira, Sylvania Souza, Deuzete Moreira, Aldemira Tavares, Josielson dos Santos, Lia Cavalcante, que foram atenciosos e não mediram esforços para me auxiliar nas informações solicitadas.

Aos pesquisadores do IEPA, Wagner Costa, Lúcio Leite e Patrick Cantuária, pelas contribuições técnicas e científicas, que me auxiliaram nesta pesquisa.

Aos representantes dos povos indígenas que participaram desta pesquisa, pelas contribuições e compartilhamento de conhecimentos, em especial, ao Cacique do Conselho dos Caciques, Gilberto Iaparrá, Ataídes Narciso, Eldely Narciso Iaparrá, Joel Narciso Iaparrá, Jeferson Narciso Ioiô e Genivaldo Ioiô e Nonato Hipólito.

Aos amigos que trabalharam no Museu Sacaca, Andrey Coelho, Denise Oliveira, Gelde Guedes, Augusto Oliveira, Mônica Dias, Simone de Jesus, Núbia Almeida, Leda Lima, Elane Albuquerque, Moema Barros, Ana Kelen Souza, que, sempre que eu tinha alguma dúvida sobre o histórico desta instituição, estavam prontos a colaborar com a minha pesquisa.

Aos coordenadores do meu trabalho no governo do estado do Amapá no período deste mestrado, Ramon Brito e Valéria Monteiro, que foram apoiadores, sendo compreensivos e me ajudando a conciliar jornada de trabalho e mestrado.

À minha família, por terem vivido junto comigo esse mestrado, em especial ao meu esposo Alan, e a meus filhos, Júnior, Dandra e Isaac por terem sido incentivadores deste sonho. Aos meus irmãos na fé pelo apoio e compreensão neste período dedicado ao mestrado.

Aos amigos que contribuíram com os seus dons e talentos para que esta pesquisa fosse organizada em um produto criativo, à minha irmã e amiga Ana Kelen Souza pelo projeto gráfico, sua filha Liz Almeida (LilikaArt) pelas ilustrações, aos fotógrafos Maksuel Martins, José Baia, a minha filha Dandra Duarte.

À Cássia Barros pelas contribuições e apoio a esta pesquisa.

Encerro agradecendo de maneira muito especial a Deus, pela oportunidade de finalizar mais essa etapa em minha vida. Minha gratidão.

RESUMO

OS PALIKUR, CASAS E MEMÓRIAS: VIVÊNCIAS NO MUSEU SACACA

A presente pesquisa propôs uma análise sobre as vivências, as reivindicações e o protagonismo dos Palikur no espaço museológico denominado Museu Sacaca. Desde 2002, esses povos, que vivem em região de fronteira, têm estabelecido relações colaborativas neste espaço museal, no que se refere ao fortalecimento de sua cultura, de suas memórias e de sua identidade. Partindo desses pressupostos, foi elaborado, como produto final deste estudo, um caderno pedagógico sobre o povo Palikur, material que irá fomentar a pesquisa, a comunicação e a divulgação dessa etnia nesse espaço. Esse produto será direcionado a professores e alunos das instituições escolares públicas e privadas que tenham interesse sobre a temática indígena. Um encarte contendo propostas de atividades pedagógicas para os alunos do ensino fundamental foi adicionado. O material de pesquisa foi obtido de três maneiras distintas: (a) pesquisa e levantamento bibliográfico sobre a etnia Palikur, referente aos aspectos culturais e sociais, análise de dados documentais que versam sobre a história do Museu Sacaca, análise do acervo fotográfico sobre as primeiras casas construídas pelos indígenas no museu, (b) a segunda etapa foi a pesquisa de campo de caráter etnográfico, realizada em 2019, quando foi possível acompanhar a construção da casa indígena Palikur, na área da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca. Durante a pesquisa de campo, foram feitas entrevistas com os representantes dos povos indígenas, sendo possível coletar informações sobre a importância deste espaço e o significado dessa ação dentro do museu para eles, material este que será explorado neste trabalho; (c) a terceira etapa da pesquisa foi o acompanhamento do ato de entrega das casas indígenas para o Museu Sacaca, em agosto de 2019, feita por meio de uma ação cultural denominada “Festa dos Povos”. Diante disso, o caderno pedagógico apresentará quatro seções: a primeira, um diálogo sobre os conceitos de fronteiras, de território e territorialidades; na segunda seção, conheceremos a diversidade cultural do território do Museu Sacaca e a relação colaborativa junto com o povo Palikur na montagem da Exposição Permanente a Céu Aberto; na terceira, os significados de museu para os indígenas e a descrição da edificação da casa Palikur realizada em 2019. E, por fim, na quarta seção, as vivências, as ações culturais e as perspectivas indígenas quanto ao Museu Sacaca e ao estado do Amapá.

Palavras-chave: Palikur, Museu, Casa e Memória.

ABSTRACT

THE PALIKUR, HOUSES AND MEMORIES: EXPERIENCES AT THE SACACA MUSEUM

This research proposed an analysis of the experiences, claims and protagonism of the *Palikur* people in the museological space called *Museu Sacaca*. Since 2002, these people, who live in borderlands, have established collaborative relationships in this museum space, in what concerns the strengthening of their culture, their memories and their identity. Based on these information, as a final product of this study, a pedagogical booklet about the *Palikur* people was elaborated, a material that will foment the research, communication and diffusion of this ethnic group in this space. This booklet will be indicated to teachers and students from public and private schools who are interested in indigenous subjects. A supplement containing suggestions of pedagogical activities for elementary school students will be added. The research material was obtained in three distinct ways: (a) research and bibliographic survey on the *Palikur* people, referring to cultural and social aspects, analysis of documental data on the history of the *Museu Sacaca*, analysis of the photographic collection on the first houses built by the indigenous people in the museum, (b) the second stage was the ethnographic field research, carried out in 2019, when it was possible to observe the construction of the *Palikur* indigenous house, in the open-air exhibition area of the *Museu Sacaca*. During the field research, the representatives of the indigenous peoples were interviewed, when it was possible to collect information about the importance of this space for them and the meaning of this action within the museum, material that will be explored in this work; (c) the third stage of the research was the follow-up of the act of handing over the indigenous houses to the *Museu Sacaca*, in August 2019, made through a cultural event called "*Festa dos Povos*" (Festival of the Peoples). In view of this, the pedagogical booklet will be divided into four sections: the first, a dialogue on the concepts of borders, territory and territorialities; in the second section, we will get to know the cultural diversity of the territory of the *Museu Sacaca* and the collaborative relationship with the *Palikur* people in the setting up of the "*Exposição Permanente a Céu Aberto*" (Permanent Open-air Exhibition); in the third, the meanings of the museum for the indigenous and the description of the construction of the *Palikur* house, held in 2019. And finally, in the fourth section, the experiences, cultural actions and perspectives of the indigenous people in relation to the *Museu Sacaca* and the state of Amapá.

Keywords: Palikur, Museum, House and Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Desenho ilustrativo da T. I. Uaçá localizada em Oiapoque/AP	28
Figura 2- Artesanato indígena apresentado na ação cultural Festa dos Povos	31
Figura 3- Atividade realizada em oficina de grafismo indígena.....	32
Figura 4 - Linha do tempo do Museu Sacaca.....	36
Figura 5 - Croqui da concepção inicial de montagem da Exposição a Céu Aberto.	41
Figura 6 - Ferragens de carros alegóricos abandonados na área	41
Figura 7 - Pequeno córrego preparado para peixes e o Barco Regatão	41
Figura 8 - Limpeza e nivelamento do terreno para receber o paisagismo e ambientações	42
Figura 9 - Visão da Casa do Castanheiro e Orquidário na Exposição a Céu Aberto	42
Figura 10 - Mapa ilustrativo da Exposição a Céu Aberto, em 2002.....	43
Figura 11 - Mapa ilustrativo da Exposição a Céu Aberto, em 2012	44
Figura 12 - Casa das Parteiras, inaugurada em 2014, valorizando o saber tradicional	45
Figura 13 - Samaúma das Palavras, ambiente de leitura criado em 2014.....	45
Figura 14 - Memorial do Sacaca montado em 2018, mostra a biografia de Sacaca	45
Figura 15 - Memorial Waldemiro Gomes montado dentro da Casa de Leitura em 2016.	45
Figura 16 - Casa Wayana e Aparai.....	46
Figura 17 - Ambientação da Casa Palikur.....	46
Figura 18 - Ambientação da Casa Wajãpi.....	46
Figura 19 - Espaço Samaúma das Palavras	46
Figura 20 - Bloco Pedagógico revitalizado e equipado com recursos de multimídia	46
Figura 21 - Área da Exposição a Céu Aberto, destaque para a Casa Palikur	50
Figuras 22 a 24 - Casas indígenas Palikur, construídas em 2001, 2011 e 2019.	51
Figuras 25 a 30 - Etapas da construção da primeira Casa Palikur, 2001.	51
Figura 31 - Primeira Casa Palikur antes da revitalização de 2011.	53
Figuras 32 e 33 - Etapas da construção da segunda Casa Palikur, 2011	54
Figuras 34 e 35 - Evolução da deterioração da segunda Casa Palikur.	55
Figura 36 - Reunião com representantes indígenas e governamentais, em maio de 2019	56
Figura 37- Terceira Casa Palikur, construída em 2019.....	56
Figura 38 - Indígenas que construíram a Casa Palikur, em 2019.....	56
Figuras 39 a 41 - Localização da construção e matéria-prima vinda de Oiapoque-AP	57
Figuras 42 a 44 – Preparação da madeira para a estrutura da casa, 2019.....	58
Figura 45 - Marcação do espaço da construção, 2019.....	58

Figura 46 - Montagem da estrutura de esteios e telhado, 2019.....	58
Figuras 47 a 49 - Cipó-titica e palha, material para cobertura e paredes, 2019	59
Figuras 50 a 52 - Sequência da etapa de montagem do telhado, 2019.	59
Figuras 53 a 55 -Telhado com detalhes da amarração, encaixe das peças de madeira	59
Figuras 56 a 57 - Etapa de construção do assoalho de paxiúba da Casa Palikur, 2019.	60
Figuras 58 a 61 - Bancos em miniatura, feitos de madeira, acervo da Casa Palikur	61
Figura 62 - Desenho do Banco Espadarte.....	62
Figura 63 - Banco do Jacaré.....	62
Figura 64 - Desenho do Banco Cobra Grande.....	63
Figuras 65 a 70 - Bancos indígenas em forma de animais	64
Figuras 71 a 72 - Cerâmicas diversificadas do povo Palikur	65
Figura 73 - Pote duplo Palikur.....	66
Figura 74 - Cuias Palikur.....	66
Figura 75 - Maracá Palikur	67
Figuras 76 a 77 - Tipiti e Peneira, feitas de fibra natural	68
Figuras 78 a 80 - Indígena Palikur demonstrando habilidade no trançado de fibras naturais	69
Figura 81 - Modelos de Bordunas.....	70
Figura 82 – Praça das Etnias	71
Figura 83- Grafismo no piso da praça das Etnias	71
Figuras 84 a 87 - Representações da diversidade cultural amapaense e Totem da Praça	72
Figuras 88 a 91 - Estudantes na Festa dos Povos e indígenas atuando como mediadores	75
Figuras 92 a 93 – Quadro de Ranking de visitas ao Museu Sacaca, em 2019	76
Figuras 94 a 96 - Casa Palikur, Casa Wayana e Aparai e Casa Wajãpi.....	78
Figuras 97 a 98 - Alunos na casa Aparai e Wayana na Festa dos Povos.....	78
Figura 99 - Visitantes no Museu Sacaca durante a Festa dos Povos, em 2019	78
Figuras 100 a 101- Registros dos indígenas na Festa dos Povos	84
Figura 102 - Trilhas na Exposição a Céu Aberto.....	85
Figura 103 - Indígena Palikur no Museu Sacaca.....	85
Figuras 104 a 105 - Danças indígenas na Festa dos Povos e visitantes nas casas	86

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	11
2-PERCURSO METODOLÓGICO PARA ELABORAÇÃO DO PRODUTO FINAL	15
2.1 - Metodologia da Pesquisa	16
3 - PRIMEIRA SEÇÃO: POVO PALIKUR, TERRITÓRIO E FRONTEIRA	21
3.1 - Localização territorial do povo Palikur.	24
4 -SEGUNDA SEÇÃO: PATRIMÔNIO CULTURAL E SUA RELAÇÃO COM OS MUSEUS	29
4.1 - Histórico do Museu Sacaca	32
4.2 - Um novo olhar sobre territórios museais	36
4.3 - Processo de instalação e revitalização da área da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca.....	40
5 -TERCEIRA SEÇÃO: OS PALIKUR UM RETORNO ÀS SUAS MEMÓRIAS	47
5.1 - Histórico das construções das Casas Palikur no Museu Sacaca	50
5.2 - Primeira construção da Casa Palikur, em 2001	51
5.3 - Segunda construção da Casa Palikur, em 2011	53
5.4 - Terceira construção da Casa Palikur, em 2019	54
5.4.1 - Coleta, transporte dos materiais e definição do local	57
5.4.2 - Armação da estrutura da casa	57
5.4.3 - Preparação das palhas para a cobertura e paredes	58
5.4.4 - Estrutura do piso	60
5.5 - Objetos que compõem o acervo da Casa Palikur	61
6 - QUARTA SEÇÃO: FESTA DOS POVOS, UM DIÁLOGO INTERCULTURAL ...	69
6.1 - O Museu Sacaca como uma zona de contato	72
6.2 - Entrega das casas indígenas na Festa dos Povos	77
6.3 - Reivindicações dos Povos Indígenas no Amapá	79
6.4 - Festa dos Povos: vivências e significado de museu para os povos indígenas	81
7- CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	97

ANEXO A -Ofício de Solicitação para Pesquisa no Museu Sacaca	97
ANEXO B -Ofício de Autorização de Pesquisa no IEPA/Museu Sacaca	98
ANEXO C -Declaração de Participação de Pesquisa no Museu Sacaca	99
ANEXO D -Ofício de Autorização para Divulgação de Pesquisa	100
ANEXO E -Ofício de Conhecimento de Material Educativo do Museu Sacaca	102
ANEXO F- Termo de Autorização de Divulgação de Imagem e Entrevista	104
PRODUTO FINAL- Caderno Pedagógico e de Atividades	105

1 INTRODUÇÃO

São muitas as discussões que envolvem os museus e suas formas de representação. Todavia, para que os museus se fortaleçam, eles necessitam se adaptar às mudanças políticas e socioculturais mais amplas, o que exige um posicionamento na sua missão no mundo contemporâneo. A propósito, a pesquisadora Regina Abreu, define os museus como “grandes casas (em sentido material e figurado), espaços consagrados e consagradores de histórias, lugares de memória, de colecionamento e de armazenamento de objetos [...] são espaços perenes que habitam nosso imaginário e nossa imaginação” (2019, p.182). Nesta perspectiva, muitos são os significados que os museus, por meio dos seus discursos e objetivos, podem influenciar na percepção e formação de seu público.

No âmbito das políticas culturais, o campo dos museus pode ser visto como agente de lutas sociais e políticas de grupos étnicos. Baseado nisso, é possível observar a trajetória histórica sobre a participação dos povos indígenas em espaços museológicos, em meados da década de 1990, esses povos passam a ter uma atuação diferenciada nesses lugares. Por meio de um posicionamento, uma política de valorização e reconhecimento dos povos indígenas, surgem no Brasil alguns museus efetivamente indígenas, a exemplo do Museu Kuahí, dos povos do Oiapoque, localizado no extremo norte do estado do Amapá. Dentre esses povos do Oiapoque, destacam-se os Palikur, povos que vivem nas áreas de fronteira do município de Oiapoque e da Guiana Francesa.

A pesquisa intitulada “Os Palikur, casas e memórias: vivências no Museu Sacaca”, busca compreender as relações estabelecidas pelos povos Palikur junto ao Museu Sacaca — este, localizado na capital do estado do Amapá, a cidade de Macapá —, a trajetória histórica deste povo indígena dentro da instituição, seu protagonismo na organização e montagem da “Exposição a Céu Aberto”, que aconteceu por meio da edificação das casas indígenas e a inserção de alguns objetos que fazem parte de suas memórias e de práticas cotidianas em suas aldeias, foi o objetivo precípua desta análise.

Desta forma, é possível compreender o museu como um espaço de construção de memórias, de divulgação de informações, de conhecimentos, de pesquisas e com um potencial no setor educativo. Por essas afirmativas, a discussão teórica e a pesquisa de campo, realizadas em 2019 no Museu Sacaca, junto aos povos indígenas que encontravam-se em processo de edificação de réplicas de suas casas dentro da Exposição a Céu Aberto, foi sistematizada, não em forma de dissertação, mas em produto técnico, com uma estrutura que pudesse alcançar o maior público visitante dessa instituição, dentre eles: os professores

e alunos das redes públicas e particulares que frequentam esse espaço museal.

De que maneira o povo Palikur tem se apropriado do espaço museológico do Sacaca em uma perspectiva de valorização de suas memórias e, de reconhecimento de luta dos povos indígenas? Quais as relações estabelecidas entre o Museu Sacaca os povos indígenas? Estes foram os questionamentos norteadores desta pesquisa.

Com base nessas reflexões foi possível elaborar um produto técnico, denominado “caderno pedagógico”, que traz em seu conteúdo as vivências do povo Palikur no espaço do Sacaca, as quais tornaram-se mecanismo de divulgação de sua cultura, suas memórias, bem como, as reivindicações desse povo. A experiência profissional desta pesquisadora dentro do espaço museológico do Sacaca como pedagoga, constituiu-se fator que influenciou a decisão de elaborar um produto técnico, por compreender que existe uma lacuna nesse sentido, se fazendo *mister* a produção de material pedagógico que sirva como fonte de pesquisa e, que proporcione o diálogo com instituições escolares e alunos dentro do Museu Sacaca. Além disso, pode incentivar e aprofundar outras pesquisas sobre os povos indígenas do estado do Amapá, num diálogo contínuo com essas populações tradicionais que são retratadas na Exposição a Céu Aberto, tornando ainda mais oportuno a elaboração deste produto, qual seja, o caderno pedagógico.

Nas seções deste produto se encontram informações que tratam de objetivos específicos que foram analisados e expostos numa linguagem clara e acessível ao público alvo, a saber: o contexto histórico do Museu Sacaca e sua relação com o povo Palikur a partir dos objetos expostos no circuito museal; a descrição e análise sobre a construção da casa Palikur construída em 2019 no Museu Sacaca, destacando a cultura material e imaterial desses povos; análise, a partir do conhecimento indígena, sobre os significados de museu e suas percepções sobre esses espaços museais, além de tópicos como, análise das ações culturais, estabelecidas entre os povos indígenas e o Museu Sacaca, compreendendo-o como um espaço de reconhecimento desses povos.

No processo de revitalização e construção das casas indígenas, em 2019, participaram quatro etnias: os Palikur, os Wajãpi, os Aparai e os Wayana. É importante destacar que os Wayana e os Aparai vivem no estado do Pará, mas desde a década de 1990, apoiados pelo governo do estado do Amapá, iniciaram um “processo de organização política desses povos indígenas com a criação da Associação dos Povos Indígenas do Tumucumaque-APITU”. Geralmente, os Wayana e os Aparai frequentam a capital, Macapá, com o objetivo de “estudar, cuidar da saúde, comercializar seus artesanatos e até mesmo fazer compras”, como menciona a pesquisadora, Lucia van Velthem (2010, p.17).

Apesar da finalidade desta pesquisa está direcionada ao povo Palikur como destaque, vale informar que as casas Palikur e a Wajãpi edificadas no Museu Sacaca são consideradas residenciais e a casa dos Wayana e dos Aparai é uma casa comunitária, de reunião chamada na língua Aparai, Porohtoh, Porohtopo e na língua Wayana, de Tucusipan.

Desta forma, seguindo as recomendações técnicas institucionais que amparam este estudo, foi organizada a pesquisa do produto técnico direcionado, de forma exclusiva, a uma etnia concentrando informações descritivas e analíticas sobre esse povo e a sua representatividade no Museu Sacaca, permitindo adensar a etnografia sobre os Palikur.

Este produto técnico vem partilhar as experiências e saberes observados na pesquisa de campo de caráter etnográfico realizada no Museu Sacaca em 2019, além de relatos coletados por pesquisadores como: Velthem (2017, 2012, 2010, 1983); Athias (2015, 2010); Abreu (2019); Cury (2005); Castro (2016); Franco (2019); Kok (2018); Novaes (1983); Shepard Jr, López Garcés, Robert, Chaves (2017); Capiberibe (2021, 2016, 2010, 2007); Gallois (2009, 2004); Vidal (2016, 2009); Vidal, Levinho e Grupione (2016); bibliografias do Instituto de Pesquisa e Formação Indígena-IEPÉ (2013, 2011, 2009), dentre outros autores de igual relevância que podem ser vistos nas referências bibliográficas, que se dedicam ao estudo sobre os povos indígenas e sobre os museus.

O caderno pedagógico foi estruturado em quatro seções: na primeira, se discorre sobre os conceitos de fronteiras, de território e territorialidades; na segunda, é apresentada a diversidade cultural do território museal, em especial, a do Museu Sacaca, e a relação colaborativa com o povo Palikur na montagem da Exposição Permanente a Céu Aberto. Na terceira parte, têm-se os significados de museu para os indígenas e a descrição sobre a edificação da casa Palikur realizada em 2019. Por fim, na quarta seção, são abordadas as vivências, as ações culturais e as perspectivas indígenas junto ao Museu Sacaca e ao estado do Amapá.

Vale enfatizar, que foi elaborado um encarte com sugestões de atividades pedagógicas que podem ser desenvolvidas com os alunos em visitas mediadas no museu, ser selecionada e executada conforme o planejamento do setor educativo do Museu Sacaca. O produto final visa colaborar com os seguintes setores do Museu Sacaca: o Núcleo de Museologia, a Casa de Leitura Aracy Mont'Alverne e o Setor Educativo, que são responsáveis por atender aos professores e alunos que buscam informações sobre o histórico do Museu Sacaca e sobre os povos indígenas que vivem no Amapá.

Desta forma, foi possível observar que, por muito tempo, os povos indígenas foram apresentados em museus, por meio de objetos, de coleções, ou por discursos narrados pelos

‘outros’, os não índios. Atualmente, eles buscam os seus espaços e, nesta pesquisa, foi possível observar e registrar os anseios dos povos indígenas que vivem no Amapá de serem interlocutores ou autores dentro desses espaços e poderem narrar suas histórias, apresentar sua cultura, suas memórias e seus artesanatos, enfim, poder compartilhar de forma interativa, seus conhecimentos com os turistas, professores e alunos. É por meio de narrativas importantes como estas, de lutas contemporâneas dos povos indígenas em territórios museológicos, que se almeja colaborar com a propagação de seus anseios, percebendo os museus como espaços vivos e dialógicos, que podem favorecer a valorização de comunidades tradicionais como, as ribeirinhas, as extrativistas, os quilombolas e, as indígenas.

2 PERCURSO METODOLÓGICO PARA A ELABORAÇÃO DO PRODUTO FINAL

Desde os seus primórdios os museus são fontes de discussões e de pesquisas. Em 1958, o etnólogo, Claude Lévi-Strauss, já assinalava que os museus etnográficos e de antropologia eram considerados como “espaços singulares e privilegiados para a pesquisa, um espaço de estudos das sociedades tradicionais”.

Em 2002, foi criado no Museu Sacaca, em Macapá, um espaço com uma proposta expositiva a céu aberto que retratasse as realidades das populações tradicionais da Amazônia. Este espaço foi construído com a participação dessas populações, entre elas os povos indígenas, tornando-se um diferencial para o museu. Atualmente, participam desse espaço as etnias Palikur, Wajãpi, Aparai e a Wayana, que por meio da edificação de suas casas e de seus artefatos, apresentam à sociedade local, nacional e internacional, elementos da memória e da diversidade cultural de seus povos.

A casa é um elemento importante de expressão em diferentes sociedades do mundo, tendo características específicas de tamanho, forma, estilo, materiais para a edificação, além de estar diretamente relacionada ao processo sociocultural, estabelecendo relações entre os indivíduos, comunidades e grupos sociais, assim como podem estar associadas a análises sobre território, lugar, paisagem, cultura, lembranças, memórias, entre outras temáticas. Ao relatar a construção das casas indígenas no Museu Sacaca é possível observar muitos fatores “existe a possibilidade de se encontrar certos materiais, o nível técnico, o espaço, a visão de um povo, a estrutura da família, do clã e as relações sociais” (RAPOPORT, 1972, p.65 *apud* NOVAES, 1983, p.5).

Em se tratando de museus como um lugar diversificado, que pode ter um discurso de exclusão ou de luta, pode-se dizer que os povos indígenas têm tomado consciência e se apropriado de determinados lugares, como os museus, observando-os como espaços de luta por reconhecimento, no que se refere aos seus direitos e garantias.

Desta forma, por meio da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca, os povos indígenas puderam e podem representar o cotidiano de suas aldeias, inserir elementos que representassem a sua identidade e a sua cultura, com um diferencial importante: não era a concepção dos técnicos, mas, sim, o olhar deles no processo de constituição da narrativa museográfica. Isso levou a reflexão sobre a importância dos museus para os povos indígenas e suas relações neste espaço, em uma perspectiva de reconhecimento, de comunicação e de relações culturais.

Nesta pesquisa visamos compreender o significado de museu para os povos Palikur, e de que maneira esse espaço tem estabelecido relações de valorização das memórias e da diversidade cultural dos povos indígenas, seja por meio de seus relatos, das suas vivências e da construção de suas casas dentro do circuito expográfico do Museu Sacaca.

Esta análise potencializou a discussão sobre a temática indígena nos territórios museológicos apresentando as perspectivas desses povos diante do anseio de serem os representantes de suas próprias etnias neste museu e não mais ser representados por um não índio. Além disso, os museus são importantes fontes de pesquisa e comunicação que podem, por meio de suas narrativas museográficas e ações educativas e culturais, ser difusores e influenciadores da cultura indígena ao público que frequenta esse espaço, como as instituições escolares, e desta forma, diminuir pensamentos preconceituosos relacionados a esses povos.

2.1 Metodologia da Pesquisa

Considerando que os museus são locais de fluxo de pessoas, de culturas e nacionalidades distintas, eles se tornam um local de potencialidades para discursos políticos, sociais, culturais e educacionais, um laboratório que pode fomentar a pesquisa museológica, antropológica, sociais, entre outras áreas de estudo.

O percurso metodológico para a elaboração do produto técnico foi organizado seguindo três etapas, que serão mencionadas, por meio de uma abordagem qualitativa. Para conduzir as ações relacionadas a esta pesquisa, foram utilizados como procedimentos de investigação a pesquisa bibliográfica, documental e, a de caráter etnográfico vivenciada no Museu Sacaca, junto aos povos indígenas. Segundo Gil (2002, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A primeira etapa foi o levantamento bibliográfico, a partir de autores já mencionados anteriormente, sobre a etnia Palikur, referente aos aspectos culturais e sociais que foram essenciais para fundamentar as análises sobre o processo histórico, características específicas sobre a cultura, sobre as casas tradicionais, sobre os objetos e outras informações mencionadas no caderno pedagógico. Além de pesquisadores que constam nas referências bibliográficas, os quais analisam as narrativas museais, as coleções e os objetos etnográficos sobre os povos indígenas.

A segunda etapa foi a pesquisa documental, que, para Gil (2002, p. 45), é semelhante à pesquisa bibliográfica, “o que a diferencia é a natureza das fontes, uma vez, que a pesquisa

documental trabalha com material que ainda não recebeu tratamento analítico, ou que ainda pode ser reelaborado de acordo com os objetivos da pesquisa”. Ainda, de acordo com Gil (2002, p. 46), a pesquisa documental apresenta algumas vantagens por ser uma “fonte rica e estável de dados”. Sendo assim, foram analisados os dados documentais que versam sobre a história do Museu Sacaca, como o projeto pedagógico e museológico, destacando-se a concepção museológica adotada pelo Museu Sacaca, operacionalizadas a partir da iniciativa e da participação das populações tradicionais do estado do Amapá na Exposição a Céu Aberto. Foram selecionadas fotos do acervo do Núcleo de Museologia sobre as etapas de revitalização do espaço em que foi construída a Exposição a Céu Aberto em 2002, e ainda, as primeiras casas edificadas pelos indígenas nesta área, dentre elas: as que compõem o acervo de 2001 e 2011. Outros documentos analisados foram os relatórios anuais sobre as atividades educativas e culturais realizadas em 2019, por ter sido o ano em que houve a construção das casas indígenas no Museu Sacaca realizada pelos representantes de cada etnia, Palikur, Wajãpi, os Wayana e os Aparai. Sendo que em 2019 foi inserida uma nova casa das etnias, Wayana e Aparai. Ressalta-se ainda o relatório técnico do Núcleo de Museologia que fez a descrição sobre a edificação das três casas indígenas construídas em 2019 que contribuíram para essa fase da pesquisa documental.

Um dos documentos interessantes acessado foi o livro de registro de visitantes utilizado para identificar o número de pessoas que entram no Museu Sacaca. Destacam-se informações sobre a nacionalidade, o gênero, o mês e o ano da visita. Na análise desses dados foi possível identificar que, as mulheres participam com maior frequência das atividades oferecidas pelo Museu Sacaca e, que em janeiro, maio, agosto e outubro de 2019 foram os meses em que o Sacaca recebeu o maior número de visitantes locais e de turistas. Assim, alguns fatores influenciaram para esses números, dentre eles, o de janeiro corresponde ao mês de férias escolares o que acaba intensificando as visitas ao museu; o mês de maio, além das atividades e projetos propostos pelo museu, acontece uma programação nacional denominada de semana de museus, coordenada pelo Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM para comemorar o dia internacional dos museus, sendo o tema de 2019 denominado de Museus como núcleos culturais: o futuro das tradições. Essa ação cultural intensifica a participação das comunidades tradicionais do estado, as escolas, os acadêmicos e outros grupos comunitários. Agosto e outubro foram meses em que as ações educativas e culturais ganharam destaque, a própria revitalização de espaços educativos como, a Samaúma das Palavras e o de Multimídias foram determinantes para a maior participação do público. O de outubro, por ser direcionado a

programação infantil, é um mês em que o museu planeja várias atividades, como: contação de histórias e oficinas pedagógicas com o intuito de atrair às famílias e as crianças para o espaço museal.

O Núcleo de Museologia possui um acervo fotográfico e documental registrado nos dados do diagnóstico da documentação museológica do Museu Sacaca realizado em 2003, por técnicos do setor da Divisão de Pesquisa e Acervo-DPA, assim designada neste período, seguindo essas nomenclaturas e quantidades: objetos em exposição 1.219; objetos em reserva 310, fotografias 3.800; *slides* 261; fitas de vídeo 22; fitas K-7 66; CD 20; documentos 333, livros 11, totalizando 6.031. Atualmente esses documentos fazem parte do setor da Museologia. Ressalta-se que não foi possível apresentar dados atuais sobre o número de documentos ou do acervo, em razão da equipe técnica está atualizando as novas informações.

Portanto, os dados documentais disponibilizados pelo Núcleo de Museologia como o projeto museológico, pedagógico, os relatórios da edificação das casas indígenas, da Coordenadoria de Difusão Científica e Tecnológica-CDCT, do acervo fotográfico impresso ou digitalizado, livro de registro de visitantes de 2019, contribuíram, de forma significativa, para subsidiar as informações que fundamentaram a seção que trata sobre o histórico do Museu Sacaca e a retrospectiva sobre a participação dos Palikur neste espaço museológico, destacando o protagonismo e a ação colaborativa desses povos.

A terceira etapa foi a pesquisa de campo de inspiração etnográfica. Como sugere Cardoso (2014a, 2014b) e Cardoso e Nascimento (2017, 2019) durante a realização de pesquisas de caráter etnográfico é fundamental que o pesquisador ou a pesquisadora dediquem atenção especial às categorias acionadas por seus interlocutores, assim como os contextos particulares nos quais elas emergem, de modo que se possa identificar, de maneira adequada, o universo de significados que informam as práticas e as visões de mundo destas pessoas, procedimento inicialmente defendido por Malinowski (1978). Afinal, a dimensão simbólica da vida social só é possível de ser acessada por meio das concepções de mundo dos interlocutores da pesquisa, como destaca Cardoso de Oliveira (2018). Para isto, é necessário que, como aponta Strathern (2014), a etnografia não se limite a expor as narrativas dos seus interlocutores sem a devida problematização, visto que a antropologia mostra todo seu potencial quando é capaz de proporcionar o encontro criativo entre as categorias nativas que emergem durante a pesquisa de campo e o conhecimento teórico da disciplina, Peirano (1991).

Tendo isto em mente, em 2019 foi realizado o estudo etnográfico que sustenta esta pesquisa. Neste ano, por meio da observação participante, foi possível acompanhar a

construção da casa indígena Palikur na área da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca e conversar com seus representantes durante este processo, lançando mão do olhar e do ouvir como parte fundamental do procedimento etnográfico mencionado por Cardoso de Oliveira (1998). Ainda durante a pesquisa de campo, foi possível realizar entrevistas formais com alguns representantes Palikur. Nessa etapa, coletou-se informações sobre a importância e o significado do espaço museal para eles, assim como, sobre o material utilizado na construção das réplicas das suas casas e seus significados. Também, por meio da pesquisa de campo, foi possível acompanhar o ato de entrega das casas indígenas para o Museu Sacaca, em agosto de 2019, realizada por meio de uma ação cultural e educativa denominada, “Festa dos Povos”. Nesta ação aconteceu a reunião de outros povos indígenas que vivem no Amapá — os Wajãpi, os Karipuna, os Galibi, os Aparai e os Wayana —, momento em que os indígenas foram os interlocutores, os autores sociais, representando seu povo e sua cultura. Esse ato faz parte de uma reivindicação desses povos, qual seja, atuar como os mediadores para poder dialogar com os visitantes, professores e alunos dentro do espaço do Sacaca.

Foi realizado registro fotográfico dos detalhes da casa Palikur, para a composição das etapas da seção que trata sobre as memórias desses povos, além de fotos do relatório do Núcleo de Museologia. Nesta etapa foi possível coletar informações, sobre a importância e o significado do espaço museal para eles, material este que foi explorado no caderno pedagógico.

Os sujeitos desta pesquisa foram os indígenas que edificaram a casa Palikur em 2019 no Museu Sacaca, sendo o cacique e cinco outros indígenas da etnia Palikur, moradores da aldeia Kumenê e da aldeia Kwahi, que está localizada no km 21 da BR 156. Ao cacique foram feitas perguntas para compreender o significado de conceitos importantes que fundamentaram as seções do caderno pedagógico, dentre elas: qual o significado de museu, de território, de patrimônio cultural e de fronteira? Esses significados foram descritos nas seções do caderno pedagógico. Além de perguntas específicas sobre as matérias-primas utilizadas na construção da casa Palikur. Foi possível ainda agregar a esta pesquisa depoimentos e discursos de outras etnias que estavam no Museu Sacaca compartilhando os seus conhecimentos tradicionais durante a ação cultural e educativa.

A edificação da terceira casa indígena Palikur, tornou-se um elemento importante relacionado à memória, permitindo o diálogo com esses povos. Para a organização do caderno pedagógico, foram utilizadas imagens, infográficos, fotos analisadas e selecionadas do acervo do Sacaca, da pesquisa etnográfica e de fotógrafos que contribuíram com a pesquisa. Todo o

acompanhamento das atividades dentro do espaço museológico do Sacaca foi solicitado, via ofício, pelo Programa do Mestrado de Estudos de Fronteiras- PPGEF/UNIFAP (Anexo A) e autorizado pelos gestores do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá-IEPA e da Coordenadoria de Difusão Científica e Tecnológica/CDCT - Museu Sacaca (Anexo B). Os indígenas foram informados pelos técnicos do Museu Sacaca sobre a pesquisa que estaria sendo realizada com eles e, com a anuência do Cacique dos Palikur, Gilberto Iaparrá, responsável por esta ação realizada no Sacaca, foi autorizado o trabalho de pesquisa no período em que estavam edificando a terceira casa Palikur (Anexo F).

Assim, tanto o caderno pedagógico quanto o de atividades, foram elaborados com uma linguagem acessível e lúdica, visando contribuir com pesquisas sobre a temática para o público alvo, qual seja, professores e alunos. Acredita-se que este produto pode contribuir ainda, com a pesquisa museológica sobre a diversidade cultural desses povos dentro do Museu Sacaca, a priori, em três setores distintos: primeiro no Núcleo de Museologia - NUMUSEO/Decreto 1333/11 de abril de 2017; segundo, na Casa de Leitura Aracy Mont'Alverne, que recebe diariamente estudantes e pesquisadores de todos os níveis e modalidades e, terceiro, na Gerência de Projetos e Difusão Científica do Museu Sacaca, cuja atribuição é recepcionar, atender e desenvolver atividades lúdicas, palestras e oficinas pedagógicas junto aos turistas, grupos comunitários, ONGs e instituições de ensino públicas e privadas, nas esferas, federal, estadual e municipal.

Aos indígenas, este material pode contribuir enquanto veículo informativo e prático para o público que frequenta o Museu Sacaca, proporcionando maior divulgação sobre a diversidade cultural dos povos Palikur, junto aos professores e alunos que frequentam o espaço museal, fomentando o conhecimento sobre a cultura desse povo, novas pesquisas, novos questionamentos, uma vez que muito se tem a aprender com esses povos. Além disso, nesta pesquisa destacam-se as reivindicações e os anseios dos povos indígenas, no sentido de serem os representantes de suas etnias, atuando como os mediadores e responsáveis em divulgar e comunicar os elementos de suas memórias, de sua identidade dentro do espaço do Museu Sacaca. A pesquisa etnográfica permitiu também a elaboração de um encarte com uma narrativa lúdica, na qual, o diálogo entre os personagens, o indígena criança e o tracajá, remetem às falas das entrevistas ou dos discursos coletados durante essa etapa da pesquisa. A escolha pelo tracajá como mascote desta narrativa foi influenciada por ser um dos animais que os indígenas citavam em suas falas, e ainda, por ser uma espécie de quelônios em que os visitantes sempre doam ou entregam aos cuidados do Museu Sacaca. Também foram apresentadas sugestões de atividades

e jogos pedagógicos, com o objetivo de estimular as crianças e os jovens a se interessar e conhecer mais sobre a cultura dos povos indígenas que vivem no Amapá, motivando-os a buscar novas pesquisas, em um processo ativo de conhecimentos, respeito às diferenças e valorização da herança cultural dos povos Palikur. As atividades tratam de conteúdos sobre o território indígena, o patrimônio cultural material e imaterial e a casa Palikur que estão detalhados no caderno pedagógico.

Vale dizer que é comum que os povos indígenas venham de seus territórios e participem das atividades desenvolvidas no Museu Sacaca, comumente, em quatro encontros básicos: nos meses de abril (abril indígena e aniversário da Exposição a Céu Aberto), maio (Semana Nacional dos Museus), setembro (Primavera dos Museus) ou quaisquer outros encontros solicitados por eles ou pelo Museu Sacaca. Sugere-se que a produção deste material, o caderno pedagógico e o de atividades, sejam impulsionados e disponibilizados para o prosseguimento deste diálogo intercultural com os Palikur dentro do espaço museológico para que outros elementos sejam compartilhados e agregados à temática indígena.

3 PRIMEIRA SEÇÃO: POVO PALIKUR, TERRITÓRIO E FRONTEIRA

A discussão de fronteira está relacionada com a formação dos Estados Nacionais, para garantir a estabilidade, a segurança e a soberania do Estado, reforçando a relação território e poder. Atualmente, porém, as fronteiras ganharam novos significados. Nesta seção será tratado sobre os conceitos de território e fronteira em seu campo clássico, material, real, visível e no contemporâneo, simbólico, imaginário ou invisível.

Segundo o “Dicionário Online de Português” (2021), etimologicamente, fronteira vem do francês *frontière* e seu significado é “Limite, linha que divide ou delimita separando um país ou um território de outro (s); Região que está ao lado ou próxima desse limite”. No sentido figurado, “Separação; linha que demarca, separa ou distingue uma coisa de outra”. “Divisão entre dois âmbitos ou espaços físicos ou abstratos”. Analisando esses conceitos, pode-se perceber que nesses tipos de fronteiras estão inseridas as fronteiras geográficas e simbólicas. Chama-se atenção para as simbólicas, quando separa, delimita, impõe limites, entre o “eu” e o “outro”, entre o “dentro” e o “fora” entre a minha cultura e a do outro, a minha religião e a do outro, o meu território e o do outro, a minha língua e a língua do outro, e tantas outras demandas de grupos minoritários que lutam por espaços e pelo respeito às diferenças.

Assim, indígenas, negros e outros grupos têm vivido as contradições e os

desdobramentos das fronteiras ora visíveis e reais, ora simbólicas e invisíveis. Pesavento menciona as fronteiras simbólicas como:

A fronteira é enfim, menos uma linha que um espaço, menos um marco físico ou natural que um sistema simbólico encerra em si um significado que opera para além dos aspectos territoriais". A partir de tais acepções, podemos observar que a fronteira significa em uma relação binária de oposição, representando aquilo que separa, marcando a distinção entre dois ou mais territórios, sinalizando a existência da diferença ao mesmo tempo em que os aproxima, através de uma ponte, de uma avenida, de marcos divisórios, entre outros (2002, p. 36).

Em um contexto cultural e social, a ideia de fronteira acaba se desdobrando em outros significados. "A dimensão simbólica da fronteira é moldada, é a Alteridade"; "a fronteira demarca as diferenças ao estabelecer o dentro e o fora e ao mesmo tempo precisa dessa diferença para existir". "A fronteira se constrói a partir da diferença, se molda rente à alteridade e precisa dela para determinar-se. A fronteira, então, denuncia as tensões entre dois espaços: o dentro e o fora; o Eu e o Outro", Souza (2014, p. 475-477). Nesta análise, as fronteiras são espaços que são construídos em meio às diferenças, permitindo a "descoberta" e o "desencontro", como menciona José de Souza Martins (2014), os intercâmbios, os fluxos, o "contato, da mistura, da troca, do hibridismo, da mestiçagem cultural e étnica" (PESAVENTO, 2002, p. 37).

Na contemporaneidade, ao analisar os conceitos de fronteira e de território, devem ser levados em consideração, como pontos fundamentais, as práticas sociais, as relações e as ações políticas do Estado. Segundo Rodrigues (2015, p.140), a fronteira não é mais entendida somente como as "delimitações físicas ou políticas"; devemos analisar a presença dos "sujeitos e das relações", da mesma forma, que "o território não é mais compreendido somente como uma demarcação espacial, dotado de características físicas e sociais".

Compreende-se que tanto os conceitos de fronteira quanto de território, acompanharam as transformações da sociedade. Não podemos pensar nestes conceitos sem analisar os sujeitos históricos e as suas relações nos espaços geopolíticos, sociais e culturais.

Outro estudioso, Foucher (2005, p.19-24), retrata as tipologias das fronteiras e nos leva à seguinte reflexão: para que servem as fronteiras? Existem segundo o autor, as seguintes fronteiras: "a real, simbólica e a imaginária". Cada uma possui características próprias. A real é constituída de "limite espacial, de soberania, de território e com modalidades de linha aberta, entreaberta e fechada". A simbólica está relacionada à "comunidade de um determinado território e possui uma relação direta com a sua identidade". Por fim, a imaginária, que está "relacionada com a sua história, com os seus mitos, com os seus fundadores, com o seu

relacionamento com o outro e consigo mesmo”.

Ao tratarmos de conceitos sobre fronteiras, territórios e seus significados devemos ampliar esse entendimento e levar em consideração pontos fundamentais como os sujeitos sociais, as práticas, a história, os mitos, a identidade, as relações estabelecidas e as ações políticas do Estado. Podemos destacar Saquet (2007, p. 118) que entende o território como “lugar de relações sociais, de conexões e redes, de vida, de apropriação, de patrimônio cultural”. Assim, as fronteiras estão para além da demarcação de um limite de um rio, de uma ponte ou de uma linha imaginária que separe uma ou duas nações ou territórios. Existem outros tipos de fronteiras que se desdobram em religiosas, as culturais, as políticas, as culturais, “se a fronteira cultural é trânsito e passagem, que ultrapassa os próprios limites que fixa, ela proporciona o surgimento de algo novo e diferente, possibilitado pela situação exemplar do contato, da mistura, da troca, do hibridismo, da mestiçagem cultural e étnica” (PESAVENTO, 2002, p. 37).

Em se tratando de contato, de troca, de hibridismo, de passagem, de políticas culturais, nos questionamos: e os museus do Amapá, como eles têm se posicionado diante das fronteiras simbólicas? Como os povos indígenas que vivem no Amapá têm vivenciado e participado nesses espaços culturais?

A partir desse questionamento, compreende-se os museus como espaço, lugar ou territórios que podem potencializar ou minimizar as fronteiras simbólicas. Nesse aspecto, isso depende de muitos fatores, dentre eles o discurso museológico que se quer apresentar a sociedade por meio das exposições, vontade política de seus gestores e governantes, comprometimento técnico e, principalmente, a participação efetiva dos grupos minoritários nesses territórios.

Medeiros ratifica que “território é, pois, um novo paradigma que responde a um certo número de funções geográficas, sociais e políticas, que se inscrevem no universo da memória, das representações e dos valores” (2008, p. 218).

Os lugares têm um caráter predominantemente cultural, mas contêm aspectos e processos políticos e econômicos. A territorialidade corresponde ao poder exercido e extrapola as relações políticas envolvendo as relações econômicas e culturais, indivíduos e grupos, redes e lugares de controle, mesmo que seja temporário, do e no espaço geográfico com suas edificações e relações. A territorialidade efetiva-se em todas as nossas relações cotidianas, ou melhor, ela corresponde às nossas relações sociais cotidianas em tramas, no trabalho, na família, na rua, na praça, na igreja, no trem, na rodoviária, enfim, na cidade-urbano, no rural agrário e nas relações urbano-rurais de maneira múltipla e híbrida (SAQUET, 2008, p. 90).

Assim sendo, compreende-se que as territorialidades são as vivências sociais, as situações do cotidiano, as relações estabelecidas pelos sujeitos em um determinado lugar ou território.

3.1 Localização territorial do povo Palikur

Para o povo Palikur, cada história é importante sobre o território, porque o território, ela se dá na mãe da terra, ela cuida do povo Palikur. De lá, o povo Palikur tira seus alimentos, tira seus artefatos, de onde se constrói uma vida, e, é por isso que ela é realmente o território (Cacique Gilberto Iaparrá, Oiapoque, 2020).¹

A descrição acima, feita pelo Cacique da etnia Palikur demonstra a importância do território indígena para eles, sendo a essência da vida, do cuidado, do sustento para o seu povo. A trajetória histórica dos povos indígenas que habitam a região de fronteira, entre eles a etnia Palikur, a pesquisadora Gallois (2009, p.28) menciona que, “os dez povos indígenas que vivem no Amapá e no norte do Pará encontram-se no interior da região em que o Brasil faz fronteira com a Guiana Francesa e o Suriname”. Destaca que por força das frentes de colonização do século XVII, “a localização atual é resultante de um longo processo histórico de refúgio das populações indígenas”. E que, nos “séculos XVIII e XIX se isolaram procurando lugares de difícil acesso para se guardarem dos ataques dos inimigos e de doenças”. Esses povos viviam em “florestas, em serras, em áreas de várzea, campos, em rios e em cachoeiras”.

Outros relatos sobre esses povos são destacados por Capiberibe, no final do século XVI:

Os documentos históricos descrevem uma migração Palikur da foz do rio Amazonas em direção ao norte do Amapá já no final do século XVI. No início deste século, o relato do viajante espanhol Vicente Yanez Pinzon, datado de 24 de março de 1513, declara que “[...] a província dos Paricura se encontra imediatamente a noroeste do Mar doce, ou seja, do Amazonas” (J.C. da Silva, 1861: §1637), seu companheiro de viagem, Manuel de Valdovinos estende ainda a denominação de Paricura para o rio Amazonas (J.C. da Silva, 1861: §1638). O que faz crer que os Paricura seriam uma população indígena bastante numerosa, pelo menos aos olhos dos invasores, motivo pelo qual variações de seu nome foram utilizadas para denominar a região ao norte da foz do Amazonas até meados do século XVI (2007, p. 90).

Capiberibe menciona ainda que os Palikur vivem na área do Uaçá “há pelo menos quatrocentos anos”. Nos séculos XVI e XVII, esta região, por ser próxima à área de fronteira era considerada “uma zona de refúgio”, que “as populações indígenas que eram alvo de caçadores de escravos e tropas estrangeiras procuravam para se proteger dos inimigos” (2007, p.89-90).

Lux Vidal (2009, p. 16) destaca que o povo Palikur manteve-se “escondido nas áreas de savana” e no século XIX, foram “encontrados na região dos rios Curipi e Urukauá”. A atual localização das aldeias do povo Palikur é no rio Urukauá.

Em tempos passados, a população do povo Palikur foi muito numerosa, mas, mesmo

¹ Entrevista realizada pela autora desta pesquisa ao representante dos povos Palikur, Cacique Gilberto Iaparrá que menciona o significado de território na sua concepção.

lutando e buscando estratégias para guardar o seu povo, isso não foi suficiente para se esconder dos ataques dos inimigos ou das doenças e epidemias. Capiberibe enfatiza que:

Os Palikur têm uma leitura histórica sobre esta diminuição demográfica. Associam-na diretamente ao contato com os não índios. Há dois momentos marcantes nestas histórias. O primeiro momento estaria entre o fim do século XIX e o início do século XX, quando algumas bisavós da geração atual foram sequestradas por invasores, ora chamados de portugueses ora de cearenses, mas o certo mesmo é que eram brasileiros; e, o segundo ocorrido em meados do século XX, quando uma série de epidemias liquidou parte da população (2010, p.02).

Conforme dados etnológicos, os Palikur receberam o nome de Pariucur, Paricurene, Paricour, Pariucour, Palicours (GALLOIS, 2009, p.11). Mencionam ainda que sua autodenominação é Aukwa-yene ou Pa'ikwene, ou Parikwene. Alguns relatos históricos descrevem que os Palikur eram conhecidos como guerreiros fortes e com habilidades para a navegação (CAPIBERIBE, 2016, 2007). Outro aspecto referente à autodenominação do povo Palikur, destacado por Capiberibe (2021) é que:

Cada lado da fronteira adota como etnônimo um termo distinto por considerarem 'Palikur' uma palavra imposta pelos agentes do contato, os Palikur da Guiana Francesa mais envolvidos no movimento indígena preferem autodenominar-se pelo vocábulo *Parikwene*. Já no Brasil, o nome adotado é 'Palikur', que é visto como um modo mais específico de autodesignação, ao passo que *Parikwene* é usado em seu conteúdo semântico 'índio' como um modo mais genérico de referência.²

Atualmente, em território brasileiro, os Palikur vivem na área indígena do Uaçá, com uma faixa de território de aproximadamente quinhentos mil hectares. Capiberibe (2016), descreve que teve a sua demarcação homologada no dia 29 de outubro de 1991, por meio do Decreto Federal nº 298/91. A região do Uaçá possui uma área com superfície de 470.164,0636 ha (quatrocentos e setenta mil, cento e sessenta e quatro hectares, seis ares e trinta e seis centiares) e perímetro de 278.139,44 m (duzentos e setenta e oito mil, cento e trinta e nove metros e quarenta e quatro).

A Terra Indígena Uaçá possui uma paisagem que chama atenção por sua diversidade ecológica, com vemos na seguinte descrição:

Passando mais especificamente para TI Uaçá, podemos ver que, numa área relativamente pequena, temos 4 ecorregiões representadas: campos inundados, várzea, manguezal, e florestas de terra firme. No contexto regional, 4 é o maior número de ecorregiões distintas representadas em qualquer área protegida na Amazônia Legal. Existem outras áreas protegidas com a mesma diversidade paisagística da ecorregião do Uaçá, mas nenhuma lhe é superior. E as outras áreas protegidas são todas bem maiores. Podemos dizer que, por sua categoria de tamanho, do ponto de vista estreito

² As informações estão contidas no site do Instituto Socioambiental – ISA. CAPIBERIBE, Artionka. Fonte: Instituto Socioambiental. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em:<http://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Palikur#lo_Caliza.C3.A7.C3.A3o>. Acesso em, 19/04/2021.

de conservação ambiental clássica, a TI do Uaçá é a área protegida mais interessante em toda a Amazônia Legal (D. CLEARY, 2000, p. 15 apud CAPIBERIBE, 2007, p. 39).

Quanto à localização das aldeias do povo Palikur, estão distribuídas ao longo do rio Urukauá, afluente da margem esquerda do rio Uaçá. São denominadas de Ywawka, o Yanawa, Kamuyrwa, Pwaytyaket, Kumenê, Tarukepti, Amomni, Isuwvinwa, Kwikvit, Mawihri, Mbadgewni, Irimwewni, Igimawni e a Flecha, formada principalmente por índios Galibi-Marworno. As aldeias são formadas pelo chefe de um grupo doméstico, este pode sair de uma aldeia e fundar a sua, por isso esses números são “sempre flutuantes”.³

Vale ressaltar, que ao final desta pesquisa, em 2021, obteve-se a informação da existência de mais quatro aldeias, são elas, Kwahi, Ikawakuh, Masika e Tipoca, dados mencionados pelo indígena Nonato Hipólito⁴ que mora na aldeia kumenê.

Na região de Oiapoque, existem ainda mais duas terras indígenas (T.I.). “A Juminã, que possui uma superfície de 41.601 ha e é onde vivem os Galibi Marworno e os Karipuna”. Essas terras foram homologadas através do decreto s/n, DOU de 22/05/92, e a T.I. Galibi, onde vivem os “Galibi do Oiapoque e os Karipuna, possui uma superfície de 6.689 ha”. Essas terras foram homologadas pelo “decreto nº 87844, DOU de 22/11/82” (CAPIBERIBE, 2016, p.88).

Para esses povos, a demarcação de seus territórios é uma importante conquista diante dos desafios e lutas enfrentadas ao longo de suas histórias. Gallois (2004, p. 39), menciona que a noção de “Terra Indígena” diz respeito, “ao processo político-jurídico conduzido sob a égide do Estado, enquanto a de “território” remete à construção e à vivência, culturalmente variável, da relação entre uma sociedade específica e sua base territorial”.

Logo, estudar os conceitos de território e de fronteira, na contemporaneidade, torna-se muito importante. Estes conceitos têm chamado atenção de muitos pesquisadores preocupados com fenômenos como a migração, mobilidades, circulação de pessoas, de bens, territorialidades e outros objetos de pesquisa correlacionados entre si.

Há uma pluralidade de temas que podemos estudar a partir dos conceitos de territórios. Na visão de Becker (1983), diz que o território corresponde às “relações de poder dos diferentes atores sociais”. Nessa mesma linha de pensamento, Sack (1986) diz que é a “delimitação de uma área sobre a qual é exercida uma forma de poder para controlar os autores e as suas ações

³ As informações estão contidas no site do Instituto Socioambiental – ISA. CAPIBERIBE, Artionka.

Fonte: Instituto Socioambiental. Povos Indígenas no Brasil.

Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Palikur#loCaliza.C3.A7.C3.A3o>>. Acesso em, 19/04/2021.

⁴ Interlocutor que contribuiu com esta pesquisa, em 2021, o indígena da Aldeia Kumenê Nonato Hipólito.

sociais”. O artigo 231 da Constituição Federal de 1988, diz que “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens” (BRASIL, 1988, p. 133). A Constituição Federal delimita e estabelece os direitos originários aos povos indígenas. Muitos indígenas questionam: até que ponto esses direitos são realmente guardados pela carta magna? E os seus territórios são respeitados ou são violados? Deixamos esse questionamento registrado, mesmo não sendo o objetivo desta pesquisa responder ou refletir em sua totalidade sobre tema.

Para Raffestin (2008, p. 26), espaço e território não são palavras que podem ser substituídas uma pela outra. O “espaço antecede o território e este é gerado a partir do espaço”. O indivíduo projeta no espaço um trabalho, uma força, adaptando-se às necessidades da comunidade ou da sociedade.

Em se tratando de territórios indígenas, os Palikur são povos que vivem nos dois países: Brasil e Guiana Francesa. Em território brasileiro, moram na terra indígena do Uaçá, extremo norte do estado do Amapá, no município de Oiapoque. Em território francês, os Palikur vivem em bairros nas cidades de Caiena, Saint-Georges e às margens do rio Oiapoque. Deste lado, “não há Terra Indígena, e os Palikur vivem num espaço comum, localizado na periferia de Saint-Georges, chamado Village Espérance” (CAPIBERIBE, 2010, p. 02).

Figura 1 - Desenho ilustrativo da T. I. Uaçá localizada em Oiapoque, estado do Amapá



Arte: Ana Kelen Souza, 2021.

Esses povos falam quatro línguas: *patois*, português, francês e sua língua nativa, o *Parikwaki*. A língua “*patois* é utilizada nas relações comerciais, políticas e sociais fora das aldeias ou até mesmo com os visitantes”. A língua “portuguesa é falada pelos homens e pelos mais jovens”. A língua francesa é utilizada para “o comércio nas cidades da Guiana Francesa” (CAPIBERIBE, 2007, 2021).

Na região de fronteira, existe o intercâmbio entre os indígenas e outros povos, como os franceses, quando comercializam seus produtos, alimentos e seus artefatos. A venda desses elementos contribui com a economia local e desses povos indígenas. Vejamos a citação do Cacique Palikur:

[...] essa divulgação não fica só no estado do Amapá, também, não fica só na Guiana Francesa, assim por diante ela pode se multiplicar, indo muito longe e nesse sentido, ela tem muita valorização, o povo Palikur, também, tem muitos parentes que são moradores de lá da Guiana Francesa, lado francês, [...], mas o povo já habita na fronteira para o outro lado da Guiana Francesa. Nesse sentido, ela é o papel fundamental na divulgação dos nossos artefatos indígenas Palikur, isso é um patrimônio cultural a todos nós (Cacique Gilberto Iaparrá, Oiapoque, 2020).⁵

Para os povos indígenas, as fronteiras podem assomar muitos significados, como, por exemplo, fatores de lutas já vivenciados e ainda vividos por eles. Hoje eles aproveitam essas áreas para comercializar seus produtos, artefatos, e manter relações com os seus parentes que vivem do outro lado. Entretanto, deixa-se registrado que, para esses povos que vivem em fronteiras ou nas fronteiras, sejam elas geográficas ou geopolíticas, ou ainda fronteiras simbólicas, essas acabam “atravessando” esses povos e desrespeitando suas memórias, seus costumes, sua religião, sua cultura, sua língua e sua história.

⁵ Entrevista realizada pela autora desta pesquisa ao Cacique Gilberto Iaparrá, destacando a importância das fronteiras para os povos Palikur.

4 SEGUNDA SEÇÃO: PATRIMÔNIO CULTURAL E SUA RELAÇÃO COM OS MUSEUS

O povo indígena Palikur, da região Urukauá, terra indígena Uaçá, valoriza a cultura indígena do povo Aruak [...] na recuperação e transmissão de conhecimento, na prática das culturas tradicionais dos povos indígenas Palikur, relacionado às línguas, músicas, rituais, metodologias, grafismo, marcas, pinturas corporais, instrumentos musicais, plumagem, adornos corporais, artesanatos, confecção de artefatos, de cerimoniais, jogos, brincadeiras e outros dentro da cultura indígena Palikur (Cacique Gilberto Iaparrá, Oiapoque, 2020).⁶

Nesta seção, será tratado de conceitos importantes para o campo ou território de análise desta pesquisa, que são os museus, em específico, o Museu Sacaca. Inicia-se com a reflexão sobre o significado de patrimônio cultural para o cacique que representa o povo Palikur. Este conceito envolve aspectos que estão relacionados às diversas áreas, entre elas: “línguas, músicas, rituais, metodologias, grafismo, marcas, pinturas corporais, instrumentos musicais, plumagem, adornos corporais, artesanatos, confecção de artefatos, de cerimoniais, jogos, brincadeiras”. Ao estudar o patrimônio cultural é possível conhecer aspectos relevantes da cultura, da memória e da identidade de um determinado povo.

Assim, por meio da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca, os povos indígenas que vivem no estado do Amapá, puderam expor elementos do patrimônio cultural de seu povo, representar o cotidiano de suas aldeias, mostrar elementos que representassem a sua identidade e a sua cultura, com um diferencial importante: não era a concepção dos técnicos do museu e, sim, o olhar deles no processo de constituição da narrativa museográfica. Isso nos levou a refletir sobre a importância dos museus para os povos indígenas e as suas relações neste espaço, em uma perspectiva de reconhecimento, de comunicação e de relações de territorialidades dentro do Museu Sacaca.

Na Exposição a Céu Aberto, foi possível identificar alguns exemplos de patrimônios materiais e imateriais, por meio dos objetos, da cultura e do saber fazer dos povos indígenas, que estão neste espaço museal.

Primeiro, é importante compreender sobre a palavra patrimônio, do latim “*patrimonium*”, provém das palavras *pater* (pai) e *monium* (sufixo que indica condição, estado, ação). Este significado nos leva à ideia daquilo que herdamos de um pai. “No século XVIII, esse conceito de patrimônio foi estendido às cidades e às nações”. As famílias deveriam cuidar de seus patrimônios para que fossem repassados de geração em geração (IEPÉ, 2011, p.

⁶ Entrevista realizada pela autora desta pesquisa ao Cacique Gilberto Iaparrá, sobre o significado de patrimônio cultural segundo a compreensão deste representante do povo Palikur.

11). Da mesma forma, este conceito foi ampliado e “os bens comuns que eram considerados dos cidadãos, do país, como bens históricos e artísticos, deveriam também ser cuidados como patrimônio”. “Passou a ser considerado importante cuidar de um conjunto de bens históricos e artísticos, visto como propriedade de uma nação inteira” (IEPÉ, 2011, p.11).

O patrimônio perpassa por algumas categorias, sejam de lembrança ou de esquecimento, de aquisição ou descarte, de maneira a determinar quais bens serão conservados e incorporados à memória, questões estas problematizadas nas instituições museais e pelos responsáveis pela construção, divulgação e reformulação destas narrativas museológicas.

Em se tratando dos povos indígenas brasileiros, é interessante mencionar que, com a homologação da Constituição de 1988, as comunidades indígenas passam a ser percebidas como sujeitos com direitos coletivos. A própria carta magna destaca, no Artigo 216, o conceito de patrimônio:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos e demais espaços destinados às manifestações artísticas culturais; V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, p. 126).

Desta forma foi ampliada a noção de patrimônio cultural ao reconhecer, além da existência material, os bens culturais de natureza imaterial. O patrimônio cultural apresenta características consideradas como, os bens de natureza material e imaterial.

Por patrimônio material considera-se os bens concretos como os objetos, as esculturas, os monumentos, os conjuntos arquitetônicos, entre outros. São exemplos de patrimônio cultural material encontrados ao longo da exposição do Sacaca: as casas indígenas, os colares, os brincos, os bancos, as cuias, as flechas, as peneiras, confeccionados pelos indígenas. Agora, o saber fazer para a elaboração destes objetos é considerado conhecimento tradicional ou bem imaterial.

Figura 2 - Artesanato indígena apresentado na ação cultural Festa dos Povos



Foto: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Como foi destacado o patrimônio cultural imaterial é um conceito que ganha destaque com a Constituição Federal de 1988, com uma amplitude e perspectiva antropológica de valorização dos bens culturais em seus aspectos materiais e imateriais. Está relacionado às práticas, à criatividade, ao saber fazer, à transmissão dos saberes de um determinado povo. Os conceitos estabelecidos por pesquisadores mencionam que o patrimônio imaterial está relacionado “às tradições, às expressões orais, língua, dança, música, às artes, aos rituais, aos conhecimentos relacionados à natureza e ao universo, às técnicas artesanais e tradicionais” (IEPÉ, 2011, p. 10). O conhecimento, a técnica da produção da tinta e do traçado dos desenhos na pele são exemplos de patrimônio cultural imaterial dos povos indígenas, como podemos presenciar na imagem (figura 3) na qual, um indígena do povo de Oiapoque realizou uma oficina de grafismo junto aos alunos em uma programação educativa no ano de 2015, na área da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca.

Figura 3 - Atividade realizada em oficina de grafismo indígena



Foto: Acervo do Núcleo de Museologia/Museu Sacaca, 2015.

4.1 Histórico do Museu Sacaca

Em se tratando de territórios museológicos e suas narrativas, será descrito um breve histórico sobre o Museu Sacaca. Inicia-se mencionando que a atual nomenclatura do Museu Sacaca é denominada, Coordenadoria de Difusão Científica e Tecnológica – CDCT, está vinculada ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA.

Pesquisadores como Oliveira, Jesus (2013); Almeida (2001) discorrem sobre essa temática histórica do IEPA e do Museu Sacaca, sendo que este museu tem a sua formação a partir de duas coleções importantes dos pesquisadores: Waldemiro Oliveira Gomes, que a partir do acervo coletado em suas pesquisas instalou o Museu Comercial – Industrial, e o Museu de História Natural Costa Lima, administrado pelo pesquisador da área da saúde e de doenças tropicais, Reinaldo Maurício Goubert Damasceno. Em 1970, o Museu Comercial – Industrial foi extinto e “criou-se o Museu Joaquim Caetano, com acervos de plantas medicinais e madeiras”. A esta época, o professor Waldemiro Gomes, junto com a sua equipe “fornecia à população orientações no uso de fitoterápicos para o tratamento de doenças” (IEPA, 2000, p.126-128).

Em 1991, sob a administração de Anníbal Barcelos, foi criado o IEPA (Decreto nº 0181), vinculado à Secretaria de Meio Ambiente (ALMEIDA, 2001, p. 38). No mesmo ano, os Museus Costa Lima e Waldemiro Gomes são agregados ao IEPA, com dois centros de pesquisa: o de Plantas Medicinais e o Zoobotânico. O IEPA (2000, p.126), menciona que o Instituto apresentava a este período a missão de:

Desenvolver estudos e pesquisas científicas, tecnológicas, econômicas, sociais e culturais, tendo como bem o homem, o meio ambiente, a fauna e a flora em seus aspectos gerais e medicinais, tendo em vista instituir, preservar, ampliar e documentar acervos científicos, promovendo a extensão e a difusão científico-cultural, bem como a obtenção e a industrialização de biofármacos.

Em 1997, o IEPA sob o decreto nº 5672, é vinculado à Secretaria de Estado de Meio Ambiente-SEMA (ALMEIDA, 2001, p. 39).

Atualmente, o IEPA está vinculado à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia-SETEC. O estatuto nº 1333 de 11/04/ 2017, Capítulo II, Seção I, Art. 3º, trata sobre a missão do IEPA, “tem por finalidade gerar e difundir conhecimentos científicos e tecnológicos sobre o ser humano, a flora, a fauna e o ambiente físico do estado para contribuição ao desenvolvimento econômico e social”

Em 1995, os museus que foram inseridos ao IEPA são fechados, reabrindo em 1997, com denominação de Museu do Desenvolvimento Sustentável-MDS. Por força do Decreto nº 2396 do Governo do Estado do Amapá, em 1999, a época sob o Governo de João Alberto Capiberibe, o museu passou a ser chamado de Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável, em homenagem ao senhor Raimundo dos Santos Souza, o “Sacaca”. A escolha desse nome para o museu é uma homenagem a esse personagem que ganhou destaque na cultura amapaense, por ser um profundo conhecedor das plantas medicinais da Amazônia, as utilizava para fazer remédios e “garrafadas” (IEPA, 2000; OLIVEIRA, 2013). O embrião da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca surgiu no final da década de 1990. O museu teve, em 1996, uma exposição temporária na área do IEPA: uma réplica de uma casa ribeirinha, que obteve avaliações positivas dos visitantes do museu, a essa época. Essa experiência foi transformada em um projeto pautado na proposta da política governamental da agenda 21⁷. A Exposição a Céu Aberto foi inaugurada em 05 de abril de 2002, e por meio do Decreto nº 6320, o Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável, passa a ser denominado de Centro de Pesquisas Museológicas Museu Sacaca-CPM / IEPA / SETEC. Em uma área de 20 mil metros quadrados, com a proposta de retratar a diversidade do estado do Amapá, “representada através das ambientações das etnias, dos povos das florestas, dos negros e comunidades, reconstituída a partir de um ambiente natural de algumas comunidades existentes no estado”. Esta exposição utilizou em sua construção matéria-prima da região, dentre elas: “madeiras, palhas, seixos, rochas ornamentais e fibras naturais. É um espaço interativo, que

⁷ É um documento assinado por 179 países durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento" que ocorreu no Rio de Janeiro. Muitos temas foram abordados na agenda 21, dentre eles, ações voltadas as questões ambientais, sociais, educacionais, culturais e outras. As ações deveriam propor estratégias políticas de desenvolvimento sustentável e que promovessem a justiça social e a preservação do meio ambiente.

reproduz a vida amazônica, mostrando tanto sua biodiversidade, como a diversidade cultural” (OLIVEIRA, 2013; IEPA, 2000).

Em 2015, conforme a lei organizacional nº 1175 de janeiro 2008, que fundamentou a alteração, o CPM/Museu Sacaca passa a ser nomeado de Coordenadoria de Difusão Científica e Tecnológica - Museu Sacaca/CDCT.

As funções da Coordenadoria do Museu Sacaca são definidas conforme versa na seção XII, artigo 43, do seu estatuto em 2017, são elas: estimular a elaboração de projetos que viabilizem recursos externos para a ampliação e o uso do acervo museológico; coordenar e orientar programas e projetos que estejam voltados aos setores responsáveis em difundir as pesquisas científicas e culturais do IEPA, bem como, orientar e atualizar o projeto museológico, este, ferramenta indispensável para o desenvolvimento das atividades do museu.

A estrutura da coordenadoria do Sacaca é composta por um Núcleo de Museologia, previsto na subseção I, artigo 37 de seu estatuto que, dentre suas atribuições, é responsável pela execução dos trabalhos de forma que contribua com as ações de pesquisas museológicas, as ações de preservação e comunicação, como também, as ações que promovam atividades educativas e culturais respeitando a diversidade cultural, para que o Museu Sacaca cumpra a sua função social; ainda possui a atribuição de incentivar estratégias para que grupos voluntários venham colaborar com as atividades do museu.

De acordo com relatório anual da Coordenadoria de Difusão Científica e Tecnológica CDCT/MUSEU SACACA, em 2019, período em que foi realizada esta pesquisa, o mesmo possuía a seguinte estrutura física: 01 Auditório - disponibilizado aos órgãos públicos ou entidades privadas para a realização de eventos, seminários, congressos, entre outros; 01 Praça de Alimentação - oferece aos visitantes, gastronomia regional com os sabores típicos do Amapá; 01 Sala de Leitura Aracy Mont’Alverne – com objetivo de incentivar pesquisas, leitura, poesia e divulgação dos trabalhos realizados pelo museu, tendo como público alvo, os alunos das séries iniciais, ensino fundamental e médio, da rede pública e privada, bem como, universitários; 01 Sala de Exposição sobre o Memorial do Sacaca - com a finalidade de mostrar aos visitantes a trajetória de vida e as contribuições do curandeiro e carnavalesco, Raimundo dos Santos, o Sacaca; 01 Casa de Exposição - tem a função de apresentar as pesquisas dos núcleos do IEPA; 01 Espaço Multimídia (antigo bloco pedagógico) - destinado para a interação com o público por meio das tecnologias implantadas neste ambiente como, exibição de documentários, imagens, sons e histórias retratando as vivências das populações tradicionais da Amazônia; 01 Núcleo de Museologia - responsável pela pesquisa, documentação, entre outras funções; 01

Casa de Administração - responsável pelo Museu Sacaca; 01 Setor Educativo - com atividades específicas, do Museu Escola, realizadas com instituições de ensino e grupos comunitários e, de educação ambiental, que desenvolve atividades sobre essa temática; 01 Casa “Samaúma das Palavras” - responsável pelas contações de história e outras atividades educativas, com área destinada para Exposição a Céu Aberto que busca expressar, por meio de sua proposta museológica, a diversidade cultural das populações tradicionais do estado do Amapá.

Com essa estrutura e aparelhamento tecnológico existente, o Museu Sacaca tornou-se, ao longo de sua trajetória histórica, “um ponto de encontro do conhecimento científico, do saber popular e, de representação da vida cotidiana das populações tradicionais”. As atividades realizadas pelo Museu Sacaca em 2019 foram diversificadas. Seus recursos humanos, formado por profissionais das mais diversas áreas científicas e tecnológicas, as quais se tornam preponderantes, atuam com atividades de divulgação científica das pesquisas realizadas pelo próprio IEPA, bem como, de outros setores e instituições governamentais e não governamentais, que interagem com a instituição museal.

O Sacaca mantém-se vivo diariamente, a partir, da apresentação de um leque de atividades, dentre as quais, é possível mensurar seu quantitativo, a partir de dados fornecidos por sua administração, são elas: exposições, atividades educativas e culturais dentro da Exposição a Céu Aberto, Exposição Waldemiro Gomes, na qual, foram recebidos 4.500 visitantes, durante o ano de 2019; a Exposição Linha do tempo Museu Sacaca, contou com um público de 4.300 visitantes; a Exposição Memorial Sacaca, somou 3.050 visitantes; a Exposição Abraçando Macapá, teve 1.893 visitantes; a Semana da Criança e Marcha para Jesus Kids, obteve um público de 4.925 pessoas, entre outras. As ações culturais e educativas de atendimentos na Sala de Leitura Aracy Mont’Alverne, recebeu um público de 4.500 alunos do ensino fundamental, médio e superior; o Projeto Educativo e Cultural Planetário Móvel Maywaka, recebeu 1.772 visitantes, bem como outras ações e atividades discriminadas no relatório de 2019/CDCT/Museu Sacaca.

No que diz respeito à pesquisa, divulgação científica e cultural, pode-se destacar a ação de edificação no espaço museológico de réplicas das casas dos Palikur, dos Wajãpi e, recentemente inaugurada em 2019, a casa indígena dos Wayana e dos Aparai, que na língua Wayana se chama Tucusipan, na língua Aparai se chama Porohtoh. O objetivo precípua dessas construções é divulgar a cultura desses povos indígenas, bem como, inserir por meio de um diálogo museológico, a apresentação da diversidade cultural dos seus grupos étnicos, através das narrativas expositivas intrínsecas nas casas indígenas, nos objetos, como as

cestarias, as redes, os bancos, as flechas, as cuias, entre outros elementos que fazem parte do cotidiano desses povos, bem como, de comunidades tradicionais como, os ribeirinhos, os extrativistas, os quilombolas.

A Coordenadoria de Difusão Científica e Tecnológica-CDCT/Museu Sacaca passou ao longo de sua trajetória histórica por vários momentos e nomenclaturas. Para facilitar a compreensão foi criado uma linha do tempo (figura 4), fundamentada nas pesquisas de Almeida (2001, p. 35-39) e Oliveira (2013, p. 98-113), com os principais acontecimentos desde o ano de 1965 com a criação do Museu Comercial (Industrial), destacando momentos importantes e a inserção de novos espaços como em 2014, com a casa das Parteiras e a Samaúma das Palavras, em 2018, o Memorial do Sacaca e, finalmente, em 2019, a construção da terceira casa Palikur e a Wajãpi e a inclusão da nova casa da etnia Wayana e Aparai na Exposição a Céu Aberto.

Figura 4 - Linha do tempo do Museu Sacaca



Arte: Ana Kelen Souza, 2021.

4.2 Um novo olhar sobre territórios museais

Por muito tempo, os museus funcionaram como um dos instrumentos ideológicos do Estado, estando preocupados em conservar um discurso da cultura dominante. Atualmente, os museus estão passando por um processo de democratização, de ressignificação e de apropriação cultural. Os museus têm se consolidado no cenário político e cultural, tornando-se um lugar de

criação e de transformação social. Esses espaços conquistaram “uma significativa centralidade no panorama político e cultural do país, ao se consolidarem como espaços relacionados com a criação, a comunicação, a produção de conhecimentos, a transformação social e a cidadania” (VELTHEM; KUKAWKA; JOANNY, 2017, p. 4).

De fato, no último século, o modelo museológico baseado em estruturas como prédios, organizados para guardar objetos e coleções vem sendo discutido, o que motivou a criação de novos espaços, como os ecomuseus, os museus comunitários, os museus a céu aberto, entre outros.

A partir da década de 1960, surge um movimento de renovação dos museus, conhecido como 'nova museologia', o qual exigiu transformação radical dos objetivos destas instituições, propondo ideais políticos de democratização cultural e de educação popular, chamando, ainda, atenção sobre a necessidade de consolidar os museus como [...] campo[s] de reflexão teórica e epistemológica (DUARTE, 2013, p. 100 apud SHEPARD JR et.al., 2017, p. 766).

Segundo Velthem, Kukawka e Joanny (2017), os museus são lugares de atuação, de memória, de movimento pelo reconhecimento, capazes de produzir significados e funções vocacionados para a mediação cultural.

Não por acaso, os museus serviram, historicamente, durante séculos, para sintetizar e reforçar discursos políticos, nacionalistas ou não, e salvaguardar, reafirmar os legados de estados hegemônicos. É dado ao museu o desafio contínuo de privilegiar diferentes narrativas, distintas histórias, contadas por objetos muitas vezes valiosos, insólitos ou inusitados, mas também por outros de feitura simples, de uso cotidiano, e de múltiplos significados, ligados prioritariamente ao território em que se situam e à comunidade que neles se representa (FRANCO, 2019, p.19).

É importante compreender a dinâmica dos territórios museológicos, o que eles representam, o que retratam e os seus significados. Destaca-se os conceitos das três instituições que administram e organizam as políticas culturais dos museus, sendo:

O museu é uma "instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade”. *International Council of Museums - ICOM*. Já para o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), significa:

Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose.

E, finalmente, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN): “O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento” e que apresenta as seguintes características:

- I. o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações;
- II. a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer;
- III. a utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social;
- IV. a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações;

Essas atribuições são voltadas ao estudo permanente sobre o patrimônio cultural e suas manifestações; sobre os acervos e as exposições apresentadas à sociedade que devem ser ampliadas e possibilite o fomento da produção de conhecimentos, a construção da identidade voltada a criticidade da realidade, bem como, sobre o patrimônio cultural que deve ser utilizado como uma ferramenta educacional voltada à atividade turística de modo que proporcione a inclusão social.

Em 2009, através da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro, foi instituído o estatuto de museus, este, considera os museus como:

Instituições sem fins lucrativos com a premissa de conservar, investigar, comunicar, interpretar e expor, para a preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico, ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Esses conceitos indicam a função e as características de um museu. Devem ser espaços democráticos, de investigação, pesquisa, preservação, conservação, difusão de conhecimentos e devem oferecer seus serviços à sociedade.

Fundamentado nestes preceitos compreende-se que os museus devem ser potencializados para que realmente as funções a que são destinados, como a pesquisa, a educação, a contemplação, o lazer e o turismo, caminhem em suas narrativas museológicas e a serviço da sociedade.

Os museus podem suscitar muitos significados e sentimentos tanto nos sujeitos quanto nos seus públicos que os frequentam. Para Regina Abreu, os museus são semelhantes às casas, e o que são casas para as pessoas, se não espaços que transmitem experiências de relacionamentos, de vivências, de aprendizados que de forma individual ou coletiva podem ficar registrados em suas memórias? Abreu destaca que:

Os museus são grandes casas (em sentido material e figurado), espaços consagrados e consagradores de histórias, lugares de memória, de colecionamento e dearmazenamento de objetos. São também espaços de exposição, de apresentação,

de comunicação. Mas fundamentalmente são espaços perenes que habitam nosso imaginário e nossa imaginação (2019, p.182).

Os espaços territoriais, ainda podem ser lugares que potencializem a cultura, a identidade, ser um “espaço de identificação, do imaginário, território de identidade, ser um lugar de ritos, expressando valores e confrontando crenças” (MEDEIROS, 2008, p. 218) e ainda, ser um espaço de “apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva” (HAESBAERT, 1997, p. 41). Logo, estudar os territórios museológicos, “os seus objetos, as suas coleções, o patrimônio cultural material e imaterial, têm motivado pesquisadores e grupos sociais a terem um diálogo intercultural, onde a cultura assume uma dimensão especial e central na compreensão das diversas linguagens e objetos etnográficos” (ATHIAS, 2015, p. 236).

Alguns museus do Amapá, como o Sacaca passaram a vivenciar os conceitos da nova museologia, que valorizavam a participação das comunidades junto aos museus. Conceitos que foram introduzidos a partir da ação integrada de técnicos do Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável e das pesquisas do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá - IEPA.

No final dos anos 1990, por meio do projeto "Farmácia da Terra" que buscava estabelecer um diálogo entre o conhecimento das populações tradicionais e o conhecimento científico desenvolvido pelas pesquisas do IEPA, foi concretizado o início do diálogo com esses povos. Foram realizadas visitas aos territórios indígenas, permitindo conhecer a realidade e os anseios desses povos. Esses momentos fortaleceram a comunicação entre técnicos, gestores e indígenas para a proposta do novo espaço da exposição do Museu Sacaca, que estava fundamentada nesta nova concepção museológica.

O projeto da Exposição a Céu Aberto no Museu Sacaca foi pensado num espaço que proporcionasse variadas discussões e reflexões, que possibilitasse novas formas de apropriação e diálogo com diferentes segmentos sociais, inclusive com os povos indígenas. Segundo Oliveira (2013, p. 99), a Exposição a Céu Aberto representa a “diversidade num espaço que tem o céu como teto e os elementos naturais e culturais como cenários privilegiados”. A pesquisadora Velthem, menciona que os museus podem se tornar “lugares onde novos significados podem ser atribuídos aos movimentos de preservação cultural e de afirmação de identidades” (2012, p. 58). E Taylor, destaca que “a identidade é criada dialogicamente como reação às nossas relações” (1994, p.25).

Em se tratando desses espaços de preservação cultural e de afirmação de identidades,

no período compreendido entre 2000 a 2002, as conversas entre os técnicos do Sacaca e os indígenas sobre a Exposição a Céu Aberto foram intensificadas. O projeto foi apresentado aos Conselhos dos Povos Indígenas do Amapá para as devidas avaliações, o que levou à aceitação por parte deles da efetivação da construção das casas e a definição das famílias que iriam participar do projeto do novo espaço no Museu Sacaca. Desta forma, os indígenas tomaram consciência e apropriaram-se desse espaço, tornando o museu um instrumento em que eles poderiam utilizar para dialogar com a sociedade local, nacional e internacional, por meio do circuito museográfico, das construções idênticas às suas habitações, dos objetos e seus significados e das ações culturais e educativas que poderiam ser realizadas nesses ambientes.

4.3 Processo de instalação e revitalização da área da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca

A área designada para a construção da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca, compreendia uma área próxima ao IEPA que precisou ser totalmente revitalizada, passando por vários processos de limpeza e retirada de entulhos, pois era um local usado para descarte de lixo, inclusive, ferragens de carros alegóricos, durante os anos de 1990. Esse espaço passou por um planejamento feito por técnicos do governo do estado do Amapá e pesquisadores do IEPA, sendo preparado para receber espécies nativas da região amazônica, como Pau Mulato, Mungubeira, Samaumeira, Seringueira, Castanheira, Ipê Amarelo, Açazeiro, Ingazeiro, Bacabeira, Pupunheira, Cuieira, Marupazeiro, Taperebazeiro e outras árvores que representassem a flora amazônica (OLIVEIRA, 2013; IEPA, 2000).

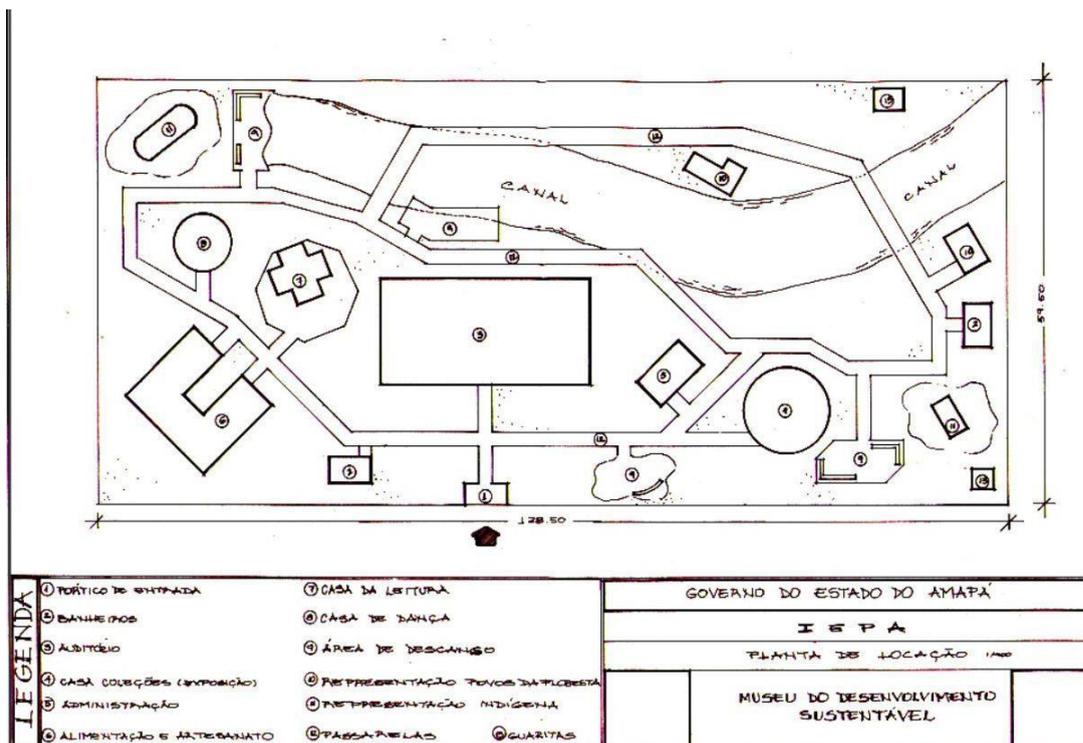
Neste terreno já havia um pequeno córrego, que foi alargado e tratado para representar os igarapés e rios da Amazônia. O córrego foi transformado em um igarapé, onde foram inseridos peixes e quelônios. Atualmente, é um dos espaços mais visitados pelas famílias e pelas crianças, pela quantidade de peixes e tracajás que se reproduziram neste local. Muitos tracajás foram doados pela população ao Museu Sacaca. Dentre as espécies de peixes que existem neste igarapé, estão: pirarucu, tilápia, tambaqui e outros. Composto esse cenário foi construído um barco, o Regatão, onde os visitantes podem realizar uma pequena viagem e conhecer uma exposição que fica dentro do barco que conta, a partir de objetos, a história desse tipo de embarcação e sua importância para as populações ribeirinhas da Amazônia.

Assim, foi se configurando o cenário expográfico da paisagem amazônica, no qual os povos indígenas e outras comunidades iniciaram a construção de suas casas, para compor a

área da exposição permanente do Museu Sacaca. A participação ativa das comunidades tradicionais no Sacaca proporcionou mais valorização e respeito a essas populações.

Nos projetos iniciais, a Exposição a Céu Aberto foi projetada com uma dimensão menor da atual, construída em 2002. Após reuniões e discussões com os técnicos e pesquisadores do museu, o projeto da Exposição a Céu Aberto acabou ganhando destaque, e a primeira planta apresentada (figura 5) dos espaços físicos de como seria a narrativa expográfica acabou agregando novos espaços, com a proposta de valorizar ainda mais as populações tradicionais do estado Amapá e dinamizar o atendimento ao público. Nos mapas destacados de 2002 (figura 10) e, de 2011 (figura 11), é possível perceber a diferença e a amplitude que a exposição acabou ganhando ao longo de suas revitalizações.

Figura 5 - Croqui da concepção inicial de montagem da Exposição a Céu Aberto.



Fonte: Projeto Museológico, 2000.

A área designada para a nova exposição passou por várias etapas: retirada dos lixos e entulhos; limpeza e ampliação do córrego; nivelamento do terreno para receber o paisagismo com espécies vegetais nativas da região amazônica e a construção das ambientações realizadas pelas populações do estado do Amapá, como os ribeirinhos, os castanheiros, e os povos indígenas, descritas nas imagens (figuras 6,7, 8 e 9).

Figura 6 - Ferragens de carros alegóricos abandonados na área



Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2001.

Figura 7 - Pequeno córrego preparado para receber peixes e o Barco Regatão



Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2001.

Figura 8 - Limpeza e nivelamento do terreno para receber o paisagismo e ambientações



Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2001.

Figura 9 - Visão da Casa do Castanheiro e Orquidário na Exposição a Céu Aberto



Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2002.

Em 2002 foi inaugurada no Museu Sacaca a Exposição a Céu Aberto. Para a melhor compreensão destaca-se o mapa ilustrativo (figura 10) com a legenda de todos os ambientes que foram abertos ao público. É possível perceber que o espaço museal ganhou uma amplitude quando comparamos a planta do projeto inicial do Museu. Em 2011, no governo de Camilo Capiberibe, o Museu Sacaca passou por um processo total de revitalização, nos espaços de atendimento ao público, setores administrativos, auditório, banheiros, ambientações da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca, entre outros. Passarelas em concreto foram inseridas para atender e dar acessibilidade às pessoas com dificuldades de locomoção. Assim, em 2012 houve a atualização do mapa da exposição (figura 11), com a inclusão de ambientes novos ou reformulados, sendo destacados na legenda da figura.

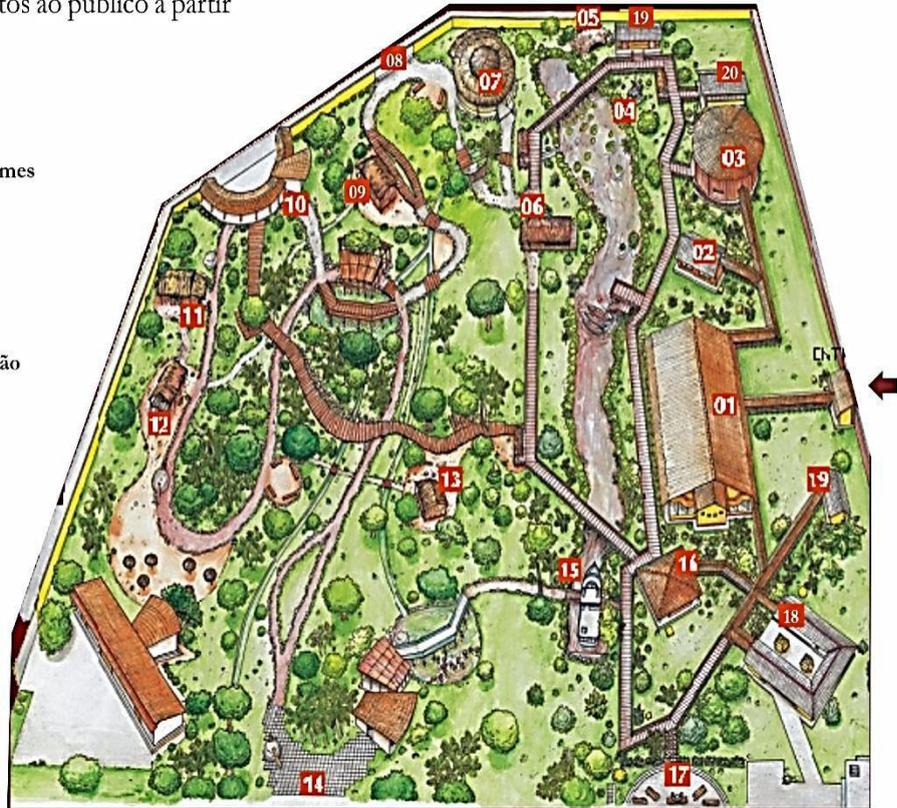
Figura 10 - Mapa ilustrativo da Exposição a Céu Aberto, em 2002

MAPA DO MUSEU SACACA (2002)

Mostra todos os ambientes da Exposição a Céu Aberto e demais espaços do Museu Sacaca, que foram abertos ao público a partir de 2002.

LEGENDA:

1. Auditório Waldemiro Gomes
2. Casa da Administração
3. Casa da Exposição
4. Monumento Marabaixo
5. Sítio Arqueológico
6. Casa do Ribeirinho
7. Maloca Multiúso
8. Mural temático (Educação ambiental e o Lixo)
9. Casa do Castanheiro
10. Pórtico
11. Casa da Farinha
12. Casa Wajãpi
13. Casa Palikur
14. Casa da Fitoterapia - Farmácia da Terra
15. Regatão Índia do Brasil
16. Casa da Leitura Aracy Mont'Alverne
17. Praça do Sacaca
18. Praça do Pequeno Empreendedor
19. Instalações Sanitárias
20. Casa da Criação



Fonte: Acervo do Núcleo de Museologia/Museu Sacaca, 2002.

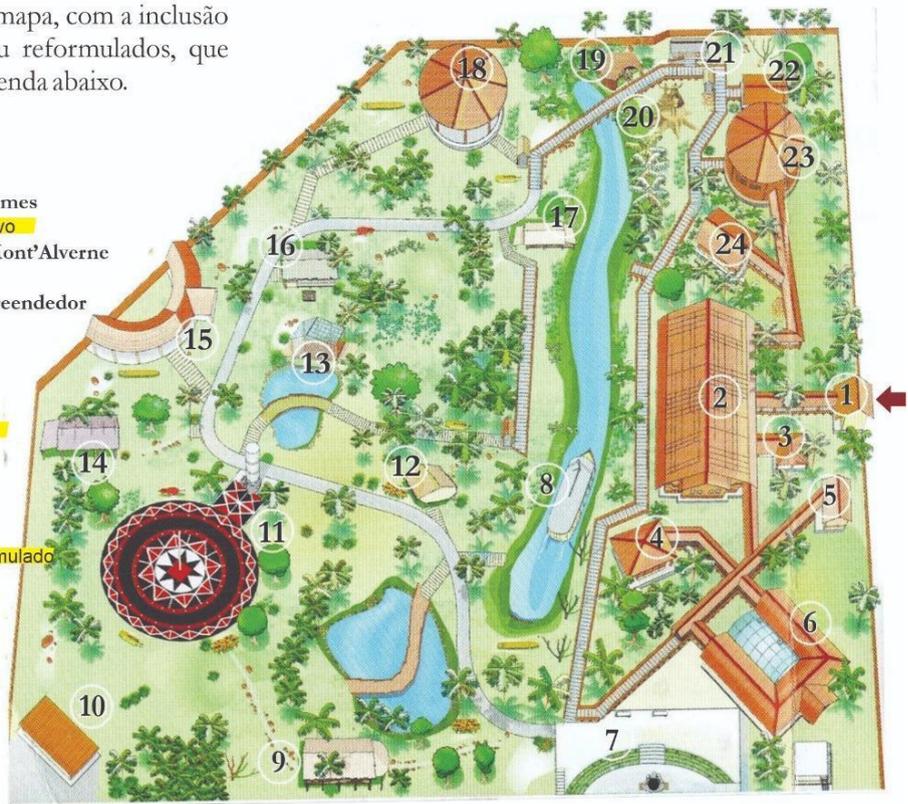
Figura 11 - Mapa ilustrativo da Exposição a Céu Aberto, em 2012

MAPA DO MUSEU SACACA (2012)

Com a reforma do Museu Sacaca em 2012, houve a atualização do mapa, com a inclusão de ambientes novos ou reformulados, que foram destacados na legenda abaixo.

LEGENDA:

1. Entrada principal
2. Auditório Waldemiro Gomes
3. Vitrine de Negócios **novo**
4. Casa da Leitura Aracy Mont'Alverne
5. Instalações Sanitárias
6. Praça do Pequeno Empreendedor
7. Praça do Sacaca
8. Regatão
9. Casa Wajãpi
10. Bloco de apoio técnico
11. Praça das Etnias **novo**
12. Casa Palikur
13. Casa das Exposições Temporárias **novo**
14. Casa da Farinha
15. Bloco pedagógico **reformulado**
16. Casa do Castanheiro
17. Casa do Ribeirinho
18. Maloca Multiúso
19. Sítio Arqueológico
20. Monumento Marabaixo
21. Instalações Sanitárias
22. Casa da Criação
23. Casa da Exposição
24. Casa da Administração



Fonte: Acervo do Núcleo de Museologia, 2012.

Em 2012, a Exposição a Céu Aberto é reinaugurada e entregue à população amapaense, aos turistas nacionais e internacionais, com uma programação cultural e educativa que reuniu as populações tradicionais do estado do Amapá.

Em 2014, foi inaugurada uma nova casa denominada de casa das Parteiras (figura 12), valorizando o conhecimento tradicional e a arte de "aparar vidas" das parteiras do estado do Amapá. Neste mesmo ano, outro lugar foi criado, a Samaúma das Palavras, onde os visitantes, deitados ou sentados à sombra da samaumeira, conhecida como a rainha da floresta, poderiam apreciar livros ou gibis (figura 13).

Em 2016, foi montado, no espaço da casa de Leitura O "Memorial Waldemiro Gomes" (figura 15), com objetos pessoais utilizados pelo pesquisador: mesa, cadeira, armário, livros e mostras de suas coleções científicas. Este local é designado para o atendimento de acadêmicos que tenham interesse pelas pesquisas do IEPA, informações sobre a história do Museu Sacaca e outras áreas de interesse.

Em 2018, o espaço que antes era a Vitrine de Negócios foi modificado e tornou-se um espaço dedicado ao "Memorial do Sacaca" (figura 14), para que os visitantes pudessem conhecer mais sobre a biografia do curandeiro chamado de Sacaca.

Em 2019, o IEPA/Núcleo de Arqueologia/Museu Sacaca apresentou um projeto e obtiveram o apoio da empresa ECE Participações S/A (empreendimento Cachoeira Caldeirão). Por meio deste financiamento, foi possível construir as casas indígenas Palikur, Wajãpi e inserir uma nova casa na exposição, a Aparai e a Wayana, representando essas etnias indígenas. Esta casa é chamada na língua Wayana de “*Tukusipan*” e na língua Aparai de “*Porohtopo, Porohtoh*”. Outros espaços foram ampliados: o espaço de leitura Samaúma das Palavras, tornou-se um lugar de contações de histórias (figura 19). O Bloco Pedagógico foi revitalizado e adicionado uma nova estrutura com recursos midiáticos, denominado espaço multimídia (figura 20).

Figura 12 - Casa das Parteiras, inaugurada em 2014, valorizando o saber tradicional



Foto: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Figura 13 - Samaúma das Palavras, ambiente de leitura, criado em 2014



Foto: Portal G1 Amapá, 2014.

Figura 14 - Memorial do Sacaca montado em 2018, mostra a biografia de Sacaca



Foto: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Figura 15 - Memorial Waldemiro Gomes montado dentro da Casa de Leitura em 2016



Foto: Paulo Anchieta, 2020.

Figura 16 - Casa Wayana e Aparai



Foto: José Baia, SECOM/GEA, 2019.

Figura 17 - Ambientação da Casa Palikur



Foto: José Baia, SECOM/GEA, 2019.

Figura 18 - Ambientação da Casa Wajãpi



Foto: José Baia, SECOM/GEA, 2019.

Figura 19 - O espaço da Samaúma das Palavras



Foto: José Baia, SECOM/GEA, 2019.

Figura 20 - Bloco Pedagógico revitalizado e equipado com recursos de multimídias

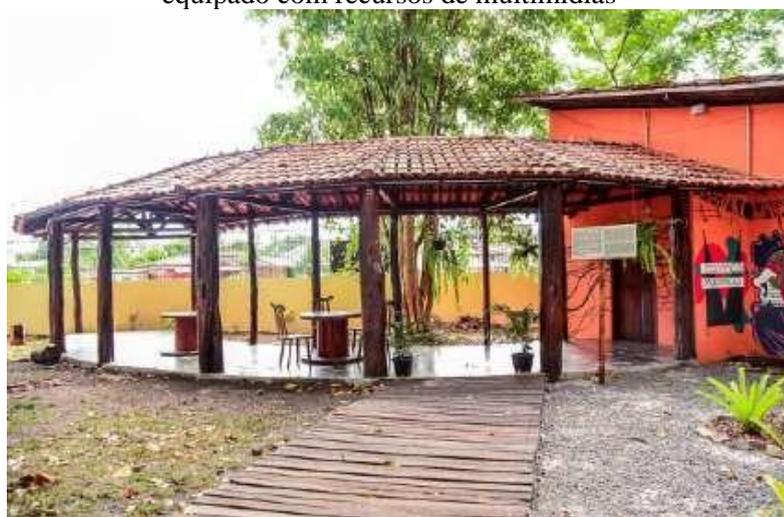


Foto: José Baia, SECOM/GEA, 2019.

5 TERCEIRA SEÇÃO: OS PALIKUR, UM RETORNO ÀS SUAS MEMÓRIAS

Antigamente o povo indígena Palikur não transcrevia, mas, hoje, é uma pauta transcrever essa memória que fica no arquivo, para poder outro povo indígena ou povo não indígena ter o conhecimento; a memória é muito importante e significativa para a comunidade indígena Palikur (Cacique Gilberto Iaparrá, Oiapoque, 2020).⁸

Esta seção inicia com a reflexão do cacique Palikur que descreve o anseio de seu povo em “transcrever”, compartilhar os seus conhecimentos, as suas memórias com os outros povos indígenas ou não indígenas. Serão apresentados aspectos relacionados às memórias, às moradias antigas, ao processo histórico sobre a participação desta etnia dentro do Museu Sacaca, além dos objetos e elementos inseridos na Exposição a Céu Aberto que tratam a cultura do povo Palikur. Os espaços como os museus são locais que podem potencializar as memórias de grupos, de povos, de pessoas. Em relação a isso, Pollak destaca:

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (1992, p. 05).

Pollak afirma em suas pesquisas que a memória está relacionada a pessoas, a personagens e a lugares. Pode ser considerada como um fenômeno que ocorre de forma individual, coletiva ou social. Ainda reitera que nem todo acontecimento ou fato fica registrado na memória do indivíduo ou do grupo, ou seja, “a memória é seletiva”, as lembranças vividas de forma individual ou coletiva estão “sujeitas às flutuações e transformações”. Assim também, “há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos” (POLLAK, 1989, p. 6-7).

A memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 05).

O diálogo com os representantes do povo Palikur foi proporcionado por meio de elementos destacados dentro da Exposição a Céu Aberto, em específico, a edificação de suas casas tradicionais. Esta casa apresentada no Museu Sacaca é um dos modelos em que os povos

⁸ Entrevista realizada pela autora desta pesquisa ao Cacique dos Povos Indígenas Gilberto Iaparrá, referente ao significado e a importância das memórias para os povos indígenas, segundo o conhecimento deste representante.

antigos desenvolviam suas atividades familiares. Trataremos de conhecer um pouco sobre as memórias e a cultura do povo Palikur a partir da descrição de suas casas, dos elementos constitutivos para a sua edificação e alguns objetos que foram selecionados por eles para compor o cenário expográfico do Museu Sacaca.

Inicia-se descrevendo como os Palikur mencionam a palavra casa na sua língua, em Patoá, significa *Kaz*, e em Palikur, *Pai-ti*. É importante destacar e descrever a casa para que haja a compreensão da importância deste elemento para esses povos, a relação com a natureza, as matérias-primas utilizadas na edificação, a função de seus espaços, o estilo, além dos conhecimentos específicos para a edificação.

Em estudos antropológicos, as casas dos Palikur eram descritas como uma casa redonda, sem cumeeira⁹ e as palhas do telhado desciam até o chão. Havia uma porta que, durante a noite, deveria ser fechada. “[...] o tipo original da casa dos Palikur era uma choça redonda, sem cumieira, cuja cobertura descia até o chão. A porta baixa era fechada cuidadosamente toda noite depois de defumado o interior por causa dos mosquitos” (NIMUENDAJÚ, 1926, p. 19 apud CAPIBERIBE, 2007, p.55).

As casas atuais dos Palikur são construídas com outros tipos de materiais, como as tábuas, os tijolos e inseridos objetos como freezer, fogão, televisão, conforme descrição abaixo:

As casas no Oiapoque são na maioria palafitas de plano retangular com paredes e assoalhos de tábuas de madeira. Uma pequena escada permite o acesso à entrada. Há, geralmente, uma ou várias divisões internas separando a sala dos quartos de dormir. Normalmente, dormem em esteiras de junco cobertas por um grande mosquiteiro, onde repousam o casal e filhos pequenos. Hoje, também, usam redes e camas. A cozinha é uma área parcialmente aberta, atrás da casa, onde há um fogão de barro e, às vezes, um fogão a gás. A “mesa” para a refeição é posta no chão, quando a família se reúne para comer o peixe assado ou fervido acompanhando de farinha, sal e tucupi. Não há muita mobília nas casas. Hoje, entretanto, a maioria possui uma televisão e uma antena parabólica, além do prosdócimo, como dizem os índios, ou freezer, que permite preservar alimentos e gelar bebida (VIDAL, LEVINHO, GRUPIONI, 2016, p. 262).

Conforme a análise de Capiberibe (2007), as casas tradicionais dos Palikur possuem duas áreas, sendo uma externa e outra interna. Cada qual tendo um papel, sendo: a externa o local onde ocorrem os processos de socialização, onde as pessoas se relacionam e conversam, organizam os alimentos da roça, da pesca e fabricam os cestos, as cuias, o tipiti, as peneiras e outros objetos. Por sua vez, na parte interna é onde se dorme. Utilizavam esteiras de junco, redes e mosquiteiros de algodão.

Os esteios de sustentação das casas são feitos com madeiras nobres, como aquariquara

⁹ A palavra cumeeira corresponde a parte mais alta de um telhado de duas ou mais águas onde fica sua intersecção; cumeeada; Material colocado nesta intersecção, onde não há telhas, para evitar a entrada da água das chuvas (dicionário on line de Português, 2021).

ou jarana, para os pisos e paredes são usadas madeiras um pouco menos resistentes como o cedro, cedro-louro, andiroba, cupiuba e angelim, este último também é uma das madeiras usadas para fazer os estrados do telhado de duas águas, que é na maioria dos casos coberto com palha de inajá, mas também pode ser coberto com pequenas plaquetas retangulares de madeira, telhado conhecido no Amapá como cavaco, e há um tempo também se usa cobrir com telhas de amianto ou de zinco, compradas no Brasil e na Guiana Francesa, respectivamente. Muitas casas não têm paredes, apenas umas poucas tábuas nas laterais, naquelas em que as paredes são erguidas, estas não chegam a fechar completamente a casa mantendo sempre uma fresta de no mínimo dez centímetros da parede ao começo do pé direito, porém, ultimamente uma ou outra casa, tem paredes fechadas [...] (CAPIBERIBE, 2007, p. 55).

A escolha do local para edificar suas casas e aldeias advém de conhecimentos tradicionais e organização política deles. Os indígenas são profundos conhecedores das matas, chamados de guardiões das florestas, por conhecer e proteger o meio ambiente.

Tradicionalmente, as aldeias são construídas voltadas para o rio. Sua morfologia é um pouco variada. Nas menores o ponto de referência é sempre a casa do fundador do lugar, ou *paitwempu akivara*, quem costuma ser o líder político da aldeia, as outras casas ficam dispostas ao seu redor. Na maioria das aldeias, o ponto principal de entrada e saída fica nas imediações da casa do *paitwempu akivara* (CAPIBERIBE, 2007, p. 53).

O termo pelo qual se referem os Palikur aos seus assentamentos é *paitwempu*, a “tradução para o português revela não só, no que se constitui, mas como isso ocorre, ou seja, literalmente, *paitwempu* quer dizer: local habitado por humanos onde há casas construídas, é também traduzido pelo termo vila” (CAPIBERIBE, 2007, p. 51).

As estações chuvosas ou secas marcam a vida desses povos do Uaçá. A alimentação está diretamente associada a esses períodos, característicos da região Amazônica. No verão, “comem quase todos os tipos de peixe, principalmente os mais nobres, como tucunaré, tamuatá e pirarucu” (CAPIBERIBE, 2007, p. 58). Apreciam os quelônios e com “campo seco os Palikur descobrem com facilidade os ninhos de ovos de tracajá, jacaré-açú, jacaré-tinga e camaleoa” (CAPIBERIBE, 2007, p. 59).

No inverno os peixes ficam mais escassos nessas áreas por conta dos rios, que ficam cheios. As aves e as caças tornam-se muito atraentes pois “os Palikur sobem o rio em direção à mata de terra firme, onde pernoitam na espera de animais como anta, veado, paca, cutia e várias espécies de macaco”. Outro elemento importante na alimentação dos indígenas é “a farinha de mandioca, [que] é a base da alimentação em toda a região do Oiapoque, e são os índios Palikur, Karipuna e Galibi-Marworno que abastecem a maior parte do mercado de farinha da cidade de Oiapoque” (CAPIBERIBE, 2007, p. 60).

Esses conhecimentos relacionados à organização espacial de suas casas e alimentação demonstram a relação com seus territórios, “a mãe da terra”, como disse o cacique dos Palikur,

ela fornece aos povos: alimento, sustento, materiais para a construção de suas casas e de seus artefatos. Esses aspectos são essenciais para as memórias desses povos.

As casas construídas na Exposição a Céu Aberto seguiram algumas características desses antigos povos. Essas casas estavam sempre próximas ao igarapé que faz uma representação aos rios da Amazônia.

Figura 21- Área da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca, destaque para a Casa Palikur



Foto: Dandra Duarte, 2019.

5.1 Histórico das construções das Casas Palikur no Museu Sacaca

As casas inseridas na Exposição a Céu Aberto têm significados importantes para os indígenas. São, antes de tudo, elementos concretos, artefatos que revelam conhecimentos ambientais, técnicos, estéticos, de organização social e de identidade; não são apenas objetos que compõem um acervo museológico, mas a história e as memórias de seus povos. Todos os materiais para a edificação da casa vieram das aldeias, o que demonstra a relação desses povos com a natureza e com os seus territórios, que vai desde a escolha da matéria-prima até a construção de sua casa. Em 2019, os indígenas mais jovens tiveram a oportunidade de aprender dentro do museu a construir as suas casas, estudando as técnicas peculiares deste conhecimento tradicional, ensinadas pelos indígenas mais velhos. Essas construções foram resultado de uma política de luta desses povos, da proposta de um museu fundamentado na nova museologia e dos anseios de pesquisadores e técnicos do Museu Sacaca.

Figuras 22, 23 e 24 - Casas indígenas Palikur, construídas em 2001, 2011 e 2019



Fotos: Acervo do Núcleo de Museologia/Museu Sacaca, 2002, 2012 e 2019.

5.2 Primeira construção da Casa Palikur, em 2001

A casa Palikur é um modelo de casa de moradia que representa uma das habitações utilizadas pelos povos antigos desta etnia. A primeira casa construída aconteceu no final de 2001, para a inauguração da Exposição a Céu Aberto, em abril de 2002. Esse modelo possuía estrutura retangular, telhado de quatro águas coberto de palhas. A casa tinha um assoalho elevado, feito de paxiúba, com uma pequena escada de acesso (figura 28). Essa ambientação possuía meia parede de paxiúba (figura 28).

Figuras 25 a 30 - Etapas da construção da primeira Casa Palikur (à esquerda, de cima para baixo) até a montagem da ambientação para a exposição (à direita, de cima para baixo), em 2001



Fotos: Acervo do Núcleo de Museologia/Museu Sacaca, 2001 e 2002.

É possível perceber nas etapas desta primeira casa Palikur, como era o espaço da área da Exposição a Céu Aberto em seu processo de construção, sem os ambientes e o plantio das árvores, como destacam as figuras acima. As matérias-primas utilizadas para a edificação da primeira casa Palikur foram retiradas dos territórios indígenas localizados no município de Oiapoque.

Este processo de edificação de todas as ambientações no Museu Sacaca foi realizado com a participação das comunidades tradicionais que vivem no Amapá. A exemplo, temos a casa do Ribeirinho que em 2002 e 2011 foi construída por representantes da comunidade Buritizal do Bailique; a casa da Farinha em 2002 foi construída por representantes da comunidade do Distrito do Carvão em Mazagão, entre outras comunidades tradicionais que foram convidadas a compartilharem os seus saberes.

Após nove anos da inauguração da Exposição a Céu Aberto, sua paisagem já se diferenciava consideravelmente. As árvores haviam crescido e com elas outros elementos da natureza foram se agregando a esse lugar. Alguns animais foram inseridos por pesquisadores do IEPA, outros foram doados pela comunidade, outros migraram para esse lugar e acabaram se reproduzindo, como algumas espécies de pássaros.

Assim, era necessário ter um olhar específico para a Exposição a Céu Aberto, pois suas características expográficas estavam associadas às condições climáticas, ora verão, ora inverno, e até mesmo à ação constante de insetos, como os cupins, conhecidos pela capacidade de deteriorar a madeira, sendo considerados “pragas urbanas”. Associado a isso, havia a falta de recursos financeiros para manter o espaço, os acervos e as próprias casas indígenas que faziam parte do circuito, que acabaram se deteriorando devido às intempéries. Tais fatores acabaram influenciando diretamente nas atividades do Museu Sacaca e, por um determinado período, a Exposição a Céu Aberto ficou fechada para a visitação.

Para as atividades de atendimento não pararem, principalmente, com as escolas e os grupos comunitários, os técnicos do Museu Sacaca intensificaram as atividades fora da instituição levando o museu para as escolas, por meio de projetos educativos e exposições itinerantes. Essa sempre foi uma política dentro da instituição como estratégia para manter as ações e realizar alguns reparos nos setores que mais estivessem precisando. Porém, tais ações não foram suficientes para manter as necessidades do Museu Sacaca. O relatório de 2011 denominado de Diagnóstico da Situação Atual do Centro de Pesquisas Museológicas/Museu Sacaca apresenta os editais e premiações recebidos no período de 2004 a 2010 pelo Museu

Sacaca. Sendo: em 2004 – Prêmio Chico Mendes - Meio Ambiente na categoria Arte Cultura; Em 2006 – Prêmio Cultura Viva – Categoria Gestão Pública – 3º lugar; em 2006 - MinC (Petrobras) - Reestruturação da Exposição Itinerante do Museu Sacaca; Em 2006 – Caixa Econômica – Reconstrução do barco Regatão “Índia do Brasil”; Em 2008 – Prêmio Darcy Ribeiro – 3º lugar – Aprendendo no Museu; Em 2008 a 2009 – Prêmio Rodrigo Melo – Classificação em nível regional na categoria Educação Patrimonial; Em 2008 – Pontinho de Cultura (MinC) – Projeto Leitura e Ciências; Em 2007 – Modernização de Museus (MinC) – Exposição Permanente “Caminhos da Ciência”; Em 2008 – Modernização em Museus – Planetário; Em 2009 – Prêmio Darcy Ribeiro – 2º lugar – Nas trilhas do Conhecimento; Em 2010 - Prêmio Cultura e Saúde e Pontinhos de Cultura; Em 2010 - Finalista do Prêmio Cultura Viva; Além desses prêmios que fomentaram recursos externos, é importante destacar, que o museu recebeu o Selo de Cultura Viva do Ministério da Cultura e é membro do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, tendo credenciamento no Sistema Nacional de Museus.

5.3 Segunda construção da Casa Palikur, em 2011

Antes da reforma e revitalização dos espaços administrativos e da Exposição a Céu Aberto em 2011, a primeira casa Palikur ficou interditada, seus acervos foram recolhidos ao setor de museologia, enquanto aguardavam recursos, inclusive, com o termo de ajustamento de conduta ambiental e urbanístico firmado com o IEPA, Ministério Público Estadual do Amapá e outras instituições para que ações emergenciais garantissem as condições razoáveis de funcionamento do Museu Sacaca, constando, entre outras coisas, a limpeza da área externa, remoção de entulhos, demolições de edificações deterioradas, combate a pragas, correção de instalações de esgoto e infiltrações.

Figura 31- Primeira Casa Palikur antes da revitalização de 2011



Foto: Acervo Núcleo de Museologia/ Museu Sacaca, 2010.

Em 2011, alguns ambientes do museu e da Exposição a Céu Aberto foram totalmente, revitalizados. Dentre essas construções, temos a segunda casa Palikur. Esta casa possuía o tamanho de 4m x 5m, com cumeeira de 4 metros de altura. Neste modelo, o telhado e as paredes eram revestidos com o mesmo tipo de palha.

Nesta ambientação foi retirada a escada, elemento característico deste tipo de moradia, foi inserida uma borda, que iria proteger a entrada e os acervos que estavam expostos no interior da casa. A edificação desta segunda casa seguiu os mesmos princípios, as matérias-primas foram trazidas das aldeias do município de Oiapoque e construídas pelos indígenas Palikur.

Figuras 32 e 33 - Etapas da construção da segunda Casa Palikur, 2011. À esquerda, armação da estrutura da Casa Palikur. À direita, mostra a amarração das palhas para vedação das paredes



Foto: Acervo Núcleo de Museologia/ Museu Sacaca, 2011.

5.4 Terceira construção da Casa Palikur, em 2019

No início de 2017, foi observada a necessidade de interditar a ambientação da casa Palikur, que se apresentava bastante deteriorada, deixando-a fechada por quase dois anos. O fechamento desta casa fez com que elementos importantes da cultura do povo Palikur deixassem de ser mencionados em visitas mediadas ou espontâneas. Os técnicos do museu aguardaram os próprios indígenas Palikur realizarem visitas ao museu para verificarem se era possível aproveitar alguma matéria-prima e reconstruir a casa novamente. Após análise dos próprios indígenas foi detectado que deveria ser construída uma nova casa, fato que só ocorreu em 2019. Essas atitudes demonstram que se os indígenas estivessem executando atividades diárias, mensais ou se realmente estivessem mais próximos do espaço museológico, situações como essas e outras que tratam de conhecimentos específicos sobre a cultura desses povos poderiam ser minimizadas.

Em reunião com os representantes do governo do estado do Amapá e os representantes das etnias indígenas, o Cacique Gilberto Iaparrá declara sobre a responsabilidade que eles têm em construir a casa dentro do Museu Sacaca junto ao seu povo, como destaca a figura 36. Em seu discurso menciona:

Nós construímos uma casa aqui no Museu Sacaca, isso representa o Povo do Oiapoque. Quero agradecer a secretária Eclêmilda que não mediu esforços. Mas, passamos seis meses, tava quase nascendo. Essa história é desde o ano passado, mas, não foi possível ser construído, talvez, agora, espero que seja construído, porque o pessoal, isso é sério, não é brincadeira, ano passado, quero dizer isso ao secretário, que tiramos madeira, todo o material para ser construído, mas não foi possível. O povo me cobra até hoje, espero que seja o mais breve possível essa construção, porque, a gente está assumindo o compromisso, assumindo a responsabilidade perante o povo, então, precisa ser construído, a gente está como representante do nosso povo Palikur. Talvez, a partir de agora, nós vamos ter o compromisso do estado com a presença do vice-governador. Queremos reafirmar o compromisso, de caráter, de trabalho, com coragem. Não é fácil para nós trazermos o material, de lá do município do Oiapoque, mas como assumimos essa responsabilidade, nós vamos construir. Quando o povo indígena assume a responsabilidade, governador é para trabalhar (Informação verbal).¹⁰

Figuras 34 e 35 - Evolução da deterioração da segunda Casa Palikur



Fotos: Acervo do Núcleo de Museologia, 2017.

Assim, em maio de 2019, foi realizada uma reunião com representantes indígenas e autoridades governamentais. Nesse encontro, foi oficializado a construção das três casas indígenas (Palikur, Wajãpi, Wayana e Aparai) no Museu Sacaca, por meio de um termo aditivo de apostilamento ao contrato de Patrocínio e Condução de Pesquisa nº 003/2017, firmado entre o IEPA e a empresa ECE Participações S/A.

Dentro do espaço da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca, a casa Palikur tem a função de representar os povos do Oiapoque (Galibi-Marworno, Palikur, Karipuna, Galibi do Oiapoque). Ressalta-se que em 2019, em reuniões com representantes indígenas e do governo do estado, as outras etnias do Oiapoque manifestaram o desejo de ter os seus próprios

¹⁰ Discurso do Cacique dos Povos Indígenas Gilberto Iaparrá durante a reunião com representantes do estado do Amapá, no auditório do Museu Sacaca, em maio de 2019.

modelos de casas representadas no Museu Sacaca. Neste mesmo ano foi inserida uma nova ambientação, a casa Wayana e Aparai.

Figura 36 - Reunião com representantes indígenas e governamentais, em maio de 2019



Foto: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Figura 37 - Terceira Casa Palikur, construída em 2019



Foto: José Baia, SECOM/GEA, 2019.

O processo de construção da terceira casa Palikur, em 2019, foi realizado pelos indígenas das famílias do rio Urukawa, moradores da Aldeia Kwahi e da Aldeia Kumenê. Foi possível observar os saberes e experiências dos indígenas na realização das etapas da edificação da casa indígena. Participaram da construção da casa Palikur, em 2019, o cacique do Conselho dos Caciques Gilberto Iaparrá, Ataídes Narciso, Eldely Narciso Iaparrá, Joel Narciso Iaparrá, Jeferson Narciso Ioiô e Genivaldo Ioiô. Foi possível observar e descrever as etapas de edificação da terceira casa Palikur, seguindo as etapas de coleta, transporte dos materiais e definição do local, armação da estrutura da casa, preparação das palhas para a cobertura, paredes e estrutura do piso.

Figura 38 - Indígenas que construíram a Casa Palikur, 2019



Foto: Iana Duarte, 2019.

5.4.1 Coleta, transporte dos materiais e definição do local

A seleção da matéria-prima e a coleta foram feitas pelos próprios Palikur e ocorreu em território indígena. Eles identificam as árvores e separaram os troncos, os galhos, os cipós e as folhas que seriam utilizadas na construção das casas. Os materiais vieram do município de Oiapoque, localizado a mais de 550 quilômetros da capital Macapá. As paxiúbas foram retiradas da Aldeia Kumenê, a quatro horas de viagem do Oiapoque. Os materiais percorreram rios e estradas até chegarem ao seu destino, o Museu Sacaca, como destacam as figuras 39, 40 e 41.

Figuras 39, 40 e 41 - (à esquerda) mostra a escolha da localização da construção; (no meio e à direita) mostra a chegada no Museu Sacaca da matéria-prima vinda de Oiapoque-AP



Foto: Acervo do Núcleo de Museologia, 2019.

5.4.2 Armação da estrutura da casa

Esta casa foi construída em formato retangular, com 6 metros de comprimento por 4 metros de largura, um pouco maior que as casas anteriores. Sua estrutura é feita de esteios de acapu. Acapu é o nome popular de uma árvore que pertence à família *Fabaceae Lindl*, espécie *Vouacapoua americana Aubl*. É encontrada no Brasil, na Guiana, Peru e Suriname. Produz madeira de cor escura muito boa para a construção civil e naval. Esta árvore é chamada, na língua Patoá de *Uakapou*, e em Palikur *Wakap*. É uma “madeira de lei”. “Geralmente, são os homens que vão procurar esse tipo de madeira” na floresta. “É uma madeira que já não é encontrada com facilidade nas matas”. “Deve ser usada com cuidado para não acabar” (IEPÉ, 2013, p. 17).

Figuras 42, 43 e 44 - Preparação da madeira para a estrutura da casa, 2019



Fotos: Núcleo de Museologia, 2019.

Figura 45 - Marcação do espaço da construção, 2019



Foto: Núcleo de Museologia, 2019.

Figura 46 - Montagem da estrutura de esteios e telhado, 2019



Foto: Acervo do Núcleo de Museologia/ Museu Sacaca, 2019.

5.4.3 Preparação das palhas para a cobertura e paredes

As palhas foram separadas, arrumadas e preparadas para serem inseridas no telhado. As paredes foram revestidas com o mesmo tipo de palha. Para facilitar o escoamento da água da chuva foi construído telhado de quatro águas. As palhas utilizadas foram a de inajá, (figuras 48 e 49) que foram amarradas com cipó do mato, cipó de fogo ou cipó-titica (figura 47).

Figuras 47, 48 e 49 - Cipó-títica utilizado para a amarração da casa; preparação da palha para a cobertura e vedação das paredes, 2019 (da esquerda para direita)



Fotos: Iana Duarte/Núcleo de Museologia, 2019.

Figuras 50, 51 e 52 - Sequência da etapa de montagem do telhado, 2019 (da esquerda para direita)



Fotos: Acervo do Museu Sacaca, 2019.

Figuras 53,54 e 55 - Telhado com detalhes da amarração com cipó e encaixe das peças de madeira (da esquerda para direita)



Fotos: Iana Duarte, 2020.

Foram utilizadas, em média, 400 palhas de inajá para revestir a casa Palikur, que foram amarradas com cipó do mato, cipó de fogo ou cipó-títica. A palmeira Inajá pertence à família *Arecaceae Bercht. & J.Presl*, espécie *Attalea maripa (Aubl.)*. É nativa da região norte do Brasil e pode alcançar até 20 metros de altura.

Inajá, na língua Patoá, é *Mahipa*, em Palikur, *Kayti*. As folhas mais novas são utilizadas para cobrir as casas. O fruto dessa palmeira é comestível e os seus “caroços podem ser utilizados

para fazer anéis, colares, pulseiras e brincos”. A “cruatá é utilizada como utensílio doméstico, também denominado de vasilha” (IEPÉ, 2013, p. 72-73).

Já o cipó-titica pertence à família *Araceae Juss*, espécie *Heteropsis flexuosa (Kunth) G.S.Buntingé*. É uma hemiepífita endêmica da Amazônia. Suas fibras naturais são bastante resistentes, sendo utilizadas para tecer cestarias, bem como objetos decorativos e mobílias artesanais muito usados na região norte (IEPÉ, 2013).

5.4.4 Estrutura do piso

Foi feito travejamento do piso de aquariquara, revestindo o assoalho com as cascas de açaizeiro ou paxiúba, um pouco acima do solo, geralmente usado em regiões alagadiças.

A Aquariquara pertence à família *Coulaceae Tiegh*, espécie *Minquartia guianensis Aubl*. É procedente do Amazonas, Pará e Amapá, é uma árvore de porte grande, sendo seu tronco irregularmente cavado, suas folhas contêm látex.

Já a paxiúba, pertence à família *Arecaceae Bercht. & J.Presl*, espécie *Socratea exorrhiza (Mart.) H.Wendl*. que ocorre da América Central até a Bacia do Amazonas. Natural de locais alagadiços, suas raízes podem atingir dois metros e a palmeira uma altura de 20 metros. Suas folhas podem atingir dois metros de comprimento. É utilizada como ripa em construções rústicas por conta da resistência de sua madeira.

Na língua indígena, a paxiúba é conhecida, em Patoá, como *Ghã Bua*, em Palikur, *Pup*. O seu “tronco pode ser utilizado para fazer arco, pontas de flechas e outros artesanatos” (IEPÉ, 2013, p. 113).

Figuras 56 e 57 - Etapa de construção do assoalho de paxiúba da Casa Palikur, 2019



Fotos: Acervo do Núcleo de Museologia, 2019.

Esta construção tem a duração, em média, de cinco anos, dependendo da manutenção periódica realizada na casa indígena, uma vez que estas estão sujeitas às intempéries da natureza

e à ação dos insetos.

As casas indígenas do povo Palikur edificadas no Museu Sacaca em 2001, 2011 e 2019, necessitaram ser construídas pelos mesmos motivos: falta de manutenção, ação de insetos e tempo de duração das matérias-primas que estão expostas a ação do tempo.

A tarefa de identificar, retirar as matérias-primas na floresta, carregar e edificar as casas são dos homens, como foi possível perceber nos relatos dos indígenas que estavam neste processo dentro do museu. Os materiais utilizados como, palhas, cipós, galhos e troncos são retirados da floresta em quantidades que sejam suficientes para o tamanho planejado da casa. Junto com os indígenas mais experientes, existia a presença de jovens indígenas que vieram acompanhando os seus familiares. Essa ação proporcionou o aprendizado para os jovens indígenas na edificação da casa de 2019.

5.5 Objetos que compõem o acervo da Casa Palikur

Para compor a narrativa expográfica da casa Palikur, foram inseridas algumas esculturas. Miniaturas de bancos feitos em madeira, representando aves, jacaré, tatu e onça.

Figuras 58, 59, 60 e 61 - Bancos em miniatura, feitos de madeira, acervo da Casa Palikur



Fotos: Acervo do Núcleo de Museologia, 2002.

Os bancos indígenas são chamados em Patoá, *bã* e em Palikur, *epti*. Geralmente, as “madeiras utilizadas na construção são: de caju, de cedro, de marupá e esculpido nas formas de aves, jacaré, cobra grande e espadarte”. Nesses bancos, são desenhadas as “artes gráficas *kuahí*, *dãdelo*, *macocô*, estrela d'alva ou com marcas indicadas pelo pajé”. Os bancos maiores, cobra grande (designado para os homens sentarem para tomar o caxixi), jacaré (designado para

as mulheres) e espadarte e kadaikuru (convidados do pajé); “os bancos menores são específicos do pajé, são geralmente as de escultura de aves, como arara, beija-flor, pomba galega, gaivota, tucano ou urubu”. Quem não respeita as regras do Turé recebe castigo (lamã). “A pessoa irá sentar no banco do urubu (Galibi Marworno), espadarte (Karipuna) ou gaivota (Palikur) e tomar duas grandes cuias de caxixi” (IEPÉ, 2009, p.51).

Os bancos indígenas “denominados de espadarte em Patoá *ahetxi*, *espadhõ*, em Palikur *kaah*, são utilizados na Festa do Turé dos Povos do Oiapoque”. É um banco com aproximadamente 2 metros de comprimento, “utilizado mais pelos Karipuna, tem o formato de peixe-espada, bico de serra, marca dâdelo (significa os dentes d'agua ou a maresia)”. Utilizado pelos palikás do pajé. “Os palikás são os ajudantes do pajé, os ajudam com os cantos ou conduzindo o Turé” (IEPÉ, 2009, p. 54).

Figura 62- Desenho do Banco Espadarte



Fonte: Tomás Carlos Aniká Forte, IEPÉ 2009.

O banco do jacaré, em Patoá, *kaimã*, em Palikur, *paine*, tem formato de jacaré, com 3 metros de comprimento. Os dos “Karipuna tem a cabeça igual à do jacaré verdadeiro e marca do jacaré. Esse banco é utilizado pelas mulheres assistirem ao Turé e beberem o caxixi” (IEPÉ, 2009, p.55).

Figura 63 - Desenho Banco do Jacaré



Foto: Sérgio Zachi, IEPÉ 2009.

O banco cobra grande, em Patoá, *ghã kulev*, em Palikur, *wamuí*, com este formato, é marcado com o kuahí, pintado de preto e vermelho e cerca de 4 metros de comprimento. Utilizados pelos homens na Festa do Turé. “A cobra de duas cabeças (kulev de tet/konestab/tunaki é feita de madeira marupá e pode ser pintada nas cores laranja, preto, azul

e verde-claro"(IEPÉ, 2009, p. 57).

Figura 64 - Desenho do Banco Cobra Grande



Desenho: Daniel Iaparrá Ioiô, IEPÉ 2009.

Na Exposição a Céu Aberto, próximo as casas indígenas existem vários bancos que representam a cultura dos povos do Oiapoque. São importantes atrativos para os turistas. Uma informação que merece destaque sobre os bancos indígenas que estão em exposição no Museu Sacaca, mencionada pela museóloga, Simone de Jesus, que acompanhou todo o processo de construção e revitalizações em 2001, 2002 e 2011, que não foram os indígenas que construíram, e sim, os artistas plásticos do estado do Amapá, baseados nas pesquisas dos livros do IEPÉ, que realizaram a construção e a pintura de todos os bancos apresentados no espaço museal (figuras 65,66, 67, 68, 69 e 70).

Assim, deixa-se registrado que outros detalhes pertinentes ao conhecimento sobre os bancos indígenas, grafismos, figuras, artefatos, representações possam ser novas pesquisas que venham a promover o prosseguimento e o diálogo intercultural com esses povos indígenas.

Figuras 65, 66, 67, 68, 69 e 70 - Representações de bancos indígenas em forma de animais



Fotos: Iana Duarte, 2020.

Os povos indígenas possuem várias maneiras de expressar a sua cultura, uma dessas formas são as marcas ou grafismos. “Na língua Patoá a palavra marca é *mac*; em Palikur, *gatamoua*. Elas variam, podendo ser pintadas, gravadas, trançadas, recortadas, entre outras formas” (VIDAL, 2009, p.56). Existem marcas que se tornam padrão na comunidade outras podem ser criadas dependendo de cada artesão. “A marca mais comum entre os índios do Oiapoque é o Kuahí, um peixinho com forma de losango” (IEPÉ, 2009, p. 75).

Os homens sonham as marcas ensinadas pelas entidades (karuanã, espíritos, encantados), geralmente pela mediação do pajé, que as repassa para os artesãos responsáveis pela manufatura de mastros e bancos cerimoniais. As mulheres dizem seguir a tradição ou fazer algo orientado pelo seu próprio espírito (VIDAL, 2009, p.59).

Os indígenas fabricam as suas próprias tintas, podem ser de origem vegetal ou mineral, utilizadas em seus corpos ou objetos. Em cerimônias ou festas como a do Turé “os índios do Uaçá usam pinturas de urucum, de cor vermelha, especialmente na face e nos braços, que aplicam com um pincel de bambu e chumaço de algodão” (VIDAL, 2009, p. 61).

Outros elementos importantes da cultura dos povos indígenas são os objetos feitos como manuseio do barro. A pesquisadora Vidal faz uma descrição sobre o processo de fabricação das cerâmicas do povo Palikur. São reconhecidos por serem os únicos a fabricar o pote que

armazena a bebida do Turé, chamada de caxixi [*caxihí/woska*]. A fabricação das cerâmicas envolve toda a família. Os homens são responsáveis em mergulhar e buscar o barro no fundo das águas. Eles devem ainda providenciar as cascas das árvores que serão queimadas. As cinzas destas cascas serão piladas e em seguida, misturadas à argila. Somente a esposa sabe a quantidade correta para a fabricação da cerâmica. Ela molda e dá forma ao objeto. A fogueira é feita pelo homem e pela mulher. Espera-se o objeto secar e depois ele vai ao fogo. Quando prontas, as cerâmicas podem ser pintadas (2016, p. 155-157). A pesquisadora ainda destaca que:

Pigmentos naturais o cumatê, tirado de uma casca de árvore de mesmo nome, além dos pigmentos minerais, um de cor marrom-cobre (tipduã) e outro branco (tipseino), ambos retirados de pedras moles. As ceramistas repassam esse conhecimento às jovens indígenas, que colocam em prática, criando os seus próprios objetos (2009, p. 51).

Figuras 71 e 72 - Cerâmicas diversificadas do Povo Palikur



Fotos: Acervo do Museu Sacaca, 2002.

O pote duplo *Tukutuku* é utilizado para servir o caxixi. O preparo desta bebida não é mais realizado pelos Palikur, pois eles aderiram à religião pentecostal, mas, eles são os únicos a confeccionar esses potes de cerâmica na região.

A produção das cerâmicas envolve toda a família. São feitos de barro assado e são as mãos das mulheres que dão forma à cerâmica em vários formatos e tamanhos.

A tradição das artesãs consiste na fabricação de grandes potes, os *dariwit nobsesa*, de diversos tamanhos, para o preparo e armazenagem do *caxiri-woska*; potes menores, que são duplos e comunicantes, os *tukutuku*, para o consumo da mesma bebida e vasos mais simples, chamados de *wanamiú* (VIDAL, 2016, p.155).

O caxixi é uma bebida preparada exclusivamente pelas mulheres, homens não participam. Mulheres das outras etnias do Oiapoque ainda fazem essa bebida. Elas “preparam no forno um grande beiju de mandioca, que é fatiado, colocado em um pote com água, onde adicionam o açúcar ou mel, ou ainda xarope de abacaxi, para o preparo desta bebida”. “As

indígenas cantam ao redor do pote e inserem uma cuia emborcada no fundo deste pote, aguardam até que a cuia suba”. “Quando isso acontece, a bebida está pronta. Caso ocorra da cuia não subir, significa que a bebida não está boa para ser ingerida” (VIDAL, 2016, p.217).

Figura 73 - Pote duplo Palikur



Foto: Acervo do Núcleo de Museologia/ Museu Sacaca, 2002.

As cuias são denominadas “em Patoá *kui*, em Palikur, *tumawri*, são objetos de tamanhos variados, pequenas, médias e grandes”. “São fabricadas com o fruto da cuieira, da família das bignoniáceas”. Utilizadas em “rituais, nas festas para beber o caxixi, para vender e nas atividades da casa, como pegar água, guardar miudezas, sementes ou miçangas”. Podem ser “desenhadas ou pintadas expressando temas diversos da natureza deste mundo e do mundo dos invisíveis”. “As cuias são usadas para comer ou para servir farinha, tapioca, tucupi, açáí, bacaba ou tacacá. Ainda que estejam quebradas, são utilizadas como colher ou raspador de mandioca” (IEPÉ, 2011, p. 56-57). As cuias são confeccionadas da seguinte maneira:

A polpa da cuieira é umedecida e, a seguir, retirada. A casca é cortada ao meio, em duas partes, formando os recipientes. Em seguida, as cuias são secas, polidas, gravadas com ponta de faca e finalmente tingidas com tintas vegetais, como o cumatê ou o macocó, entre muitas outras. Depois de pintadas, as cuias são deixadas para secar novamente, às vezes em cima de folhas secas de mandioca para fixar a tinta preta passada na parte interna (IEPÉ, 2011, p. 56).

Figura 74 - Cuias Palikur



Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2002.

As indígenas ainda mencionam que para escolher um fruto da cuieira deve-se saber escolher. Ao bater no fruto, o som emitido deverá ser “seco”, caso contrário, ele não servirá para fazer a cuia, poderá ficar sem um bom formato (IEPÉ, 2013).

Outro objeto importante são os maracás, em Patoá, *mahaka*, em Palikur, *waw*, são “instrumentos de percussão”, utilizados em rituais. São construídos a partir de frutos ainda pequenos da cuieira ou da cabaça. Dentro deste instrumento é inserido sementes para produzir o som. Para o maracá ficar mais bonito são colocadas “penas de aves como arara, garça ou papagaio”. Os maracás são diferenciados. “Os maracás dos pajés são especiais e ficam guardados em um cesto chamado de *paghá* ou o *pakarã*” (VIDAL, 2009, p. 64), em Patoá *pagha* em Palikur *yamat*. Os das mulheres são de cabo longo. “Elas utilizam batendo com força no chão, para marcar o ritmo da dança” (IEPÉ, 2009, 2013).

Os rituais dos Palikur envolvem a participação conjunta de homens e mulheres. A condução da festa é determinada pelo maracá, instrumento que é predominante no evento. Ritual *kayka aramtemam*, dança de clarinetes ou turés como são regionalmente conhecidos estes instrumentos e o ritual *kayka sabbugman*, dança do tambor, são ambos conduzidos por homens; se o som for feito pelos maracás de cabo comprido (*kayká wawahmna*) são as mulheres que determinam o compasso da festa (CAPIBERIBE, 2016, p. 102).

Figura 75 - Maracá Palikur



Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2011.

Outra característica importante dos povos indígenas é o manuseio das fibras. São as técnicas com as fibras que farão com que os trançados dos objetos sejam mais abertos ou fechados.

Para as peneiras, por exemplo, o acitá é a fibra ideal por ser resistente à umidade e à força empregada para se “peneirar” a massa de mandioca. As fibras podem ser naturais, ou pintadas nas cores preta e vermelha para que a cestaria ganhe mais detalhes com marcas e desenhos marchetados (VIDAL, 2009, p. 38).

O tipiti, *Kuev*, em Patoá; *matap*, em Palikur. É confeccionado da “matéria-prima da talada folha do buriti ou do caule do arumã. O arumã é encontrado nas áreas alagadas, próximas aos

rios, tem hastes fortes e, quando madura, fica na cor verde-escuro”. A “arte do tipiti revela a habilidade trabalhada com a fibra vegetal, ela é entrecruzada, podendo haver vários padrões de trançados, tendo formato cilíndrico e flexível”. Possui duas alças, uma superior e outra inferior, sendo que a abertura fica na parte superior. Esse “objeto é utilizado para espremer a massa de mandioca” (CASTRO, 2016, p. 165-172).

Figuras 76 e 77 - Tipiti e Peneira, feitas de fibra natural.



Fotos: Acervo do Museu Sacaca, 2002.

As peneiras são chamadas na língua Patoá, de *manahé* e em Palikur, de *Huw*. Quando “as peneiras são bem fechadas, são utilizadas para espremer, separar a goma do tucupi; quando mais abertas, são utilizadas para coar a massa”. Podem ser utilizadas em sua “confeção as matérias-primas de arumã, haste da folha de miriti (buriti) e acitá”. No suporte são utilizados “vareta de pitomba, de caniço; na amarração são utilizados fio de curauá e fio de algodão” (IEPÉ, 2013, p. 153).

Ao final do período desta pesquisa, os objetos que compõem a casa Palikur foram retirados para o Núcleo de Museologia, em virtude do museu se encontrar fechado ao público, há quase dois anos por conta da Covid-19. Somente as atividades internas estavam funcionando. As figuras destacadas nesta seção (figuras 71 a 74) fizeram parte do acervo da primeira e da segunda casa construídas pelos Palikur. Alguns objetos, como os bancos em miniaturas estão guardados no núcleo. Ressalta-se que o Museu Sacaca não possui um ambiente destinado para a reserva técnica.

Os povos indígenas do Oiapoque são importantes conhecedores da arte de trançar (*naté*, Patoá; *humka*, Palikur). Os cesteiros, como são chamados, utilizam seus conhecimentos e suas técnicas com as fibras vegetais para produzir diversos objetos como “peneiras, tipitis, esteiras, abanos, cestos, jamaxins e suportes para ornamentos plumários” (VIDAL, 2009, p. 38).

Figuras 78, 79 e 80 - Indígena Palikur demonstrando habilidade no trançado de fibras naturais



Fotos: Iana Duarte, 2019.

A sequência de imagens feitas pela pesquisadora (figuras 78, 79 e 80) trata-se de uma demonstração do indígena Palikur apresentando as habilidades com as palhas para os visitantes que estavam na Exposição a Céu Aberto. A construção da casa de 2019 não inviabilizou as visitas mediadas ou espontâneas, dentro do Museu Sacaca, ao contrário, foi um período visto como positivo, todas as atividades estavam acontecendo de maneira natural. Os visitantes puderam interagir com os indígenas fazendo perguntas a eles, demonstrando respeito ao saber fazer desses povos.

6 QUARTA SEÇÃO: FESTA DOS POVOS, UM DIÁLOGO INTERCULTURAL

O museu é muito importante para o povo. É o armazenamento de guardar o histórico profundo do povo indígena pra mim, assim como para o povo Palikur. É casa de guardar a memória. É uma casa que tem essa leitura do passado, dos nossos antepassados do povo Palikur. É de armazenamento, sempre guarda (Cacique Gilberto Iaparrá, Oiapoque, 2020).¹¹

A Festa dos Povos foi uma ação intercultural que reuniu os povos e etnias para manifestarem sua cultura, os seus cantos, as suas bebidas, as suas danças, o encontro entre os povos indígenas e não indígenas.

O local escolhido para essa ação foi a praça das etnias (figura 82), espaço que compõe a Exposição a Céu Aberto, lugar em que os povos e culturas se encontram para dialogar e apresentar as suas manifestações e ritos sobre a diversidade cultural do povo amazônico. A concepção da arte gráfica da praça das etnias foi inspirada em uma das armas de guerra do

¹¹ Entrevista realizada pela autora desta pesquisa ao Cacique do Povo Palikur, Gilberto Iaparrá, sobre o significado de Museu.

povo Palikur chamado de escudo *Awirú* (figura 83).

Segundo os pesquisadores Vidal, Levinho e Grupioni (2016, p. 257), os indígenas utilizavam o escudo para suas defesas entre outros elementos, como “as bordunas, as flautas de osso, os escudos de madeira, as fechas, os arcos e as plantas que tinham venenos mortais”. O material utilizado para a “fabricação desses escudos era de entrecascas de árvores, de madeira esculpida e pintada”. “As matérias-primas utilizadas para a confecção eram a madeira da sapopema de cortiça, lacre, breu, fibra de algodão e cera de abelha. As tinturas eram de cumatê, makoko, axiuá e tinta industrial”. “Existiam dois tipos de escudos: o escudo que protege o peito do guerreiro, na língua Palikur, *umaduc*; e o segundo era o escudo o que protege o antebraço, chamado em Palikur de *emaducti unamiya*”.

Outros objetos destacados são as bordunas chamadas na língua Patoá, *Batõ*, e em Palikur, *Imangi*. Era uma das armas utilizadas em guerras. “Eram feitas com as madeiras de marapinima, miraúba e jutaí” (IEPÉ, 2013, p. 185).

Figura 81 - Modelos de Bordunas



Desenho: Manoel Labonté, 2013.

Os relatos do indígena Manoel Labonte (IEPÉ, 2013, p. 185-186), esclarecem que “as bordunas maiores poderiam ser utilizadas para matar bicho e antigamente gente”. Ainda destaca que a terceira borduna (esquerda para a direita) era a “utilizada pelos jovens aprendizes e, as duas últimas serviam para a pesca de pirarucu e de jacaré”. Existia uma que era “específica para ser presentes, nos encontros que não eram de guerra, em respeito aos visitantes que iam na aldeia ou quando iam visitar outro povo”. As bordunas eram conhecidas, também, como clavas, mencionadas nos “cantos, nas narrativas de guerras ou nos mitos”. “As mulheres poderiam utilizar as clavas para atrair a chuva” (VIDAL, 2009, p.85).

A flauta de osso era um instrumento utilizado para “manifestar o início das guerras, ou ainda, em situações vivenciadas que fossem muito tristes para os indígenas, como a morte de um guerreiro”. A pesquisadora Lux Vidal destaca:

A guerra era uma atividade constante na região que abrange, hoje, o norte do Amapá

e parte da Guiana Francesa. Além dos conflitos entre grupos indígenas, havia os confrontos com os colonizadores franceses e portugueses, caçadores de escravo, piratas e empreendedores, ávidos das riquezas naturais da região (2009, p. 82).

A riqueza dos objetos, dos símbolos e seus significados inseridos pelas comunidades tradicionais ou artistas locais na Exposição a Céu Aberto representam a diversidade cultural amapaense. Como exemplo, temos na praça das etnias, o totem (figura 87), foi um monumento concebido por artistas locais e representa a cultura do povo amapaense. No centro da praça existem os mastros, troncos de árvores, que representam “as manifestações religiosas do Turé (indígena), o Espírito Santo e Santíssima Trindade (Marabaixo) e as festas dos santos católicos”.

Na festa dos povos, os indígenas se reuniram para realizarem as suas manifestações culturais, suas danças na praça das etnias utilizando instrumentos (figura 84) que emitiam sons que ecoavam chamando atenção dos outros grupos e dos visitantes que contemplavam a arte e a diversidade cultural do povo indígena. A praça das etnias é um lugar de compartilhar saberes das populações tradicionais, dos povos da floresta e outros grupos.

Figura 82 - Praça das Etnias



Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2012.

Figura 83 - Grafismo no piso da Praça das Etnias

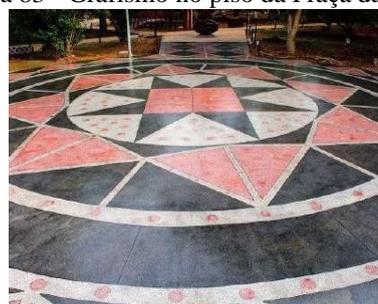


Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2012.

Segundo os dados documentais do Núcleo de Museologia do Museu Sacaca, o totem construído na praça das etnias foi estruturado em forma cilíndrica da base ao vértice, com figuras em alto e baixo relevo, confeccionado em quatro módulos sobrepostos, apresentando quatro faces, representando os povos da Amazônia e sua miscigenação (negro, índio, branco e caboclo) e como fundo a fauna, flora e iconografias dos índios extintos do Amapá, Maracá e Cunani. O lado norte é representado pelo índio; o lado sul, pelo negro; o lado leste, pelo branco; e o lado oeste pelo caboclo e suas contribuições culturais, como o extrativismo vegetal, a dança folclórica do Marabaixo, a caça e culinária indígena e o transporte fluvial. Toda a cultura dos povos em cima da base do primeiro módulo representado por grandes mãos demonstrando perfeita harmonia e integração entre esses povos, que tratam a natureza com racionalidade,

como pode-se perceber na figura 87.

Figuras 84 a 87 - Representações da diversidade cultural amapaense na Festa dos Povos do Museu Sacaca (à esquerda); Detalhe do Totem da Praça (à direita)



Fotos: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019 e Acervo do Museu Sacaca, 2019.

6.1 O Museu Sacaca como uma zona de contato

Os territórios museais se tornam locais de fluxos de pessoas, de encontro, de reencontro, de confronto, de aproximação ou de distanciamento entre as diversas culturas e nacionalidades. Pode se tornar um local de potencialidades para discursos políticos, sociais, culturais e educacionais, um laboratório que fomenta a pesquisa museológica, antropológica, entre outras áreas de estudo.

Clifford destaca que os museus são territórios “transculturais” e tornam-se uma “zona de contato” na medida em que proporcionam “o contato entre os povos que geográfica e historicamente foram separados por conflitos” e “entram em contato uns com os outros”

estabelecendo “relações concretas”. Os objetos em exposição nos museus já “provocaram (propiciaram, deram voz a) histórias concretas e lutas sociais” (2016, p. 5-6).

“Os museus trabalham cada vez mais com as fronteiras entre mundos diferentes, histórias e cosmologias” (CLIFFORD, 2016, p. 24). Esses contatos e relações entre os povos podem “ser negativas ou positivas”, mas que precisam ser sempre confrontadas dentro dos territórios museológicos.

Na festa dos povos, foi possível perceber o encontro de povos que vivem em fronteiras, das histórias de luta, dos conhecimentos culturais narrados e vivenciados por meio de suas danças, sons emitidos pelos instrumentos musicais trazidos por eles de suas aldeias, seus mitos, seus objetos, a exemplo da mandala ou roda de teto que está em exposição na casa de uso comunitário, dos Wayana e dos Aparai. Velthem (2010) destaca que a “roda de teto apresentagrafismos que não são encontrados em nenhum outro objeto fabricado pelos Wayana e Aparai”; e que “a *tukusipan – parohtopo* pertence ao chefe da aldeia, é o lugar destinado às relações entre as pessoas de uma mesma aldeia, e ainda são feitas refeições em conjunto, reuniões, assembleias, além de receber os visitantes, que dormem nesse espaço quando estão de passagem” (p.47-48). Algumas informações como as mencionadas acima eram compartilhadas pelos indígenas quando realizavam os seus atendimentos aos visitantes.

Também chamou a atenção, durante a pesquisa etnográfica, a movimentação e a concentração dos povos indígenas dentro de determinados lugares do território museológico. Os indígenas se concentravam sempre próximos aos seus grupos, e estes tinham como referência as suas casas construídas dentro do espaço museal, a casa Palikur, a casa Wajãpi e a casa dos Wayana e a dos Aparai. Os integrantes das diferentes etnias realizavam danças, com destaque para as mulheres Aparai, que juntas com a sua líder, cantavam e movimentavam-se com passos sincronizados no lado externo da casa.

Pode-se afirmar assim, que o referencial espacial para as etnias dentro do Museu Sacaca era a casa que pertencia a seu povo. As crianças Wajãpi interagiam com o público, mas sempre próximas aos seus responsáveis, brincando nos bancos indígenas em formato de aves, de certo, uma lembrança de sua aldeia.

O igarapé do Museu Sacaca era outro lugar em que os indígenas, tanto os que tinham vindo da aldeia quanto os que moravam na cidade, gostavam de contemplar, levavam as crianças indígenas para verem os peixes e os quelônios. Em relatos de alguns indígenas, esse ambiente fazia com que eles se lembrassem de suas aldeias e era possível perceber que os animais estavam protegidos dentro do museu.

Havia um lugar que era possível observar a concentração de todas as etnias indígenas e não indígenas (na língua indígena chamado de *parahnah*), um espaço comum a todos, a praça das etnias, como já citado anteriormente. Neste lugar, dançavam, bebiam o caxixi, a sacurá, bebidas que são preparadas pelos próprios indígenas. As bebidas eram compartilhadas entre os indígenas, pois era dia de festa. Os outros povos também apresentaram as suas manifestações culturais, era possível observar a riqueza do encontro dos “mundos diferentes” dos “territórios transculturais”, sejam na diversidade de línguas, nas vestimentas ou nas pinturas corporais representadas pelas etnias indígenas, este lugar tornou-se um lugar de relações, como menciona James Clifford (2016).

Os museus em geral, assim como o Sacaca, são espaços que atendem a um público diversificado, de nacionalidades distintas, culturas e faixas etárias diferenciadas, podendo torna-se o local de encontro, de diálogo entre os povos indígenas e não indígenas, seja por meio de suas exposições, de seus objetos e coleções, danças, discursos ou das suas pautas e reivindicações contemporâneas. Sendo assim, o Museu Sacaca realiza dois tipos de atendimentos destinados aos visitantes que desejam conhecer a Exposição a Céu Aberto, os seus projetos, as ações culturais e educativas. O primeiro é feito com o agendamento prévio no setor educativo, sendo que em 2019 foram atendidas 840 pessoas de grupos comunitários e 14.445 alunos das redes públicas e privadas. O segundo atendimento é sem o agendamento, são visitas espontâneas na Exposição a Céu Aberto, que corresponderam a 47.655 visitantes locais e turistas. Destes, 12.643 visitantes foram de procedência do estado do Amapá, conforme os dados dos relatórios de 2019 CDCT/Museu Sacaca. Com base em dados apresentados pelo Núcleo de Museologia e o setor educativo, referente ao ano de 2019, foi possível analisar algumas informações sobre o perfil do público que frequentou o Museu Sacaca.

O Museu Sacaca recebeu de janeiro a dezembro, 92.559 mil visitantes, incluindo as escolas e grupos comunitários, número que chamou atenção. Esse significativo aumento de visitantes e de visibilidade desta instituição é devido, entre outros fatores, a construção dos novos espaços na Exposição a Céu Aberto, como as casas indígenas dos Palikur, Wajãpi, Wayana e Aparai e, também, às ações culturais, como o projeto “Vem para o Museu”, que incentivava a população a conhecer as atividades e os projetos oferecidos pelo museu, além das ações educativas que foram fomentadas no ano em análise, junto às escolas.

No livro de registro de visitantes, foi possível identificar que as mulheres são as maiores frequentadoras desse espaço museal, e que janeiro, maio, agosto e outubro de 2019 foram os

meses em que o Sacaca recebeu o maior número de visitantes locais e de turistas.

As atividades educativas realizadas nos espaços revitalizados e inaugurados em agosto 2019 contribuíram com o fluxo de visitantes na Exposição a Céu Aberto. Dentre esses espaços, temos: o espaço da Samaúma, que recebeu 925 visitantes em agosto; em outubro, agregada a programação da semana da criança, foram 4.925; em novembro, 224 visitantes; e em dezembro, 320, na programação do 2º Sarau da Samaúma das Palavras.

Outro espaço que contribuiu com as atividades dentro do museu foi o de Multimídia, destinado à exibição de documentários, imagens, sons que retratam as vivências dos povos amazônicos, com 865 participantes. Destaca-se a quantidade e o perfil dos públicos que frequentam o Museu Sacaca para se refletir a potencialidade e os discursos políticos, culturais e educacionais que esse lugar pode oferecer à sociedade amapaense, nacional e internacional.

Figuras 88 a 91 - Estudantes na Festa dos Povos e indígenas atuando como mediadores



Fotos: José Baia, SECOM/GEA, 2019 e Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Nos quadros abaixo, estão destacadas as procedências do público nacional e internacional que mais visitaram o Museu Sacaca em 2019, o que confirma a diversidade de atendimento a povos e culturas que transitam no espaço museal.

Figuras 92 e 93 - Quadro de Ranking de visitas ao Museu Sacaca em 2019



Arte: Ana Kelen Souza, 2021.

Com uma participação menor, tivemos Grécia, Estados Unidos, Espanha, Haiti, México, Honduras, Coréia, México, Filipinas, Argentina, Chile, Paraguai, Colômbia, Israel, Bolívia, entre outros. Essas visitas foram mediadas ou espontâneas dentro do museu.

As exposições nos museus podem ser analisadas pelos visitantes com os seguintes olhares, de uma comunidade que expõe a si mesma através de coleções e cerimônias espetaculares, constituindo-se um lado de “dentro” e um lado de “fora”. Ou ainda, pode ser direcionada de maneiras diferentes para membros e forasteiros – os membros são convidados a compartilhar da riqueza simbólica, os forasteiros são mantidos como observadores ou parcialmente integrados, sejam eles especialistas ou turistas. Esses territórios denominados de “zonas de contato locais/globais, lugares de criação de identidade e de transculturação, de contenção ou excesso; essas instituições são exemplos do futuro ambíguo da diferença “cultural”, o “mundo dos museus” é diversificado e dinâmico”. Os espaços de coleção, realocação e exibição marcados pelo termo “museu” são transculturais (CLIFFORD, 2016, p.27-29).

6.2 Entrega das casas indígenas na Festa dos Povos

No dia 30 de agosto de 2019, em meio a uma programação cultural, os povos indígenas entregaram as suas casas para as visitas. Era dia de festa para os guardiões das florestas. O museu recebeu, neste dia, 2.100 visitantes, que puderam conhecer, dialogar e interagir com os representantes das etnias que vivem no Amapá. Esta programação proporcionou o contato entre os povos e o diálogo intercultural.

A ação cultural reuniu várias etnias, dentre elas: os Galibi-Marworno, os Wajãpi, os Palikur, os Karipuna, os Wayana e os Aparai, que vieram de seus territórios indígenas para compartilhar com os seus parentes e com os visitantes as suas memórias e seu patrimônio cultural. Nesse dia, os indígenas atuaram como os mediadores no museu, podendo representar as suas etnias, vender seus artesanatos, realizar pinturas corporais e compartilhar conhecimentos sobre a sua cultura e a sua identidade.

Esse ato foi uma forma de fortalecer a proposta deles ante a sociedade amapaense e as autoridades governamentais que estavam presentes nesta festa, ressaltando a importância de os indígenas atuarem como mediadores no Museu Sacaca, podendo dialogar com os visitantes que frequentavam este lugar. No dia de entrega das casas indígenas, os técnicos e os mediadores não indígenas do Museu Sacaca apenas recebiam, organizavam e direcionavam os grupos de alunos ou visitantes aos espaços das casas indígenas, cabendo a cada etnia dialogar com esse público visitante ou em outras ações culturais e educativas que estavam sendo oferecidas pelo museu.

As três casas (figuras 94 a 96) que representam as etnias são: Palikur fonte desta pesquisa, a Wayana e a Aparai, que em território brasileiro estão situados na Terra Indígena de Tumucumaque e da Terra Indígena Rio Paru D'Este, norte do estado do Pará. A casa edificada no museu apresenta o tamanho de 5 por 5 metros, é a metade da original que é construída na aldeia. O material utilizado para a edificação dessa casa foi fornecido por seus parentes Palikur, que trouxeram das aldeias do Oiapoque, pois o acesso às terras indígenas de Tumucumaque tornava-se muito difícil pela distância. Os Wajãpi habitam nos municípios de Laranjal do Jari e Pedra Branca do Amapari (Amapá) e o parque indígena de Tumucumaque (Pará). Os materiais utilizados para a edificação da casa foram retirados de suas aldeias: troncos de aquariquara para os esteios verticais, para o piso, foram utilizados troncos de açazeiro ou paxiúba (*pasi'y*), vigas de andirobeira para as colunas de sustentação da casa, folhas de ubim (*ovi*) para a cobertura e cipó-titica para amarrações de todas as estruturas da ambientação. A casa Wajãpi construída em 2019 possui as dimensões de 5 metros de comprimento, 3,5 metros de largura e 5 metros de altura.

Figuras 94 a 96 - Casa Palikur, Casa Wayana e Aparai e Casa Wajãpi (da esquerda para a direita)



Fotos: José Baia, SECOM/GEA, 2019.

Figuras 97 e 98 - Alunos na Casa Aparai e Wayana (à esquerda) e o público na Festa dos Povos (à direita)



Fotos: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Figura 99 - Visitantes no Museu Sacaca durante a Festa dos Povos, em 2019



Foto: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Esta reivindicação por parte dos representantes indígenas das etnias Palikur, Wajãpi, Aparai e Wayana ocorreu no dia 27 de maio de 2019, antes de eles iniciarem a construção das casas. Esses povos solicitaram ser os interlocutores dentro do Museu Sacaca e não mais um não

índio, pois quem melhor do que eles para falarem de sua cultura? Ainda deixaram registrado que as outras etnias que vivem no Amapá desejam ter as suas casas representadas na Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca. A partir de 2019, o público que visita o Museu Sacaca pode conhecer sobre mais uma casa indígena, a dos Wayana e dos Aparai e contemplar a arte e o estilo dessa moradia, além dos elementos utilizados para a construção, as histórias e as funções das três casas indígenas em exposição no Museu (figuras 94 e 96).

6.3 Reivindicações dos Povos Indígenas no Amapá

Em se tratando de museus como um lugar diversificado, de exclusão ou de luta, menciona-se que os povos indígenas têm tomado consciência e se apropriado de determinados lugares, reconhecendo-os como espaços de luta por reconhecimento, no que se refere aos direitos e garantias. Segundo análise dos teóricos Charles Taylor (1994) e Axel Honneth (2003), a política de reconhecimento parte do respeito à identidade, à cultura e à diferença, os sujeitos devem ser respeitados em suas diferenças. Taylor (1994) ressalta que as pessoas são indivíduos únicos e portadores de cultura. Honneth (2003) destaca três estágios em sua teoria por reconhecimento: primeiro na dimensão privada - o amor - característica da intersubjetividade, está relacionada à troca de afetividades entre os indivíduos; o segundo estágio refere-se ao direito, ao campo jurídico, às leis, às garantias. O indivíduo reconhecendo-se e as leis os reconhecendo. Neste estágio, o direito deve garantir o respeito recíproco, o direito para todos, compreender que é necessário reconhecer no outro as suas diferenças; e o terceiro estágio, a solidariedade, que acaba ultrapassando as normas jurídicas, vem valorizar o diverso, o diferente. Esses pressupostos vêm fundamentar algo que foi possível observar na pesquisa etnográfica, em relação aos povos indígenas que vivem no Amapá, como uma das demandas por reconhecimento: o direito à transmissão de seus conhecimentos tradicionais e de sua cultura em ambientes museológicos, local em que os seus acervos estão expostos. Como isso se explica? Desde 2001, época em que as primeiras casas foram construídas no Museu Sacaca, o elemento principal na exposição era a casa e os objetos que faziam parte do circuito expográfico. É de prática dentro do Sacaca, os não índios (parahnah), os técnicos denominados mediadores seremos responsáveis por receber diariamente os turistas e os alunos das instituições escolares, e assim dialogarem sobre os conhecimentos da cultura indígena, da dos outros povos ou sobre as pesquisas do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas- IEPA.

Um pouco da experiência que nós conhecemos de outros museus, quando a gente chegava das viagens, a gente observava que tinha alguém recepcionando, assim como

tem agora aqui, os mediadores, os monitores, eles contavam toda uma história, e eu falava, quem ia contar a história do povo Palikur? A história do povo Wajãpi? Quem mais sabe dessa cultura, se não o próprio índio Palikur e o índio Wajãpi? Pra falar do seu dia a dia, de seus anseios, dos artesanatos. [...] quando chegar um indígena aqui, eles podem contar a sua história, do seu artesanato. Nessas casas vão poder vender os seus artesanatos e vender os seus produtos. A gente imagina, a gente viaja muito em nossos pensamentos, e essas casas vão ser assim, não que sejam as peças mais importantes, mas vão ser as mais visitadas, com certeza pelos visitantes, sejam amapaenses, brasileiros, pelos estrangeiros, pelos turistas, pelo Oiapoque (informação verbal).¹²

Essa reivindicação dos povos indígenas para o espaço do Museu Sacaca demonstra um protagonismo deles para a atuação em um museu na capital do estado. A participação diária no Sacaca traria um diferencial ao atendimento desta instituição, a valorização da cultura indígena e o respeito a essas etnias. Experiência como essa, já é vivenciada no Museu Kuahí, localizado no município de Oiapoque/AP. Este é o único museu efetivamente indígena no estado do Amapá. O Kuahí foi criado para fortalecer a cultura indígena, desde a concepção, seleção dos objetos etnográficos, a administração e o atendimento aos visitantes, todas essas etapas são realizadas por eles. O Cacique dos povos indígenas do Oiapoque, Gilberto Iaparrá, ressalta a importância do Museu Kuahí:

Então, quero dizer à equipe do museu, dizer, também, à presidência, que no município do Oiapoque, nós temos um museu importante, nosso museu do Oiapoque, nós queremos, também, honrar. [...] nós temos o compromisso e queremos honrar as 53 aldeias do município do Oiapoque que as três terras indígenas Juminã, Uaçá e Galibi, nós temos o compromisso. [...] É um museu onde faz fronteira com a Guiana Francesa. Quando o turista chega lá, nós precisamos expor nosso material, assim, como aqui no Museu Sacaca, com a construção dessas três casas, o turista vem aqui visitar o museu (informação verbal).¹³

A Festa dos Povos foi um momento marcante em que ficou registrado não somente a entrega das casas indígenas, mas, a luta desses povos, por meio de seus representantes indígenas, que aproveitaram o momento e em público lembraram as reivindicações dos seus povos para as autoridades governamentais, que participavam naquele momento do ato de entrega oficial das casas indígenas e dos outros espaços que foram revitalizados no museu. Foi ressaltado que os indígenas têm nos últimos tempos se preparado, estudado e buscado qualificações em níveis técnicos, superiores e até mestrados, para assumirem posições na sociedade amapaense, no caso em destaque, que é o Museu Sacaca estão dispostos a se qualificarem na área da museologia, para poderem participar dentro das etapas necessárias ao atendimento das instituições escolares, visitantes locais ou turistas nacionais e internacionais.

¹² Discurso da secretária da SEPI, Eclêmilda Macial, em reunião que oficializou a construção das casas indígenas no Museu Sacaca, em 27 de maio de 2019. SEPI significa Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas.

¹³ Discurso do Cacique Gilberto Iaparrá em reunião no Museu Sacaca, em maio de 2019, ressaltando sobre a importância do Museu Kuahí para os povos indígenas.

O povo indígena tem se posicionando buscando seus direitos quanto ao respeito à identidade, à cultura e à diferença. Essa pauta reivindicada aos representantes governamentais do estado do Amapá em 2019 vem sinalizar um novo diálogo para que haja a valorização desse grupo, o respeito a diversidade cultural, compreendendo que o indígena pode atuar dentro das aldeias ou fora delas.

Vejamos o discurso da secretária da SEPI, Eclêmilda Macial, que destaca a importância da construção das casas indígenas no espaço do Museu Sacaca para o povo indígena:

As pessoas na verdade não conhecem a cultura indígena aqui no Amapá, quando a gente vai e vocês têm escutado saindo daqui do Amapá, lá fora eles dizem vocês são todos índios? Como os índios andam lá, todos nus? Então, chega aqui em Macapá, às vezes, o nosso amapaense, ele não dá a devida importância dessa cultura, ele não conhece a cultura indígena, na verdade, quando nós começamos a conversar com o secretário Jorge sobre as casas, existiam duas: a Wajãpi e a Palikur. Elas foram se deteriorando até cair e foram desativadas. Na verdade, não tiveram o devido valor que elas deveriam ter, elas não tinham vida, e quando conversamos com o secretário, ele mostrou o espaço e nós começamos a pensar nestas casas, antes mesmo de sonhar com a terceira casa (informação verbal).¹⁴

6.4 Festa dos Povos: vivências e significado de museu para os povos indígenas

Os relatos mencionados nesta seção foram observados e coletados durante a programação da Festa dos Povos. As ações culturais e educativas aconteceram durante o dia todo. Neste dia, além dos turistas, houve a participação das instituições escolares, que tiveram a oportunidade de conhecer e interagir por meio das atividades propostas sobre a cultura e as vivências desses povos.

As etnias que entregaram as três casas foram os Palikur, os Wajãpi, os Aparai e os Wayana. Essa programação reuniu os povos do Oiapoque, Pedra Branca do Amapari, Parque do Tumucumaque e os indígenas que vivem na capital do estado. Era dia de festa para os guardiões das florestas do estado do Amapá. Foi um momento para compartilhar com os outros povos e etnias, suas memórias e seu patrimônio cultural. Alguns indígenas estavam visitando pela primeira vez o espaço do museu, fato que trouxe reflexões interessantes para eles sobre o novo lugar.

O museu é um lugar que se pode guardar os nossos costumes, através de um pequeno pote, um pequeno objeto, nós podemos saber a história dos nossos ancestrais. Esse evento, a Festa dos Povos é muito gratificante. Estar junto com os Wajãpi, nós estamos aprendendo com eles e eles com a gente (Dilziane Orlando, 23 anos, pertencente a etnia Palikur, do rio Uaçá, Aldeia Kumenê).¹⁵

¹⁴ Discurso da Secretária dos Povos Indígenas do Amapá, Eclêmilda Macial, em reunião com as autoridades governamentais, indígenas e representantes do IEPA, em maio de 2019.

¹⁵ Depoimento de uma representante do povo Palikur, na Festa dos Povos, realizada no Museu Sacaca em 2019, registrado pela autora desta pesquisa.

Foi possível observar nas falas dos indígenas que estavam presentes na Festa dos Povos que o território do museu era um lugar que apresentava relações com a natureza, com a identidade e o patrimônio cultural. Para Saquet o território é entendido como:

Lugar de relações sociais; desconexões e redes; de vida, para além da produção econômica, como natureza, apropriação, mudanças, mobilidade, identidade e patrimônio cultural; como produto socioespacial e condição para o habitar, viver e produzir (SAQUET, 2007, p. 118).

Ao relatar a construção das casas indígenas no Museu Sacaca, podemos observar muitos fatores: “existe a possibilidade de se encontrar certos materiais, o nível técnico, o espaço, a visão de um povo, a estrutura da família, do clã e as relações sociais” (RAPOPORT, 1972, p.65 *apud* NOVAES, 1983, p.5). Para os indígenas, as casas construídas no Museu Sacaca eram semelhantes às casas de suas aldeias, dos seus territórios, pois podiam ver os animais que estavam soltos naquele lugar, as árvores frutíferas, realizar as suas danças, as pinturas, as bebidas e, ainda, estar nas casas que foram construídas por eles. O depoimento do representante dos Wajãpi demonstra a importância do espaço do museu e de sua casa, na Festa dos Povos.

Cada povo aqui fez a sua casa, Oiapoque, Tumucumaque e Wajãpi, isso é para ficarmos lembrando. Nós moramos nesse tipo de casa, ela é tradicional, essa casa é o nosso documento. Tudo o que tem aqui é importante, a casa, a peneira, o abano, sem isso a gente não vive. Estamos felizes aqui no museu, lembramos da nossa aldeia, o peixe, que tem aqui no museu, bate vento e é bem frio (Jamano Wajãpi, Macapá, 2019).¹⁶

O Museu Sacaca tem sido um dos espaços em que os indígenas podem compartilhar e valorizar a sua cultura. Atualmente, buscam os seus espaços dentro dos museus como sujeitos e autores sociais, e não mais para somente observar ou expor sobre a importância dos objetos que compõem a exposição do museu: “E essa história deve ser contada por nós indígenas, nós somos protagonistas da nossa história”. “O Sacaca, com certeza, vai ser muito visitado e ser reconhecido por essa história”, afirma a Secretária dos Povos Indígenas do estado do Amapá, Eclêmilda Macial.

Que nós possamos ter muita história para contar para os nossos filhos, netos e bisnetos, e vão ser contados lá nas casas, não por esses monitores, mas pelos outros, que vão falar que iniciaram esse trabalho, no dia em 27 de maio, a partir dessas casas construídas no Museu Sacaca (informação verbal).¹⁷

A indígena Cecília Apalai, ainda comenta a importância e o seu entendimento sobre o

¹⁶ Depoimento do líder do Povo Wajãpi, Jamano Wajãpi, no dia da Festa dos Povos que ocorreu no Museu Sacaca, em 2019. A entrevista foi realizada pela autora desta pesquisa.

¹⁷ Discurso da Secretária Eclêmilda Macial na reunião de oficialização da construção das casas indígenas no Museu Sacaca, em maio de 2019.

conceito de museu na programação da Festa dos Povos:

Eu não sei dizer direito, mas eu sinto que o museu é para valorizar as antiguidades, os conhecimentos dos ancestrais, ele precisa permanecer vivo e para mostrar para os nossos jovens que precisa conhecer o que foi construído há muitos anos atrás. E, hoje, é a nossa preocupação enquanto indígena, principalmente, na nossa cultura, os conhecimentos tradicionais, principalmente com essa influência que chegou em indígena, principalmente, na nossa cultura, os conhecimentos tradicionais, principalmente com essa influência que chegou em nossas comunidades, vem prejudicando, como é que eu posso dizer, está acabando, porque as pessoas começam a apropriar o outro conhecimento, principalmente nas vestimentas, a própria comida tradicional, danças, contos, essas coisas já estão começando a sumir. Os jovens não estão preocupados, já tem música popular, tudo isso já vem afetando. Eu sempre falo para a minha comunidade: a nossa cultura tem muito valor, a casa tem muito valor é uma identidade dos povos Wayana e Apalai, a gente não pode perder, tem que permanecer (Cecília Apalai, Macapá, 2019).¹⁸

Além das casas, outros elementos como as árvores, os peixes, os tracajás e até mesmo o vento trazia a eles a sensação de estarem em suas aldeias, ou seja, em seus espaços territoriais, como a citação da indígena Kyiwa Wajãpi, 39 anos, que mora na aldeia:

É a primeira vez que venho conhecer o museu, eu acho bonito, eu vi várias coisas a tartaruga, o jabuti eu vi tudo, tá tudo protegido, o museu é bem organizado. É um lugar ventilado, parece como a gente mora na floresta. Eu senti parece como estivesse na aldeia, parece a aldeia do limite. A gente fica triste de deixar a nossa casa aqui, mas a gente vai voltar, enquanto a gente não morre, a gente pode voltar. Quando a gente morre não volta mais. Mas eu não vou pensar isso, não vou pensar negativo, vou pensar positivo. E acrescentou: “eu gostei da floresta, aqui tem tudo, tem açazeiro, tem pupunheira, tem várias coisas. Eu adoro vir aqui, a gente mora dentro da floresta (Macapá, 2019).¹⁹

Os sistemas simbólicos inseridos na Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca através dos objetos utilizados por esses povos e as três casas ou habitações indígenas trouxeram um sentimento de pertencimento aos indígenas, pois esse elemento proposto no circuito museológico da Exposição a Céu Aberto foi construído por eles, representando o cotidiano de suas vidas. Clifford ressalta que “uma coisa é recorrer a um “informante nativo”, outra bem diferente é trabalhar com ele como co-curador” (2016, p. 22). “Um museu pode permitir que arte e artefato viagem para dentro e para fora do mundo dos museus” (2016, p. 23).

Além dos sentimentos e significados sobre o conceito de museu no olhar dos indígenas, fomentados na Festa dos Povos, foi possível observar que cada casa construída no museu tem as suas técnicas representando o conhecimento tradicional de cada etnia. Este conhecimento e os objetos são impregnados de simbologias e de uma linguagem própria para

¹⁸ Depoimento da líder, Cecília Apalai, na Festa dos Povos. A entrevista foi realizada pela autora desta pesquisa no espaço do Museu Sacaca.

¹⁹ Depoimento de uma representante do povo Wajãpi sobre o significado do espaço museal. A entrevista foi realizada pela autora desta pesquisa no espaço do Museu Sacaca.

os povos indígenas. A indígena e líder Aparai, durante a “Festa dos Povos”, menciona que estava à vontade no espaço do museu no dia da festa: “Eu me senti à vontade aqui. Quando eu vesti a minha roupa eu me senti como se estivesse na aldeia, tomando sacurá”. A sacurá é uma bebida típica, à base de mandioca. Ela é utilizada em acontecimentos considerados positivos na vida, seja sucesso na caçada, na pescaria, e tantos outros motivos para se festejar, como no caso da Festa dos Povos. Havia motivo para eles festejarem.

Os museus fazem parte de um ato de comunicação e de construção social e cultural, cujo acervo é composto por bens materiais e imateriais que expressam e traduzem o modo de vida, socialmente apreendida por determinados grupos humanos, abarcando seus valores, suas motivações, seus pensamentos e seus comportamentos (ATHIAS, 2010, p. 310).

Ao dialogar com os representantes das etnias Palikur, Wajãpi, Wayana e os Aparai, na Festa dos Povos, foi possível perceber, em alguns casos, a preocupação em não perder os costumes, os rituais, as comidas. O que eles queriam era proteger a sua cultura e o museu tornava-se um local de guarda da sua cultura.

Figuras 100 e 101 - Registros dos indígenas na Festa dos Povos



Fotos: Dandra Duarte, 2019.

Figura 102 - Trilhas na Exposição a Céu Aberto



Foto: José Baia, SECOM/GEA, 2019.

Figura 103 - Indígena Palikur no Museu Sacaca



Foto: Dandra Duarte, 2019.

A construção de suas casas no Museu Sacaca trouxe a esses povos lembranças, memórias, conhecimentos e ensinamentos. Cada casa tinha o seu estilo, formato, tamanho, elementos e matérias-primas específicas para cada etnia, demonstrando a relação, o conhecimento estabelecido com a natureza, o seu modo de vida e a cultura de cada povo. A relação do homem com a natureza, segundo retrata Cuche “o homem essencialmente é um ser de cultura, a cultura permite ao homem não somente adaptar-se ao meio, mas transformar a natureza” (1999, p. 9-10).

Portanto, compartilhar o conhecimento e o anseio da cultura indígena é ressaltar que o olhar do indígena é diferenciado do olhar dos não índios, pois ele não vê a floresta, a vida e os territórios, da mesma maneira que os não índios (parahnah). Para eles, a floresta não é habitada somente por árvores, plantas, animais, riquezas minerais e naturais, existem outros mundos e seres. Estes seres devem ser respeitados e os lugares que eles habitam são considerados sagrados. Assim, reconhecer e fortalecer as políticas públicas voltadas à diversidade cultural dos povos indígenas e propor diretrizes para nortear a política cultural de museus, são estratégias de que os povos da floresta podem se apropriar para se fortalecerem enquanto grupos que buscam o reconhecimento, o respeito às diferenças, o direito e a solidariedade.

Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos. No primeiro plano destes sistemas colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos estes sistemas buscam exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e mais ainda, as relações que estes dois tipos de realidade estabelecem entre si e que os próprios sistemas simbólicos estabelecem uns com os outros (Strauss, 1950, p.19 apud CUCHE, 1999, p.95).

Figuras 104 e 105 - Danças indígenas na Festa dos Povos e visitantes nas casas indígenas



Fotos: Maksuel Martins/SECOM/GEA, 2019.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória histórica dos museus no Brasil remonta ao período imperial, quando D. João VI, por meio de decreto, cria o museu Nacional, ou museu Real do Rio de Janeiro, que “refletiu a política indigenista do recém-criado Estado-nação, cujo objetivo era invisibilizar as populações indígenas, seja pelo extermínio ou por sua assimilação à “civilização” e ao “branqueamento” das raças, de modo a eliminar as diferenças sob o manto de uma só nacionalidade”. (KOK, 2018, p 8). Essa política de invisibilidade perdurou por muitos anos dentro dos museus, onde os povos indígenas eram vistos como selvagens, exóticos, seus objetos e coleções eram apresentados, algumas vezes, sem a devida referência.

Van Velthem menciona que “as coleções indígenas dos museus brasileiros se originaram igualmente de doações de viajantes, de militares, de comerciantes, do clero, de sertanistas, de diplomatas, de profissionais liberais” (2012, p. 562). Muitos desses objetos ou coleções eram entregues aos museus que “poderiam valorizar” ou “deixar no desconhecimento as expressões artísticas” sobre o determinado povo ao qual o objeto pertencia. Assim, os cuidados com os objetos são importantes, os objetos “falam” e as coleções são importantes fontes de pesquisa para os museus, revelam informações, características de um determinado período da trajetória de um povo ou de uma sociedade “constituem os testemunhos materiais por ela concebidos” (VELTHEM, 2012, p. 564).

Desta maneira nos anos 1990, motivados por antropólogos e por uma nova política dentro dos museus, chamada de “nova museologia” — “um modelo metodológico de interação entre o patrimônio cultural e a sociedade” (CURY, 2005, p. 63) —, os povos indígenas começam a se posicionar e vão ganhando espaços de fala, tornando-se sujeitos sociais em um “processo de descolonização”, outrora vistos como objetos em um processo histórico de colonização, dominação e exploração que perdurou por séculos.

Neste sentido, abrem-se novas perspectivas e surgem, no Brasil, museus com concepções e gestões diferenciadas, como o primeiro museu indígena, criado em 1991, chamado Magüta, dos Ticuna, em Benjamin Constant, no Alto Solimões, no Amazonas, próximo à fronteira do Brasil com o Peru e a Colômbia. No município de Oiapoque, Amapá, está localizado o Museu Kuahí que, entre seus objetivos, tem a finalidade de apresentar a diversidade sociocultural dos povos indígenas do Oiapoque — etnias Palikur, Galibi kali'na,

Galibi Marworno e Karipuna — promovendo, por meio de seu acervo, o diálogo entre a sociedade nacional e internacional.

No Museu Kuahí, os representantes das comunidades indígenas assumem “o papel de curadores, antropólogos, pesquisadores”, sendo os responsáveis pela administração deste museu. Velthem (2012, p. 571) destaca que “a existência desse museu favorece a interação entre os povos Karipuna, Galibi, Galibi Marworno, Palikur e a população do município, pois favorece um espaço de reflexão sobre relações interétnicas em um mundo globalizado e em acelerado processo de mudança”. Menciona-se esses dois museus por se tratar de exemplos de conquistas e de lutas dos povos indígenas nestes espaços, com participação efetiva em todos os processos museológicos. Kok relata que “Os museus indígenas se configuraram como espaço de lutas, interlocução cultural, afirmação de identidade, combate aos preconceitos e preservação do patrimônio material e imaterial” (2018, p. 19).

Esses espaços museais, vistos como lugares de interlocução cultural têm proporcionado o diálogo sobre a diversidade cultural dos povos indígenas. Portanto, deve-se conhecer a história de luta desses povos, respeitá-los e saber que eles têm seus direitos, suas memórias, o seu modo de ser e de viver, e suas concepções de mundo. Isso foi determinante para a organização deste material, pela visibilidade que o Museu Sacaca pode alcançar, principalmente com o público escolar, sendo um lugar de difusão da cultura dos povos tradicionais da Amazônia.

Nos últimos anos, têm surgido muitos museus; já são mais de 3 mil, distribuídos em território brasileiro, com características, práticas e ações diferenciadas. Nesse sentido, Abreu destaca que “museus sociais”, são aqueles em que os movimentos sociais assumem o protagonismo e trazem outros elementos que desafiam e incitam os museus etnográficos. Estes “museus” consistem em dispositivos integrados a um contexto mais amplo de participação social, construção ativa da cidadania e de protagonismo (2019, p.193).

Nesta perspectiva, foi possível identificar, por meio de dados levantados no projeto museológico e pedagógico, bem como, em relatórios, que o Museu Sacaca tem buscado estratégias de valorização desses povos, promovendo ações culturais e educativas. Entretanto, não basta apenas chamá-los para serem inseridos em uma parte da história, uma parte da memória dentro desse espaço museal, é necessário ampliar as relações sociais e culturais com eles, ouvir sua história, ver como é feita sua pintura corporal, observar a produção de um objeto ou um artesanato construído por eles. Sem dúvida, existe uma

grande diferença entre ouvir falar da cultura indígena e presenciar a fala, o ensinamento de um indígena. Bolaños ratifica que “é somente com a participação da comunidade, na qual o museu está inserido, que ele pode ser “descolonizado culturalmente” (2002, p. 279).

Neste processo de ampliação e participação das comunidades menciona-se, o anseio dos povos indígenas que vivem no Amapá, de estar presentes dentro do Museu Sacaca, como os responsáveis pelo compartilhamento de sua cultura, a exemplo do que acontece no museu indígena do Oiapoque, como os autores de suas histórias. Esse pedido foi feito por eles às autoridades institucionais e governamentais durante esta pesquisa.

Para cada cultura, povo e etnia existem uma riqueza de significados em seu patrimônio cultural, material e imaterial. Para os indígenas, os objetos têm vida, como na concepção do povo Wayana, que vive na fronteira entre o Brasil, o Suriname e a Guiana Francesa, atribui-se um “ciclo vital” aos artefatos, que “efetivamente nascem, possuem juventude quando desenvolvem atividades, adoecem e morrem” (VAN VELTHEM, 2003, p. 131 apud KOK, 2018, p. 18).

Velthem menciona que “nas aldeias Wayana existem objetos que circulam longos percursos, extrapolando os limites da aldeia, mas outros se limitam a este espaço, no qual há, ainda, aqueles que se imobilizam em uma única posição” Esses relatos são importantes para conhecimento e enriquecem o diálogo junto aos alunos e os visitantes que frequentam o Museu Sacaca. Os objetos indígenas apresentados no circuito museológico do Sacaca fazem parte da vida cotidiana, da caça, da pesca e do artesanato desses povos, dos Palikur, dos Wajãpi, dos Aparai e dos Wayana. Além de todo um significado que os objetos podem revelar sobre a cultura dos povos indígenas, ainda fornecem “subsídios para a botânica e a zoologia”, pois a maioria deles é confeccionada com “matérias-primas de origem vegetal e animal” (VELTHEM, 2012).

Ainda foi possível registrar a construção da casa Palikur. Esta ação realizada dentro do Museu Sacaca proporcionou conhecimento para os indígenas mais jovens, que acompanharam o cacique e os indígenas mais experientes para aprenderem as técnicas utilizadas pelos antigos Palikur. O modelo edificado no espaço museal representa uma das moradias dos seus antepassados. Atualmente, os Palikur moram em outros modelos de casas, feitas de madeira ou de alvenaria, e construir o modelo dos antigos povos, trouxe aprendizado, sentimentos e significados para esses representantes, como os conhecimentos tradicionais de amarração de cipós, e para alguns indígenas era a primeira vez que estavam construindo esse modelo de casa e isso foi gratificante para eles, além de poder compartilhar

a sua cultura dentro do museu.

Em 2019, o museu recebeu mais de 90 mil visitantes. Desses, 14 mil foram alunos das instituições escolares, motivo pelo qual, apresenta-se esta pesquisa, também, em um produto no formato educativo sobre a temática indígena, com sugestões pedagógicas para motivar o interesse pelo tema, fortalecer a discussão e fomentar outras pesquisas sobre a cultura dos povos indígenas junto aos alunos e professores que frequentam o Museu Sacaca.

Não se pode deixar de mencionar que, durante essa pesquisa e elaboração deste material sobre a cultura dos Palikur, sobre a retrospectiva histórica de suas vivências no Sacaca e suas reivindicações no que se refere à atuação como mediadores no museu, acabou-se vivenciando, em 2020 e 2021, uma pandemia em que os indígenas precisaram se guardar em suas casas e em seus territórios como forma de sobrevivência. Além do que, os museus acabaram sendo fechados para as visitas.

Ressalta-se que a pesquisa não foi prejudicada quanto aos objetivos propostos, mas é claro, que os indígenas deixaram de estar na instituição participando das ações culturais e educativas que são sempre propostas pelo Museu Sacaca. Quanto ao povo indígena, as demandas sugeridas e reivindicadas por eles em 2019, que era a maior participação e a possível contratação como mediadores para que eles pudessem ser os intermediadores de seus conhecimentos dentro das ações de atendimento no Museu Sacaca, isso, sim, foi prejudicado ou momentaneamente paralisado pelo bem maior, a vida.

Outro aspecto importante que merece destaque está relacionado à pesquisa museológica e à manutenção dos espaços museais no Amapá. Ainda tem sido um grande desafio para os técnicos dos museus cuidar e fomentar ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação. O Museu Sacaca é um espaço que precisa de manutenção diária pelas suas características expográficas. As casas e os objetos indígenas necessitam de cuidados técnicos, além do conhecimento tradicional que é peculiar a cada etnia, como a manutenção dos detalhes das casas, das matérias-primas que são únicas para cada habitação, da pintura, do grafismo dos objetos, dos bancos indígenas expostos na exposição a céu aberto. Esses cuidados técnicos evitariam, por exemplo, que as casas indígenas chegassem ao ponto de ser destruídas ou interditadas, como foi mostrado no histórico do Museu Sacaca.

Portanto, como pesquisadores, educadores e técnicos deve-se ter o compromisso de difundir a história dos povos indígenas, cujas vozes foram silenciadas no passado. Aos museus, cabe o compromisso de abrir espaços de diálogo e de reflexão junto com as populações indígenas, como estratégia de fortalecimento da identidade e da memória,

freando ideias preconceituosas relacionadas aos indígenas. Por meio desta pesquisa e do material pedagógico, pretende-se que um maior número de alunos seja incentivado a conhecer mais sobre a diversidade cultural das populações indígenas que vivem no Amapá, seja nos espaços formais, como as escolas, proporcionando questionamentos e discussões sobre a temática indígena, seja nos espaços não formais, como o Museu Sacaca.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **Os museus como desafios para a antropologia**. In: Tamaso, Izabela (org.). *A antropologia na esfera pública: patrimônios culturais e museus* [ebook] / Vassallo. - Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019. p. 181-194.

ALMEIDA, Núbia. **A trajetória institucional do IEPA**. In: Augusto Oliveira, Natali Nishi (org.). *Ciência e tecnologia para o desenvolvimento sustentável: as experiências do Iepa (1995 a 1998)*. Macapá, p.35-39. 2001.

ATHIAS, Renato. **Museus objetos etnográficos: debate atual**. *Revista antropológica*, ano 19, nº 2, p. 231-250. 2015.

_____. **Os objetos, as coleções etnográficas e os museus**.in, Espirna, A; Motta, A; e Gomes, M.H. *Inovação cultural, Patrimônio e Educação*, Massangana, Recife. p. 303-312. 2010.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978 [1884].

BECKER, B. K. **O uso geopolítico do território: questões a partir e uma visão do terceiro mundo**. In: _____; HAESBAERT, R.; SILVEIRA, C. (Orgs). *Abordagens políticas da espacialidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983.

BOLAÑOS, Maria (org.). **La memoria del mundo: cien años de museologia (1900-2000)**. Gijón: Trea, 2002.

BRASIL. [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988**, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

CAPIBERIBE, Artionka. Fonte: Instituto Socioambiental. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Palikur#Localiza.C3.A7.C3.A3o>>. Acesso em: 19 de abril de 2021.

_____. **Palikur: história e organização social de um povo entre dois países**. A presença do Invisível: vida cotidiana e ritual entre os povos indígenas do Oiapoque/ Lux Boelitz Vidal; José Carlos Levinho; Luis Donisete Benzi Grupioni (organização) – Rio de Janeiro: Iepé-Museu do Índio, 2016. p. 85-105.

_____. **Liminaridade e tensão na fronteira Brasil/ Guiana Francesa** (Unifesp). In: 34º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu: ST25, 2010. p. 1-25.

_____. **Batismo de fogo: os Palikur e o cristianismo**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

CARDOSO, Marcus André de Souza; NASCIMENTO, RAYSA. **O dom e a dádiva entre parteiras do Amapá: uma abordagem etnográfica.** SAÚDE E SOCIEDADE (ONLINE), v. 28, p. 235-249, 2019.

_____.; NASCIMENTO, R. **The dom for the craft and the gift from God: ethnographic explorations among the traditional midwives of Santana.** Vibrant (FLORIANÓPOLIS), v. 14, p. 23-38, 2017.

_____. **Confusões e desrespeito: uma (re)interpretação possível das falas dos moradores de favelas.** ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO, v. 39, p. 261-282, 2014a.

_____. **Respect, Dignity and Rights: Ethnographic registers about community policing in Rio de Janeiro.** VIBRANT (FLORIANÓPOLIS), v. 11, p. 46-74, 2014b.

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R.. **Desvendando evidências simbólicas: compreensão e conteúdo emancipatório da antropologia.** In: Anuário de Antropologia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2018. 270p.

CARDOSO DE OLIVEIRA. **O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever.** In: Revista de Antropologia Vol. 39, Nº 1 (1996), p. 13-37. Unesp, 1998.

CASTRO, de Esther. **Tipiti: espremedor para o processamento da mandioca. A presença do Invisível: vida cotidiana e ritual entre os povos indígenas do Oiapoque/** Lux Boelitz Vidal; José Carlos Lezinho; Luis Donisete Benzi Grupioni (organização) – Rio de Janeiro: Iepé- Museu do Índio, 2016. p.187-191.

CLIFFORD, James. **Museus como zonas de contato.** Periódico Permanente. Nº 6 fev. 2016, p.1- 37. Disponível em: <<http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/museus- como-zonas-de-contato-j-clifford>>. Acesso em: 05 agosto de 2020.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

CURY, Marília Xavier. **Museologia: marcos referenciais.** Cadernos do CEOM, Chapecó, v. 18, n. 21, p. 45-73, 2005.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/fronteira/>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2021.

FRANCO, Maria Ignez Mantovan. **Museus: agentes de inovação e transformação.** Cadernos de Sociomuseologia. v. 57, p. 13-27, 2019.

FOUCHER, Michel. **Tipología de las fronteras contemporáneas In: Las fronteras delistmo: Fronteras y sociedades entre el sur de Mexico y America Central** [en línea]. Mexico: Centro de estudios mexicanos y centroamericanos, 2005 (generado el 10 août 2018). Disponível: <<http://books.openedition.org/cemca/655>>. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

GALLOIS, Dominique Tilkin. **Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades?** In:

Fany Ricardo. (Org.). **Terras Indígenas & Unidades de Conservação da Natureza**. 1 ed. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004, v. p.1-11. Disponível em: <<https://institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2020/07/doc11.pdf>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2020.

_____; GRUPIONI, Denise Farjado. **Povos indígenas do Amapá e norte do Pará; quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?** 2ª ed., Rio de Janeiro: Iepé; Iphan/MinC, 2009.

GIL, C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Atlas. 4ª.ed. São Paulo, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: ed. Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Des-territorialização e Identidade**. Niterói: ed. UFF, 1997.

HONNETH, A. **Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Rio de Janeiro: ed.34, 2003.

INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO ESTADO DO AMAPÁ-IEPA. **Projeto Museológico do Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável**. Macapá: IEPA, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília, 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA E FORMAÇÃO INDÍGENA (IEPÉ). **Artefatos e matérias-primas dos povos indígenas do Oiapoque/Iepé e Museu Kuahí**; [Esther de Castro, organizadora]. 1ª ed. São Paulo- IEPÉ- Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2013.

IEPÉ. Dominique Tilkin Gallois (organizadora). **Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas: exemplos no Amapá e norte do Pará**. São Paulo: Iepé, 2011.

_____. **TURÉ dos povos indígenas do Oiapoque**. Rio de Janeiro, São Paulo: Museu do Índio, Iepé, 2009.

KOK, Glória. **A fabricação da alteridade nos museus da América Latina: representações ameríndias e circulação dos objetos etnográficos do século XIX ao XXI**. Anais do museu paulista. São Paulo, Nova Série, vol. 26, 2018, p. 1-30. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672018v26e06d1>>. Acesso: 10 de fevereiro de 2021.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. 2ªed. São Paulo: Ed. Contexto, 2014.

MEDEIROS, R. Maria. Território, espaço e identidade. In: Saquet, M.; Sposito, E (orgs).

Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. p. 217-227.

NASCENTE, Lívia da Silva. **Memórias, museus e narrativas coletivas: os povos indígenas do Oiapoque no museu do índio.** Orientadora: Profa. Dr^a. Regina M^a do Rego Monteiro de Abreu. 2011. Tese de mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <memoriasocial.pro.br/dissertacoes-teses.php>. Acesso em: 08 de dezembro de 2020.

NOVAES, Sylvia Novaes (organizadora). **Habitações indígenas.** Edição da Universidade de São Paulo, Edusp, 1983.

OLIVEIRA, Augusto; DE JESUS, Simone (organizadores). **Um Museu de Grande Novidades.** Iepa. Macapá, 2013.

_____. **Museu Sacaca: um museu em movimento.** In: Museu Sacaca: um museu de grandes novidades. Iepa. Macapá, 2013, p. 98-113.

PEIRANO, M. **O encontro etnográfico e o diálogo teórico.** In: PEIRANO, M. Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas. Brasília, DF: Editora UnB, 1991. p. 131-146.

PESAVENTO, S. **Além das fronteiras.** In: MARTINS, Maria Helena (org). Fronteiras culturais: Brasil – Uruguai - Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social. Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <<http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>>. Acesso em: 12 de setembro de 2020.

_____. **Memória, Esquecimento, Silêncio** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em 15 de setembro de 2020.

RAFFESTIN, Claude. **A produção das estruturas territoriais e sua representação. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos / T327** Marcos Aurelio Saquet, Eliseu Savério Sposito (organizadores) --1.ed.-- São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. p. 17-35.

RODRIGUES, Aline Lima. **Fronteira e território: considerações conceituais para a Compreensão da dinâmica do espaço geográfico.** Revista produção acadêmica – núcleo de estudos urbanos regionais e agrários/ nurba – n. 2 p. 139-157, (dezembro, 2015).

SACK, R. D. Human. **Territoriality: Its theory and history.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAQUET, Aurélio Marcos, SPOSITO Savério Eliseu. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. (organizadores)** 1.ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

_____. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SHEPARD JR., Glenn H.; LÓPEZ G.; Claudia L.; ROBERT, Pascale de; CHAVES, Carlos E. **Objeto, sujeito, inimigo, vovô: um estudo em etnomuseologia comparada entre os Mebêngôkre-Kayapó e Baniwa do Brasil.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 12, n. 3, p. 765-787, set.-dez. 2017.

SOUZA, Mariana Jantsch de. **Fronteiras simbólicas - espaço de hibridismo cultural, uma leitura de dois irmãos, de Milton Hatoum.** Porto Alegre, Letrônica, v. 7, n. 1, p. 475-489, jan./jun., 2014.

STRATHERN, Marilyn. “No limite de uma certa linguagem”. In: Revista de Antropologia, Vol. 59, nº 2, p. 155-186. PDF (1999). In: Mana, 5(2):157-175. UFJF, 2014.

TAYLOR, Charles. (org.) **Multiculturalismo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

VELTHEM, Lucia Hussak van; KUKAWKA, Katia; JOANNY, Lydie. **Museus, coleções etnográficas e a busca do diálogo intercultural.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 12, n. 3, p. 735-748, set.-dez. 2017.

_____. **O objeto etnográfico é irreduzível? Pistas sobre novos sentidos e análises.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, jan.-abr. 2012.

_____. **Livro da Arte Gráfica Wayana e Aparai: Waiana anon imelikut pampila – Aparai zonony imenuru papeh / Lucia Hussak van Velthem e Iori Leonel van Velthem Linke (organizadores).** Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI / IEPÉ, 2010. 96p. il. Colo.

_____. **Onde os Wayana penduram suas redes?** In: NOVAES, Sylvia Caiubi (org)-Habitações Indígenas. São Paulo: Nobel/Edusp, 1983.

VIDAL, Lux Boelitz; LEVINHO, José Carlos; GRUPIONE, Luís Donizete Benzi. (Organização). **A presença do invisível: vida cotidiana e ritual entre os povos indígenas do Oiapoque.** Rio de Janeiro: Iepé. Museu do Índio, 2016.

_____. **Povos indígenas do baixo Oiapoque: o encontro das águas, o encruzo dos saberes e arte de viver.** 2 ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e Iepé, 2009.

ANEXOS

ANEXO A - OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO PARA A PESQUISA NO MUSEU SACACA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação - PROPESPG
Programa de Pós-Graduação/Mestrado Profissional em Estudos de Fronteira



Ofício nº 008/2019 – PPGEF/UNIFAP

Macapá-Ap, 17 de maio de 2019.

A Ilustríssima Senhora
Marlene de Almeida Souza
Diretora Presidente do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas -IEPA

Assunto: Solicitação de autorização para pesquisa

Prezada Diretora,

1. Ao cumprimentá-la respeitosamente, dirijo-me a Vossa Senhoria a fim de solicitar o que segue:
2. Discentes da turma de 2019 do Curso de Mestrado em Estudos de Fronteira PPGEF-UNIFAP, para complementação do Produto Técnico do Curso de Mestrado em Estudos de Fronteira, tem a necessidade de realizar trabalho de campo. Diante do exposto, solicito autorização para a realização da pesquisa no Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas –IEPA, sob sua direção.
3. Na oportunidade, informo que a pesquisa constitui parte das ações fundamentais para o desenvolvimento do projeto do mestrado em Estudos de Fronteira da discente **Iana Keila Lima dos S. Duarte**, que tem como objetivo analisar as ações realizadas no **Museu Sacaca** em uma perspectiva das fronteiras étnicas e culturais dos povos indígenas, apresentadas na proposta museológica e da exposição museográfica da referida Instituição. Nesse intuito, a pesquisa consiste na aplicação de alguns questionários e entrevistas com técnicos, indígenas, alunos, professores e turistas que frequentam o espaço museal, objetivando coletar dados que sirvam de suporte ao desenvolvimento do projeto de pesquisa. Como resultado, após análise dos dados coletados será entregue um relatório a este Instituto no qual fomentará a pesquisa do Museu Sacaca.
4. Para mais informações informamos para contanto com a Pós-graduanda o telefone: (91) 99134-4646 e e-mail: ianakeila@hotmail.com.
6. Certos de sua compreensão e apoio, renovamos protestos de estima e consideração e colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,

*Recebido em 24/05/19
Marlene de Almeida Souza*

Handerson Joseph
Prof. Dr. Handerson Joseph
Coordenador do Programa
Portaria Nº 0694/2019

*Recebido em
24/05/19
Iana Duarte*

ANEXO B - OFÍCIO DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA NO IEPA/MUSEU SACACA

	<p>INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO ESTADO DO AMAPÁ COORDENADORIA DE DIFUSÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - MUSEU SACACA Av. Feliciano Coelho, 1509 - Bairro do Trem - 68901-025 - Macapá-AP Email: gab@iepa.ap.gov.br</p>	
---	--	---

Ofício nº 012/GAB/IEPA

Macapá, 15 de janeiro de 2020.

Ao Sua Senhoria o Senhor.
Prof. Dr. Henderson Joseph
Coordenador do Programa de Pós-Graduação/ Mestrado Profissional em Estudos de Fronteira

Assunto: Autorização para pesquisa de campo.

Senhor Coordenador,

Considerando o Ofício nº 008/2019 - Programa de Pós-Graduação/Mestrado Profissional em Estudos de Fronteira- PPGEF/UNIFAP, no qual trata sobre a autorização para a realização de pesquisa no Museu Sacaca/IEPA, informamos que a discente **Iana Keila Lima dos Santos Duarte**, está autorizada a realizar registro fotográfico, entrevistas aos técnicos do Museu, visitantes e com os representantes das etnias indígenas que irão participar da construção das casas Palikur, Wajãpi e Waiana Aparai que irão estar expostas no circuito museológico da exposição a céu aberto do Museu Sacaca.

Atenciosamente,


Eliane Nascimento de Oliveira Penafort
Coordenadora de Difusão Científica e Tecnológica – Museu Sacaca
Decreto 0484/2019

ANEXO C - DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA NO MUSEU SACACA



INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO ESTADO DO AMAPÁ
COORDENADORIA DE DIFUSÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - MUSEU SACACA
Av. Feliciano Coelho, 1509 - Bairro do Trem - 68901-025 - Macapá-AP
Email: gab@iepa.ap.gov.br



DECLARAÇÃO

Macapá - AP, 01 de julho de 2019

Declaramos para os devidos fins que a Mestranda do mestrado Profissional de Estudos de Fronteira Iana Keila Lima dos Santos Duarte, acompanhou a construção da casa indígena da etnia Palikúr no período de 17 a 22 de junho de 2019, realizada na área de Exposição a céu aberto/Museu Sacaca/ IEPA, recurso oriundo da contrapartida financeira por preservar materiais arqueológicos resgatados na área de impacto da Hidrelétrica de Santo Antônio do Jari.

Eliane Nascimento de Oliveira Penafort

*Coordenadora de Difusão Científica e Tecnológica - Museu Sacaca
Decreto 0484/2019*

ANEXO D - OFÍCIO DE AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE PESQUISA



INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO ESTADO AMAPÁ
COORDENADORIA DE DIFUSÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – MUSEU SACACA

Av. Feliciano Coelho, 1309 - Bairro do Timó - 68001-023 - Macapá-Ap - Fone: (096)



Ofício 030/2021/ GAD/IEPA

Macapá-Ap, 09 de junho de 2021.

Ao Conselho de Caciques dos Povos Indígenas do Qinpoque -CCPIO

Srº Cacique Palikur Gilberto Iaparrá

Assunto: Autorização de divulgação de pesquisa -

Senhor Cacique,

Considerando o Ofício nº 008/2019 - Programa de Pós-Graduação/Mestrado Profissional em Estudos de Fronteira- PPGEF/UNIFAP, no qual trata sobre a autorização para a realização de pesquisa no Museu Sacaca/IEPA, da discente Iana Keila Lima dos Santos Duarte, que realizou em 2019 e 2020 a pesquisa junto ao Museu Sacaca e aos representantes do Povo Palikur que construíram a terceira casa Palikur na área da exposição a céu aberto em 2019. A pesquisa foi intitulada "Os Palikur, Casas e Memórias: vivências no Museu Sacaca" e apresentou como objetivo geral: Analisar a participação dos Palikur dentro do Museu Sacaca enquanto espaço que abriga as memórias dos povos indígenas que vivem no estado do Amapá, em uma perspectiva de reconhecimento, de comunicação e de relações culturais. O produto final desta pesquisa foi a elaboração de um material de divulgação e de caráter educativo sobre a diversidade cultural do Povo Palikur e as vivências desta etnia dentro do Museu Sacaca.

Para o Museu Sacaca este material irá contribuir com as pesquisas museológicas e o setor educativo que realizam o atendimento às instituições escolares das redes públicas e privadas.

Aos indígenas, este material poderá contribuir enquanto veículo informativo e prático para o público que frequenta o Museu Sacaca, proporcionando maior divulgação sobre a diversidade cultural dos povos Palikur, junto aos professores e alunos que frequentam o espaço museal, fomentando o conhecimento sobre a cultura desse povo, novas pesquisas, novos questionamentos, uma vez que muito se tem a aprender com esses povos. Sugere-se que a produção deste material, o caderno pedagógico e o de atividades, sejam impulsionados ao prosseguimento desse diálogo intercultural com os Palikur dentro do espaço museológico para que outros elementos sejam compartilhados e agregados à temática indígena.



INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO ESTADO AMAPÁ
COORDENADORIA DE DIFUSÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – MUSEU SACACA

Av. Feliciano Coelho, 1509 - Bairro do Trem - 68001-025 - Macapá-AP - Fone: (096)



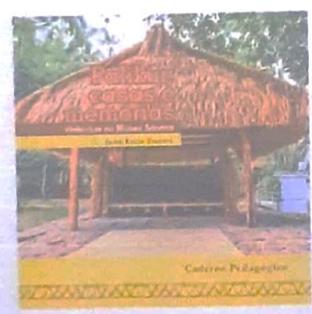
Ressaltamos que por motivos da pandemia do COVID-19, situação em que ainda estamos vivenciando, não foi possível entrar em contato com vossa senhoria em período anterior. Fomos informados pela pesquisadora Iana Duarte, que até em janeiro de 2021 manteve contato com o Senhor para finalizar sua pesquisa. No entanto, como é de seu conhecimento o trabalho realizado pela pesquisadora nesta instituição, a mesma não conseguiu formalizar via documento escrito a autorização de imagem e de entrevistas do Senhor e dos participantes que estavam presentes na edificação da casa de 2019, somente de maneira informal, via online (WhatsApp), por conta da pandemia.

Desta maneira, solicitamos ao senhor esse pedido de autorização de imagem e de entrevistas, para que possa haver a publicitação deste material dentro do Museu Sacaca. Apresentamos ao senhor uma breve amostra do material finalizado pela pesquisadora.

Segue abaixo os anexos com os documentos de autorização do IEPA/ MUSEU SACACA e os termos de autorização.

Atenciosamente,

Eliane Farias de Oliveira Cavalcante
Eliane Farias de Oliveira Cavalcante
Coordenadora de Difusão Científica e Tecnológica-Museu Sacaca



Sumário

Apresentação	03
Foto Polícar	05
Fotográfico Cultural	11
Casa Polícar	35
Festa dos Povos	65
Considerações Finais	87
Referências Bibliográficas	91

ANEXO E - OFÍCIO DE CONHECIMENTO DE MATERIAL EDUCATIVO DENTRO DO MUSEU SACACA



INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO ESTADO DO AMAPÁ
COORDENADORIA DE DIFUSÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - MUSEU SACACA
Av. Eduardo Celso, 1509 - Bairro do Trem - 68900-260 - Macapá



OFÍCIO nº 030/ 2021 – GAB/IEPA

Macapá-Ap, 09 de junho de 2021.

Ao Cacique da Aldeia Kumenê

Srº Cacique Sofonias Hipólito

Assunto: Conhecimento de Material Educativo dentro do Museu Sacaca

Senhor Cacique,

Informamos ao senhor o material que será apresentado ao Museu Sacaca da discente **Iana Keila Lima dos Santos Duarte**, que realizou em 2019 e 2020 a pesquisa junto ao Museu Sacaca e aos representantes do Povo Palikur que construíram a terceira casa Palikur na área da exposição a céu aberto em 2019. A pesquisa foi intitulada “**Os Palikur, Casas e Memórias: vivências no Museu Sacaca**” e apresentou como objetivo geral: Analisar a participação dos Palikur dentro do Museu Sacaca enquanto espaço que abriga as memórias dos povos indígenas que vivem no estado do Amapá, em uma perspectiva de reconhecimento, de comunicação e de relações culturais. O produto final desta pesquisa foi a elaboração de um material de divulgação e de caráter educativo sobre a diversidade cultural do Povo Palikur e as vivências desta etnia dentro do Museu Sacaca

Para o Museu Sacaca este material irá contribuir com as pesquisas museológicas e com o setor educativo que realizam o atendimento às instituições escolares das redes públicas e privadas.

Aos povos indígenas, este material poderá contribuir enquanto veículo informativo e prático para o público que frequenta o Museu Sacaca, proporcionando maior divulgação sobre a diversidade cultural dos povos Palikur, junto aos professores e alunos que frequentam o espaço museal, fomentando o conhecimento sobre a cultura desse povo, novas pesquisas, novos questionamentos, uma vez que muito se tem a aprender com esses povos. Sugere-se que a produção deste material, o caderno pedagógico e o de atividades, sejam impulsionados ao prosseguimento desse diálogo intercultural com os Palikur dentro do espaço museológico para que outros elementos sejam compartilhados e agregados à temática indígena.



INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO ESTADO DO AMAPÁ
 COORDENADORIA DE DIFUSÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – MUSEU SACACA.
 Av. Feliciano Coelho, 1509 – Bairro do Trem – 68900-260 – Macapá



Ressaltamos que por motivos da pandemia do COVID-19, situação em que ainda estamos vivenciando, não foi possível entrar em contato com vossa senhoria em período anterior.

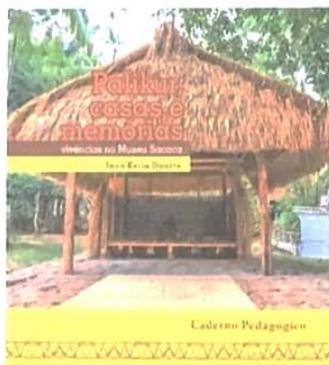
Desta forma, contamos com o apoio de vossa senhoria para que este material de pesquisa seja um veículo de divulgação junto a esta Instituição e que outros trabalhos possam ser realizados para que a população amapaense, a nacional e a internacional possam conhecer sobre a diversidade cultural do povo Palikur.

Segue abaixo os anexos com os documentos de autorização do IEPA/ MUSEU SACACA.

Atenciosamente,

Jorge Elson Silva de Souza
 Diretor-Presidente do- IEPA

Eliane Farias de Oliveira Cavalcante
 Coordenadora de Difusão Científica e Tecnológica CDCT- Museu Sacaca



Sumário

Apresentação	03
Povo Palikur	05
Patrimônio Cultural	11
Casa Palikur	35
Festa das Povos	55
Considerações Finais	87
Referências Bibliográficas	91

ANEXO F – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DE IMAGEM E ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
(Resolução 610/2016 CNS/CONEP)

O Sr (a) **Cacique Gilberto Iaparrá** e os representantes que construíram a casa indígena no Museu Sacaca em 2019, estão sendo convidados (a) a participar do projeto de pesquisa intitulado **“Os Palikur, Casa e Memórias: vivências no Sacaca**. O objetivo deste trabalho é a produção de um material pedagógico, que trata sobre os povos Palikur e a descrição de suas casas dentro da exposição a céu aberto/Museu Sacaca, como pré-requisito para obtenção do título de mestre em Estudos de Fronteiras (PPGEF/UNIFAP). Para realizar o estudo será necessário que o (a) Sr. (a) se disponibilize a participar de entrevistas, previamente agendadas a sua conveniência. Para a instituição e para sociedade, este material pedagógico servirá como fonte de pesquisa para os visitantes regionais, nacionais, internacionais e as instituições escolares públicas e particulares.

Em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente para este fim, que é a produção do caderno temático, de caráter educativo, no qual através da assinatura deste termo o (a) Sr. (a) receberá uma cópia.

Os benefícios da pesquisa são: Retrospectiva histórica da participação dos povos Palikur na construção das casas indígenas; Maior visibilidade e divulgação da cultura indígena dos Povos do Oiapoque para a comunidade amapaense e os visitantes que frequentam os espaços museológicos, em específico o Museu Sacaca; fonte de pesquisa aos professores e alunos da rede pública e privada; Valorização das memórias e dos saberes tradicionais dos Palikur referente a construção de suas casas antigas.

Os (a) Sr. (a) terão o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº510/16 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através do telefone: (91) 99134-4646. O senhor (a) também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009- 2805. Desde já agradecemos.

Eu _____ (nome por extenso do entrevistado) declaro que após ter sido esclarecido (a) pela pesquisadora, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada **“ Os Palikur, Casas e memórias: vivências no Museu Sacaca** e eu autorizo a publicação das entrevistas, imagem/ fotos do material educativo que ficará em exposição no Museu Sacaca para atender as instituições de ensino da rede pública e privada.

Macapá, 10 de agosto de 2021

Gilberto Iaparrá

Iana Keila Lima dos Santos Duarte
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
Cel: (91) 99134-4646
e-mail: ianakella@hotmail.com

PRODUTO FINAL - CADERNO PEDAGÓGICO E DE ATIVIDADES

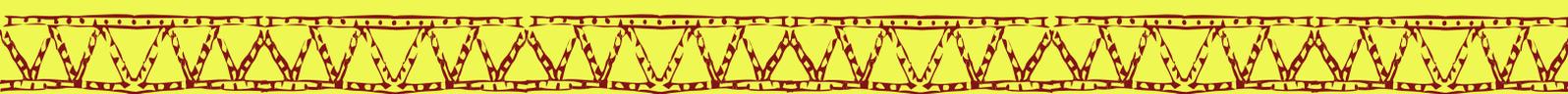
A photograph of a traditional thatched-roof hut (Palikur) in a tropical setting. The hut has a steep, conical roof made of dried palm fronds and is supported by several wooden posts. The interior is visible, showing a raised wooden platform. The hut is surrounded by lush greenery, including palm trees and other tropical plants. The ground in front of the hut is covered with gravel and wooden logs, suggesting a natural or semi-natural environment.

Os Palikur, casas e memórias

vivências no Museu Sacaca

Iana Keila Duarte

Caderno Pedagógico

A decorative border at the bottom of the page, featuring a repeating geometric pattern of triangles and lines in brown and yellow colors.

Os Palikur, casas e memórias

vivências no Museu Sacaca

Iana Keila Duarte

Dr. Marcus Cardoso (Orientador)
Dr.^a Lucia van Velthem (Coorientadora)

👉👉 A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo”, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. [...] é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas [...] 🧠🧠

Sumário

Apresentação 04

Povo Palikur 06
território e fronteira

Patrimônio Cultural 16
e sua relação com os museus

Casa Palikur 39
um retorno às memórias

Festa dos Povos 74
um diálogo intercultural

Considerações Finais 95

Referências Bibliográficas 101

Caderno de atividades III



Apresentação

A casa é um importante elemento de expressão em diferentes sociedades do mundo, tendo características específicas de tamanho, forma, estilo e materiais de edificação, além de estar diretamente relacionada ao processo sociocultural, estabelecendo relações entre indivíduos e entre grupos sociais. Podem estar associadas, ainda, a análises sobre território, lugar, paisagem, cultura, lembranças, memórias, entre outros aspectos.

Assim, o interesse por esta temática levou-nos a realizar pesquisas sobre alguns tipos de habitações tradicionais construídas na Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca, na cidade de Macapá-AP. Elas revelam o modo de ser e de viver dos Povos Indígenas do Oiapoque, em especial os Palikur, que vivem em áreas de fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa.





Compartilharemos aqui as experiências e saberes observados na pesquisa de campo de caráter etnográfico, realizada com os Palikur, em 2019, no Museu Sacaca, além de relatos coletados pelas pesquisas de Capiberibe (2021, 2016, 2010, 2007); Gallois (2009, 2004); Vidal (2016, 2009); Vidal, Levinho e Grupione (2016); Velthem (2017, 2012, 2010, 1983); bibliografias do Instituto de Pesquisas e Formação Indígena - IEPÉ (2013, 2011, 2009), dentre outros autores. Por isso, convidamos você a fazer uma viagem pelas quatro seções desse caderno pedagógico, que faz parte do produto final do mestrado profissional do Programa de Estudos de Fronteiras-PPGEF/UNIFAP.

Este material visa colaborar nas pesquisas do Núcleo de Museologia, da Casa de Leitura Aracy Mont'Alverne, e do setor Educativo, setores responsáveis por

atender aos professores e alunos que buscam informações sobre o histórico do Museu e sobre os povos indígenas que vivem no Amapá. Além disso, este material pode também ser usado como ferramenta de ensino nas escolas do estado do Amapá.

Na primeira seção, discorreremos sobre os conceitos de fronteiras, de território e territorialidades; na segunda, conheceremos a diversidade cultural do território museal, em especial do Museu Sacaca, e a relação colaborativa com o povo Palikur na montagem da Exposição Permanente a Céu Aberto. Na terceira parte, mostraremos os significados de museu para os indígenas e a descrição da edificação da casa Palikur, realizada em 2019. Por fim, na quarta seção, abordaremos as vivências, as ações culturais e as perspectivas indígenas junto ao Museu Sacaca e ao estado do Amapá.

Povo Palikur

Território e fronteira



👉👉 Para o Palikur, cada história é importante sobre o território, porque o território ela se dá na mãe da terra, ela cuida do povo Palikur. De lá, o povo Palikur tira seus alimentos, tira seus artefatos, de onde se constrói uma vida, e, é por isso que ela é realmente o território. 🗣️🗣️

(CACIQUE GILBERTO IAPARRÁ, OIAPOQUE, 2020)

Povo Palikur

Território e fronteira

Conceito de território e de fronteira

Estudar os conceitos de território e de fronteira, na contemporaneidade, revela-se muito importante. Estes conceitos têm chamado atenção de muitos pesquisadores preocupados com fenômenos como migração, mobilidades, circulação de bens, de informação, territorialidades e outros objetos de pesquisa correlacionados entre si. Existe uma pluralidade de temas que podemos estudar a partir dos conceitos de territórios.

Visão clássica de territórios

Temos, por exemplo, pesquisadores que destacam as suas funções de delimitações, de soberania, de controle, de força, de poder, exercida sobre os autores e as suas ações sociais. Nessa perspectiva, temos como exemplo o artigo 231 da Constituição Federal de 1988, que diz que “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demar-

cá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”(BRASIL, 1988, p. 133).

Conceitos contemporâneos sobre os territórios

Levam em consideração pontos fundamentais como: os sujeitos, as práticas, as relações sociais e as ações políticas do Estado. Nesse sentido, podemos destacar Saquet (2007, p.118), que entende “o território como lugar de relações sociais, de conexões e redes, de vida, de apropriação, de patrimônio cultural”.

Conceito de fronteira

Está relacionado com a formação dos Estados Nacionais para garantir a estabilidade, a segurança e a soberania do Estado, reforçando a relação território e poder. Segundo o “Dicionário on line de Português” (2021), etimologicamente, fronteira vem do francês *frontière*, e seu significado é “Limite, linha que divide ou delimita separando um país ou um território de outro(s)”; “Região que está ao lado ou próxima desse limite”. No sentido figurado: “separação; linha que demarca, separa ou distingue uma coisa de outra”; “divisão entre dois âmbitos

ou espaços físicos ou abstratos”.

A Ponte Binacional é um símbolo que interliga dois países: o Brasil e a França. O rio em destaque na imagem (figura 1), denominado de Rio Oiapoque, é considerado uma fronteira natural e geográfica, que divide o município de Oiapoque (Brasil) e a Guiana Francesa (França), mas não podemos pensar em fronteira somente como uma demarcação, o limite de um rio, uma ponte ou uma linha

imaginária que separe as nações ou territórios. Existem outros tipos de fronteiras, dentre elas, as religiosas, as culturais, as políticas, as étnicas ou a combinação delas. Atualmente, as fronteiras ganharam novos significados:

Não é mais considerada somente um limite físico ou político desprovido de sujeitos e de relações, da mesma forma, que o território não é mais compreendido somente como uma demarcação espacial, dotado de características físicas e sociais (RODRIGUES, 2015, p. 140).

Figura 1 - Ponte Binacional, município de Oiapoque, estado do Amapá



Foto: Jessica Mayara Lima Ramires, 2020.

Povo Palikur

Território e fronteira

Fronteiras simbólicas

Essas fronteiras estão para além das delimitações territoriais, como destaca a pesquisadora Souza, “a fronteira é o limiar dos espaços culturais e sociais, demarca suas portas de entrada, é o local em que ocorre o contato inicial com a cultura, marcando a passagem para o interior de um ambiente cultural” (2014, p. 477). É quando separa, impõe limites, entre o “eu” e o “outro”, entre o “dentro” e o “fora” entre a minha cultura e a do outro, a minha religião e a do outro, o meu território e o do outro, a minha língua e a língua do outro e outras situações que se tornam invisíveis, principalmente, quando relacionadas a grupos minoritários que lutam por seus direitos e pelo respeito às diferenças.

Na visão sociológica e antropológica analisada por José de Souza Martins:

A fronteira é a descoberta do outro e o lugar do desencontro de temporalidades históricas, as fronteiras tornam-se o lugar da alteridade e da expressão dos tempos históricos (MARTINS, 2009, p. 133).

Nessa perspectiva, temos como exemplo, a trajetória da etnia Palikur, povo que vive na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa.

Em território brasileiro, os Palikur vivem na terra indígena Uaçá, no extremo norte do estado do Amapá, no município de Oiapoque. No lado francês, os Palikur vivem em bairros nas cidades de Caiena, *Saint-Georges* e às margens do rio Oiapoque. Deste lado, “não há Terra Indígena, e os Palikur vivem num espaço comum, localizado na periferia de Saint-Georges, chamado *Village Espérance*” (CAPIBERIBE, 2010, p. 02).

A pesquisadora Gallois menciona que "os dez povos indígenas que vivem no Amapá e no norte do Pará encontram-se no interior da região em que o Brasil faz fronteira com a Guiana Francesa e o Suriname". Destaca que, por força das frentes de colonização, "a localização atual é resultante de um longo processo histórico de refúgio das populações indígenas". E que, nos "séculos XVIII e XIX, se isolaram procurando lugares de difícil acesso para se guardarem dos ataques dos inimigos e de doenças". Esses povos viviam em "florestas, em serras, em áreas de várzea, campos, em rios e em cachoeiras" (2009, p.28).

Capiberibe menciona ainda que os Palikur

vivem na área do Uaçá "há pelo menos quatrocentos anos". Nos séculos XVI e XVII, esta região, por ser próxima à área de fronteira, era considerada "uma zona de refúgio" que as populações indígenas que eram alvo de caçadores de escravos e tropas estrangeiras procuravam para se proteger dos inimigos (2007, p. 89-90). Lux Vidal (2009, p. 16) destaca que o povo Palikur manteve-se "escondido nas áreas de savana" e, no século XIX, foram "encontrados na região dos rios Curipi e Urukauá".

Dados etnológicos descrevem que receberam o nome de "Pariucur, Paricurene, Paricour, Pariucour, Palicours" (GALLOIS, 2009, p. 11). Todavia mencionam que sua autodenominação é *Aukwa-yene* ou *Pa'ikwene*, ou *Parikwene*. Alguns relatos históricos descrevem ainda que os Palikur eram conhecidos como guerreiros fortes e com habilidades para a navegação (CAPIBERIBE, 2016, 2007).

Os documentos históricos descrevem uma migração Palikur da foz do rio Amazonas em direção ao norte do Amapá já no final do século XVI. No início deste século, o relato do viajante espanhol Vicente Yanez Pinzon, datado de 24 de março de 1513, declara que "[...] a província dos Paricura se

encontra imediatamente a noroeste do Mar doce, ou seja, do Amazonas' (J.C. da Silva, 1861: §1637), seu companheiro de viagem, Manuel de Valdovinos estende ainda a denominação de Paricura para o rio Amazonas (J.C. da Silva, 1861: §1638). O que faz crer que os Paricura seriam uma população indígena bastante numerosa, pelo menos aos olhos dos invasores, motivo pelo qual variações de seu nome foram utilizadas para denominar a região ao norte da foz do Amazonas até meados do século XVI (CAPIBERIBE, 2007, p. 90).

A população do povo Palikur foi muito numerosa, mas, mesmo lutando e buscando estratégias para guardar o seu povo, isso não foi suficiente para se esconder dos ataques dos inimigos ou das doenças e epidemias. Capiberibe enfatiza que:

Os Palikur têm uma leitura histórica sobre esta diminuição demográfica. Associam-na diretamente ao contato com os não índios. Há dois momentos marcantes nestas histórias. O primeiro momento estaria entre o fim do século XIX e o início do século XX, quando alguns bisavós da geração atual foram sequestrados por invasores, ora chamados de portugueses ora de cearenses, mas o certo mesmo é que eram brasileiros; e, o segundo ocorrido em

meados do século XX, quando uma série de epidemias liquidou parte da população (CAPIBERIBE, 2010, p. 02).

A Terra Indígena Uaçá e as áreas de fronteira

A área indígena do Uaçá, possui uma faixa de território de aproximadamente quinhentos mil hectares. Capiberibe (2016), descreve que teve sua demarcação homologada no dia 29 de outubro de 1991, por meio do Decreto Federal nº 298/91. A região do Uaçá possui uma área com superfície de 470.164,0636 ha (quatrocentos e setenta mil, cento e sessenta e quatro hectares, seis ares e trinta e seis centiares) e perímetro de 278.139,44 m (duzentos e setenta e oito mil, cento e trinta e nove metros e quarenta e quatro).

A Terra Indígena Uaçá possui uma paisagem que chama atenção por sua diversidade ecológica. Vejamos a seguinte descrição:

Passando mais especificamente para TI Uaçá, podemos ver que, numa área relativamente pequena, temos 4 ecorregiões representadas: campos inundados, várzea, manguezal, e florestas de terra

firme. No contexto regional, 4 é o maior número de ecorregiões distintas representadas em qualquer área protegida na Amazônia Legal. Existem outras áreas protegidas com a mesma diversidade paisagística da ecorregião do Uaçá, mas nenhuma lhe é superior. E as outras áreas protegidas são todas bem maiores. Podemos dizer que, por sua categoria de tamanho, do ponto de vista estreito de conservação ambiental clássica, a TI do Uaçá é a área protegida mais interessante em toda a Amazônia Legal (D. CLEARY, 2000, p. 15 apud CAPIBERIBE, 2007, p. 39).

Quanto à localização das aldeias do povo Palikur, estão distribuídas ao longo do rio Urukauá, afluente da margem esquerda do rio Uaçá. São denominadas de Ywawka, o Yanawa, Kamuyrwa, Pwaytyaket, Kumenê, Tarukepti, Amomni, Isuwvinwa, Kwikvit, Mawihri, Mbadgewni, Irimwewni, Igimawni e a Flecha, formada principalmente por índios Galibi-Marworno. As aldeias são formadas pelo chefe de um grupo doméstico, este pode sair de uma aldeia e fundar a sua, por isso, esses números são "sempre flutuantes".¹ Vale ressaltar, que ao final desta pesquisa, em 2021, obteve-se a informação da existência de mais quatro aldeias, são elas, Kwahi, Ikawakuh,

Masika e Tipoca, dados mencionados pelo indígena Nonato Hipólito que mora na aldeia Kumenê.

A figura 2 apresenta as terras indígenas dos povos do Oiapoque, a região de fronteira entre os países, os rios da T.I. Uaçá. A Juminã possui uma superfície de 41.601 ha, e vivem nesta área os Galibi Marworno e os Karipuna.

Estas terras foram homologadas através do decreto s/n, DOU de 22/05/92. E a T.I. Galibi, vivem os Galibi do Oiapoque e os Karipuna, e possui uma superfície de 6.689 ha. Estas terras foram homologadas pelo decreto nº 87844, DOU de 22/11/82 (CAPIBERIBE, 2016, p. 88).

Figura 2 - Desenho ilustrativo da T. I. Uaçá e seu entorno, localizada ao norte do município de Oiapoque, estado do Amapá



Arte: Ana Kelen Souza, 2021.

1 Informações descritas no site do Instituto Socioambiental - ISA. CAPIBERIBE, Artionka. Fonte: Instituto Socioambiental. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Palikur#Localiza.C3.A7.C3.A3o>>

Povo Palikur

Território e fronteira

Para esses povos a demarcação de seus territórios são importantes conquistas diante de tantas lutas enfrentadas ao logo de suas histórias. Gallois menciona que a noção de “Terra Indígena” diz respeito:

Ao processo político-jurídico conduzido sob a égide do Estado, enquanto a de “território” remete à construção e à vivência, culturalmente variável, da relação entre uma sociedade específica e sua base territorial (GALLOIS, 2004, p. 39).

Ao longo do processo histórico, as mobilidades, os contatos com outros povos e culturas e a presença deles nas áreas de fronteiras permitiram a esses povos aprenderem outras línguas.

“Os Palikur falam o *parikwaki*, pertencente à sub-família Maipure, filiada à grande família linguística Arawak. Na região, as outras línguas faladas são: o português; o francês; o créole, proveniente do francês, língua forjada na rede de relações socioeconômicas que interligava colonos franceses, escravos de origem africana e os índios da região. O patoá, uma variação do créole, é utilizada nas relações comerciais políticas e sociais fora da aldeia. Na Guiana

Francesa, a segunda língua é o créole, que vem disputando acirradamente espaço com o *parikwaki*”.²

Na região de fronteira, existe o intercâmbio com outros povos e culturas. É um dos locais em que os indígenas, comercializam seus produtos, alimentos e seus artefatos:

[...] essa divulgação não fica só no estado do Amapá, também, não fica só na Guiana Francesa, assim por diante ela pode se multiplicar, indo muito longe e nesse sentido, ela tem muita valorização, o povo Palikur, também, tem muitos parentes que são moradores de lá da Guiana Francesa, lado francês, [...] mas o povo já habita na fronteira para o outro lado da Guiana Francesa, nesse sentido ela é o papel fundamental na divulgação dos nossos artefatos indígenas Palikur, isso é um patrimônio cultural a todos nós (Cacique Gilberto Iaparrá, Oiapoque, 2020).

Para os povos indígenas, as fronteiras podem assomar muitos significados, como, por exemplo, fatores de lutas já vivenciados e ainda vivido por eles. Hoje eles aproveitam essas áreas para comercializar seus produtos, artefatos, e manter contato com os seus parentes que vivem do outro lado.

2 Informações descritas no site do Instituto Socioambiental - ISA. CAPIBERIBE, Artionka, Fonte: Instituto Socioambiental. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Palikur#Localiza.C3.A7.C3.A3o>>

Entretanto, deixa-se registrado que, para esses povos que vivem em fronteiras ou nas fronteiras, sejam elas geográficas ou geopolíticas, ou ainda fronteiras simbólicas, essas acabam “atravessando” esses povos e desrespeitando suas memórias, seus costumes, sua religião, sua cultura, sua língua e sua história.

Nesta seção, foi possível ter uma breve noção de território e de fronteira, a saber que as delimitações territoriais são importantes para a segurança, para a proteção, para o controle, para as relações sociais, entre outras funções. No entanto, queremos encerrar essa seção com a reflexão do cacique Palikur, que menciona que “o território é a mãe da terra, ela cuida do povo e dá o sustento para eles”.

Então, vamos respeitar as terras dos povos indígenas!

Figura 3 - Samaumeira na área da Exposição a Céu Aberto no Museu Sacaca

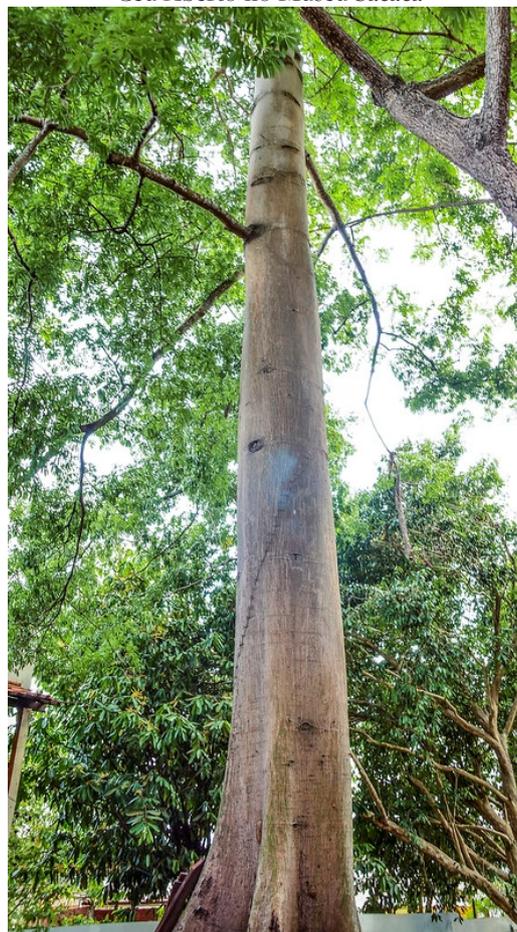


Foto: José Baia, SECOM/GEA, 2019.

Patrimônio Cultural

e sua relação com os museus



👉 Os povos indígenas Palikur, da região Urukauá, Terra Indígena Uaçá, valoriza a cultura indígena do povo Arvak [...] na recuperação e transmissão de conhecimento, na prática das culturas tradicionais dos povos indígenas Palikur, relacionado às línguas, músicas, rituais, metodologias, grafismo, marcas, pinturas corporais, instrumentos musicais, plumagem, adornos corporais, artesanatos, confecção de artefatos, cotidiano de cerimoniais, jogos, brincadeiras e outros dentro da cultura indígena Palikur. 🗣️👂

(CACIQUE GILBERTO IAPARRÁ, OIAPOQUE, 2020)

Patrimônio Cultural e sua relação com os museus

Figura 4 - Ambientação da Casa Palikur, Exposição a Céu Aberto no Museu Sacaca, Macapá/AP



Por meio da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca, os povos indígenas puderam representar o cotidiano de suas aldeias, inserir elementos que representassem a sua identidade e a sua cultura, com um diferencial importante: não era a concepção dos técnicos e, sim, o olhar deles no processo de constituição da narrativa museográfica.

Isso nos levou a refletir sobre a importância dos museus para os povos indígenas e as suas relações neste espaço, em uma perspectiva de reconhecimento, de comunicação e de relações de territorialidades dentro do Museu Sacaca.

Neste caderno pedagógico, poderemos conhecer e reconhecer os tipos de patrimônio materiais e imateriais, por meio de objetos da cultura e do saber fazer dos povos indígenas, que estão em exposição no Museu Sacaca, em Macapá-AP.

Primeiramente, vamos compreender sobre a palavra **patrimônio**, que em latim, vem de *pater*, que significa pai, e *monium*, que indica condição, estado, ação.

pater = pai
(em latim) (em português)

Este significado nos leva à ideia daquilo que herdamos de um pai. “No século XVIII, esse conceito de patrimônio foi estendido às cidades e às nações”. As famílias deveriam cuidar de seu patrimônio para que fossem repassados de geração em geração (IEPÉ, 2011, p. 11).

Da mesma forma, do ponto de vista do conjunto dos cidadãos de um país, passou a ser considerado importante cuidar de um conjunto de bens históricos e artísticos, visto como propriedade de uma nação inteira (IEPÉ, 2011, p.11).

Na Constituição Federal, artigo 216, conceitua-se patrimônio cultural:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, p. 126).

Assim, patrimônio cultural é o conjunto de bens materiais e imateriais que por seu valor simbólico, se associa à história e à identidade cultural de um grupo e da sociedade. Elementos como a memória, a identidade e a criatividade de um povo são informações importantes para o patrimônio cultural. Existem dois principais tipos de patrimônio cultural: o patrimônio material e o patrimônio imaterial.

Patrimônio Cultural

e sua relação com os museus

Patrimônio cultural material

São os bens concretos, como os objetos, as esculturas, os monumentos, os conjuntos arquitetônicos, entre outros. É importante compreender que o patrimônio material expressa os saberes, que são imateriais.

Os colares, os brincos, as cuias, as esculturas em madeira e a casa Palikur são exemplos de patrimônio cultural material, confeccionados pelos povos indígenas, como estão destacadas nas imagens (figuras 5 a 7).

Figura 5 - Artesanatos indígenas apresentados na Festa dos Povos, no Museu Sacaca



Foto: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Figura 6 - Artesanatos indígenas apresentados na Festa dos Povos, no Museu Sacaca



Foto: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Figura 7 - Casa Palikur no Museu Sacaca



Foto: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Patrimônio cultural imaterial

O patrimônio imaterial é um conceito que ganha destaque com a Constituição Federal de 1988, sob uma perspectiva de valorização do patrimônio nos seus aspectos materiais e imateriais.

Segundo destaca o IEPÉ (2011, p.10), o patrimônio imaterial está relacionado “as tradições, as expressões orais, língua, dança, música, as artes, os rituais, os conhecimentos relacionados à natureza e ao universo, as técnicas artesanais e tradicionais”. Aspectos como a criatividade, o saber fazer, à transmissão dos saberes, estão associados ao patrimônio imaterial.

Como exemplo, as imagens (figuras 8 e 9) destacam o conhecimento e a técnica dos povos indígenas na produção da tinta, na arte gráfica corporal, na dança e na música.

Figura 8 - Oficina de grafismo realizada na área da Exposição a Céu Aberto



Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2015.

Figura 9 - Dança e música Wajãpi na Festa dos Povos na Exposição a Céu Aberto



Foto: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Patrimônio Cultural

e sua relação com os museus

Conceitos de museu

Os museus ganharam, ao longo do tempo histórico, características diversas em seus significados, missão, estrutura e organização. A diversidade museal reflete, entre tantas características, as históricas, as políticas, as econômicas, as sociais e as culturais de um povo, de uma sociedade, de um país. Conheça o que importantes instituições como ICOM, IBRAM e IPHAN entendem por museu:

O museu é uma "instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade"

International Council of Museums (ICOM)

"Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose."

Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)

"O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características:

I - o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações;

II - a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer;

III - a utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social;

IV - a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações;

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Em 2009, através da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro, foi instituído o Estatuto de Museus, e este considera os museus como:

Instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”.

Esses conceitos indicam a função e as características de um museu. Devem ser espaços democráticos, de investigação, de pesquisa, de preservação, de conservação, de difusão de conhecimentos e devem oferecer seus serviços à sociedade.

De fato, no último século, o modelo museológico baseado em estruturas como prédios, organizados para guardar objetos e coleções vem sendo discutido, o que motivou a criação de novos espaços, como os ecomuseus, os museus comunitários, os museus a céu aberto, entre outros.

A partir da década de 1960, surge um movimento de renovação dos museus, conhecido como 'nova museologia', o qual exigiu transformação radical dos objetivos destas instituições, propondo ideais políticos de democratização cultural e de educação popular, chamando, ainda, atenção sobre a necessidade de consolidar os museus como [...] campo[s] de reflexão teórica e epistemológica (DUARTE, 2013, p. 100 apud SHEPARD JR et.al., 2017, p. 766).

Segundo Velthem, Kukawka e Joanny (2017), os museus são lugares de atuação, de memória, de movimento pelo reconhecimento, capazes de produzir significados e funções vocacionados para a mediação cultural. Taylor menciona que “a identidade é criada dialogicamente como reação às nossas relações” (1994, p. 25).

Não por acaso, os museus serviram, historicamente, durante séculos, para sintetizar e reforçar discursos políticos, nacionalistas ou não, e salvaguardar, reafirmar os legados de estados hegemônicos. É dado ao museu o desafio contínuo de privilegiar diferentes narrativas, distintas histórias, contadas por objetos muitas vezes valiosos, insólitos ou inusitados, mas

Patrimônio Cultural

e sua relação com os museus

também por outros de feitura simples, de uso cotidiano, e de múltiplos significados, ligados prioritariamente ao território em que se situam e à comunidade que neles se representa (FRANCO, 2019, p.19).

Por muito tempo, os museus funcionaram como um dos instrumentos ideológicos do estado, estando preocupados em conservar um discurso da cultura dominante. Atualmente, os museus estão passando por um processo de democratização, de ressignificação e de apropriação cultural. Os museus têm se consolidado no cenário político e cultural, tornando-se um lugar de criação e de transformação social. Esses espaços conquistaram:

Uma significativa centralidade no panorama político e cultural do país, ao se consolidarem como espaços relacionados com a criação, a comunicação, a produção de conhecimentos, a transformação social e a cidadania (VELTHEM; KUKAWKA; JOANNY, 2017, p. 4).

É importante compreender a dinâmica dos territórios museológicos, o que eles representam, o que retratam e os seus significados.

Os museus são grandes casas (em sentido material e figurado), espaços consagrados e consagradores de histórias, lugares de memória, de colecionamento e de armazenamento de objetos. São também espaços de exposição, de apresentação, de comunicação. Mas fundamentalmente são espaços perenes que habitam nosso imaginário e nossa imaginação (ABREU, 2019, p.182).

Ou ainda, serem lugares que podem potencializar a cultura, a identidade, ser um “espaço de identificação, do imaginário, território de identidade, ser um lugar de ritos, expressando valores e confrontando crenças” (MEDEIROS, 2008, p. 218) e, ser um espaço de “apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva” (HAESBAERT, 1997, p. 41).

Logo, estudar os territórios museológicos, “os seus objetos, as suas coleções, o patrimônio cultural material e imaterial, têm motivado pesquisadores e grupos sociais a terem um diálogo intercultural, onde a cultura assume uma dimensão especial e central na compre-

ensão das diversas linguagens e objetos etnográficos” (ATHIAS, 2015, p. 236).

Uma nova proposta de diálogo museológico com os povos indígenas

Alguns conceitos da nova museologia foram introduzidos no estado do Amapá, a partir da ação integrada de técnicos do Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável e pesquisadores do IEPA. Essa aproximação junto às comunidades indígenas do Amapá ocorreu no final dos anos 1990, por meio do projeto "Farmácia da Terra", que buscava estabelecer um diálogo entre o conhecimento das populações tradicionais e o conhecimento científico desenvolvido pelas pesquisas do IEPA. Foram realizadas visitas aos territórios indígenas, permitindo conhecer a realidade e os anseios desses povos. Esses momentos fortaleceram a comunicação entre técnicos, gestores e indígenas para a proposta do novo espaço da exposição do Museu Sacaca.

O museu teve, em 1996, uma exposição temporária na área de entrada do IEPA: uma réplica de uma casa ribeirinha, que obteve

avaliações positivas dos visitantes do museu, a essa época. Essa experiência influenciou o projeto da Exposição a Céu Aberto, em 2002 (IEPA, 2000; OLIVEIRA, 2013).

Figura 10 - Réplica de uma casa ribeirinha, exposição temporária do Museu Sacaca



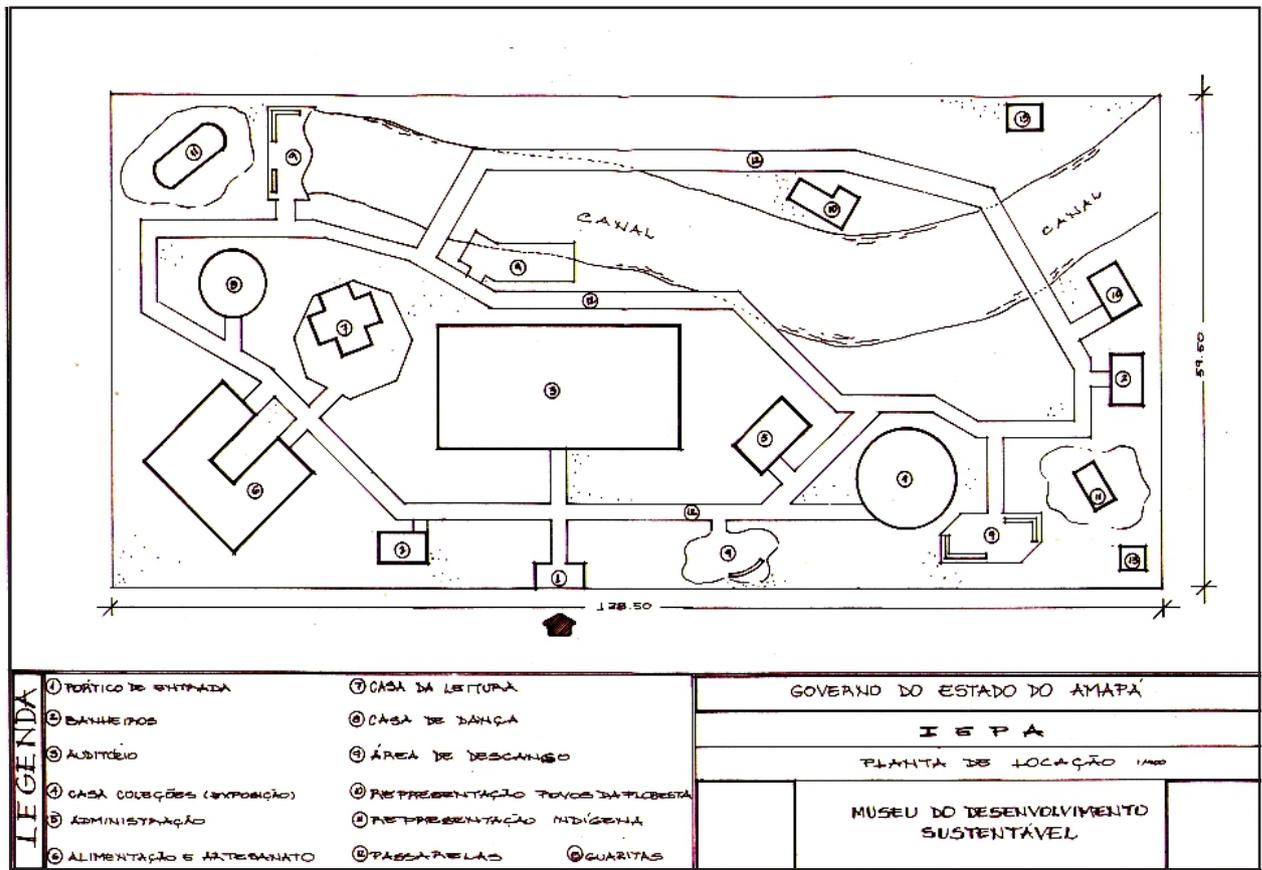
Fonte: Projeto Museológico do Museu Sacaca, 2000.

O Projeto da Exposição a Céu Aberto no Museu Sacaca foi pensado num espaço que proporcionasse variadas discussões e reflexões, que possibilitasse novas formas de apropriação e diálogo com diferentes segmentos sociais, inclusive com os povos indígenas. Na figura 11 vemos os primeiros traços dessa idéia tomando forma no croqui da nova área do Museu Sacaca, destacando-se o espaço reservado para as representações

Patrimônio Cultural

e sua relação com os museus

Figura 11 - Croqui da Exposição a Céu Aberto



Fonte: Projeto Museológico do Museu Sacaca, 2000.

dos povos da floresta. A esse respeito, a pesquisadora Velthem menciona que os museus podem se tornar “lugares onde novos significados podem ser atribuídos aos movimentos de preservação cultural e de afirmação de identidades” (2012, p. 58).

No período compreendido entre 2000 e 2002, as conversas entre os técnicos do Sacaca e os indígenas sobre a Exposição a Céu Aberto foram intensificadas. O projeto foi apresentado aos Conselhos dos Povos Indígenas do Amapá para as devidas avaliações, o que levou a aceitação por parte deles da efetivação da construção das casas e a definição das famílias que iriam participar do projeto do novo espaço no Museu Sacaca. Desta forma, os indígenas apropriaram-se desse espaço, tornando o museu um instrumento que eles poderiam utilizar para dialogar com a sociedade local, nacional e internacional, seja através do circuito museográfico, das construções idênticas às suas habitações, dos objetos e seus significados e das ações culturais.

A área designada para a construção da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca precisou ser totalmente revitalizada, passan-

do por vários processos de limpeza, pois era um local usado para descarte de lixo, inclusive, ferragens de carros alegóricos, durante os anos de 1990, que pode ser observado na figura 12. Esse espaço passou por um planejamento feito por técnicos do governo do estado do Amapá e pesquisadores do IEPA, sendo preparado para receber espécies nativas da região amazônica, como pau mulato, mungubeira, samaumeira, seringueira, castanheira e outras árvores que viessem a representar a flora amazônica (IEPA, 2000; OLIVEIRA, 2013).

Figura 12 - Ferragens de carros alegóricos presentes na área destinada ao Museu



Foto: Núcleo de Museologia, 2001.

Patrimônio Cultural

e sua relação com os museus

Neste terreno, havia um pequeno córrego, que foi alargado e tratado para representar os rios da Amazônia. A figura 13 mostra como era esse córrego que foi transformado em um igarapé, onde foram inseridos peixes e quelônios. Compondo esse cenário, foi construído um barco, o “Regatão”, onde os visitantes realizam uma pequena viagem.

As figuras 14 a 16 mostram a etapa de preparação do terreno, plantio das espécies vegetais para compor o paisagismo da área e as casas das populações tradicionais do estado do Amapá. Assim, foi se configurando a ambientação desse cenário expográfico da paisagem amazônica, no qual os povos indígenas e outras comunidades iniciaram a construção de suas casas, que iriam compor a área da exposição permanente do Museu.

O Museu Sacaca e sua trajetória histórica

O museu é subordinado ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá-IEPA. Está localizado na cidade de Macapá, na área urbana, no bairro

Figura 13 - Pequeno córrego existente no terreno foi limpo e preparado para receber espécies de peixes e o barco Regatão



Foto: Núcleo de Museologia, 2001.

Figura 14 - Limpeza e nivelamento do terreno para preparação o projeto paisagístico do Museu Sacaca



Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2001.

Figura 15 - Visão geral da Exposição a Céu Aberto, em destaque a Casa do Castanheiro e o Orquidário



Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2002.

Figura 16 - Paisagismo com espécies vegetais da região amazônica na área da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca



Foto: Núbia Almeida, 2005.

Patrimônio Cultural

e sua relação com os museus

do Trem, numa área de 20 mil metros quadrados. Nele, a multiplicidade cultural do Amapá está representada através das ambientações que retratam as comunidades indígenas, ribeirinhas e negras, reconstituídas num ambiente natural, com muita vegetação, pequenos animais e um córrego em que foram inseridas variadas espécies de peixes. “É um espaço que reproduz a vida amazônica, mostrando tanto sua biodiversidade, como a diversidade cultural. É um ponto de encontro do conhecimento científico, do saber popular e da vida das populações tradicionais” (IEPA, 2000).

A origem de seu acervo e coleções envolve a história de outros museus que existiram no Amapá, que será apresentada de forma resumida. A figura 17 mostra a linha do tempo com os principais momentos que marcaram sua história, baseada nas pesquisas de Almeida (2001, p. 35-39) e de Oliveira (2013, p. 98-113).

A sua trajetória histórica inicia em 1965, com o Museu Comercial/Industrial, que posteriormente envolveu os Museus Joaquim Caetano da Silva, Ângelo Moreira da Costa Lima e o de Plantas Medicinais Waldemiro Gomes, que, em determinados períodos,

tiveram seus acervos e coleções unificados e desmembrados, influenciando diretamente no surgimento do Museu de Desenvolvimento Sustentável (MDS), em 1997.

Anos depois, o estado do Amapá passa por reformas administrativas e por força de Decreto governamental nº 2396/99, o museu tem seu nome alterado em 1999, para Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável, para homenagear Raimundo dos Santos Souza, representante das tradições culturais amazônicas, curandeiro e conhecedor das plantas e ervas medicinais da Amazônia (OLIVEIRA, 2013; ALMEIDA, 2001).

Em 2002, com a inauguração da Exposição a Céu Aberto, houve a expansão de seu espaço físico e a necessidade de aumentar também o número de técnicos para atender essa nova demanda. Por meio do decreto nº 6320, o museu recebeu uma nova nomenclatura, passando a ser um Centro de Pesquisa dentro do IEPA, com nova estrutura administrativa. Atualmente, a estrutura organizacional do IEPA está fundamentada na lei nº 1175/2008 e desde 2015, o Museu Sacaca é uma Coordenadoria de Difusão Científica e Tecnológica - CDCT.

Figura 17 - Linha do Tempo do Museu Sacaca, com os principais momentos que marcaram sua história



Arte: Ana Kelen Souza, 2021.

Patrimônio Cultural

e sua relação com os museus

A figura 18 mostra todos os ambientes da Exposição a Céu Aberto e demais espaços do Museu Sacaca, que foram abertos ao público a partir de 2002.

Figura 18 - Mapa do Museu Sacaca

LEGENDA:

1. Auditório Waldemiro Gomes
2. Casa da Administração
3. Casa da Exposição
4. Monumento Marabaixo
5. Sítio Arqueológico
6. Casa do Ribeirinho
7. Maloca Multiúso
8. Mural temático (Educação ambiental e o Lixo)
9. Casa do Castanheiro
10. Pórtico
11. Casa da Farinha
12. Casa Wajãpi
13. Casa Palikur
14. Casa da Fitoterapia - Farmácia da Terra
15. Regatão Índia do Brasil
16. Casa da Leitura Aracy Mont'Alverne
17. Praça do Sacaca
18. Praça do Pequeno Empreendedor
19. Instalações Sanitárias
20. Casa da Criação



Fonte: Acervo do Museu Sacaca, 2002.

Um museu em constante transformação

Desde 2011, a Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca foi sendo revitalizada, com novos espaços criados e outros dinamizados. Passarelas em concreto foram inseridas para atender e dar acessibilidade às pessoas com dificuldade de locomoção.

Em 2012, a Exposição a Céu Aberto é reinaugurada e entregue à população amapaense e aos turistas nacionais e internacionais, por meio de uma programação cultural e educativa, que reuniu as populações tradicionais do estado do Amapá.

Em 2014, foi inaugurada uma nova casa, denominada “Casa das Parteiras”, valorizando o conhecimento tradicional e a arte de “aparar vidas” das parteiras do estado do Amapá. Neste mesmo ano, outro lugar foi criado, a “Samaúma das Palavras”, onde os visitantes deitados ou sentados a sombra da samaumeira, conhecida como a “rainha da floresta”, podem apreciar livros ou gibis.

Em 2016, foi montado dentro da casa de Leitura o “Memorial Waldemiro Gomes”, com objetos pessoais utilizados pelo pesquisador: mesa, cadeira, armário, livros e mostras de suas coleções científicas. Em 2018, o local onde antes era vitrine de negócios, foi modificado e tornou-se em um espaço dedicado ao “Memorial do Sacaca”, para que os visitantes pudessem conhecer mais sobre a biografia do curandeiro chamado Sacaca.

Em 2019, o IEPA/Núcleo de Arqueologia /Museu Sacaca apresentou um projeto e obteve o apoio da empresa ECE Participações S/A (empreendimento Cachoeira Caldeirão). Por meio deste financiamento, foi possível construir as casas indígenas Palikur e Wajãpi e inserir uma novidade na exposição, a Casa Aparai e Wayana, representando essas etnias indígenas. Esta casa é chamada na língua Wayana de *Tukusipan* e na língua Aparai de *Porobtoob*. Outros espaços também foram ampliados, como o espaço de leitura, Samaúma das Palavras, tornando-se, também, um lugar de contações de histórias. O bloco pedagógico foi revitalizado e foi adicionada uma nova estrutura com recursos midiáticos, denominado “Espaço Multimídia”.

Patrimônio Cultural

e sua relação com os museus

A figura 19 mostra o mapa do Museu Sacaca atualizado em 2012, havendo a inclusão de ambientes novos ou reformulados, que foram destacados na legenda abaixo.

Figura 19 - Mapa do Museu Sacaca

LEGENDA:

1. Entrada principal
2. Auditório Waldemiro Gomes
3. Vitrine de Negócios **novo**
4. Casa da Leitura Aracy Mont'Alverne
5. Instalações Sanitárias
6. Praça do Pequeno Empreendedor
7. Praça do Sacaca
8. Regatão
9. Casa Wajãpi
10. Bloco de apoio técnico
11. Praça das Etnias **novo**
12. Casa Palikur
13. Casa das Exposições Temporárias **novo**
14. Casa da Farinha
15. Bloco pedagógico **reformulado**
16. Casa do Castanheiro
17. Casa do Ribeirinho
18. Maloca Multiúso
19. Sítio Arqueológico
20. Monumento Marabaixo
21. Instalações Sanitárias
22. Casa da Criação
23. Casa da Exposição
24. Casa da Administração



Fonte: Acervo do Museu Sacaca, 2012.

PRINCIPAIS TRANSFORMAÇÕES NA EXPOSIÇÃO A CÉU ABERTO (2014 - 2019)

Figura 20 - Casa das Parreiras, inaugurada em 2014, valorizando o saber tradicional



Foto: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Figura 21 - Memorial Waldemiro Gomes, montado dentro da Casa de Leitura em 2016



Foto: Paulo Anchieta, 2020.

Figura 22 - Samaúma das Palavras, ambiente de leitura na sombra da árvore, criado em 2014



Foto: Portal G1 Amapá, 2014.

Figura 23 - Memorial do Sacaca, montado em 2018, que mostra a biografia dessa personalidade amapaense



Foto: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Patrimônio Cultural e sua relação com os museus

PRINCIPAIS TRANSFORMAÇÕES NA EXPOSIÇÃO A CÉU ABERTO (2014 - 2019)

Figura 24 - Ambientação da Casa Wajãpi



Foto: José Baia, SECOM/GEA, 2019.

Figura 25 - O espaço da Samaúma das Palavras foi ampliado em 2019, tornando-se também um lugar de contações de histórias



Foto: José Baia, SECOM/GEA, 2019.

Figura 26 - Casa Apalai e Wayana, nova ambientação inserida na Exposição a Céu Aberto em 2019



Foto: José Baia, SECOM/GEA, 2019.

Figura 27 - O Bloco Pedagógico foi revitalizado e equipado com recursos multimídia em 2019



Foto: José Baia, SECOM/GEA, 2019.

Você sabia que foi montada uma exposição sobre os Povos do Oiapoque no Rio de Janeiro?

O Museu do Índio é um órgão científico cultural da Fundação Nacional do Índio-FUNAI e foi criado pelo antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro em 1953. Neste museu, estão mais de 125 mil documentos que retratam a história dos povos indígenas do Brasil.

Figura 28 - Prédio principal do Museu do Índio, onde foi instalada a exposição temporária A Presença do Invisível: Vida Cotidiana e Ritual entre os Povos Indígenas do Oiapoque



Fonte: NASCENTE, 2011.

Em 2007, foi organizado neste museu uma exposição temporária sobre os povos do Oiapoque, chamada de **A presença do Invisível - vida cotidiana e ritual dos povos indígenas do Oiapoque**. Nesta exposição, estavam presentes 269 objetos que retratavam a cosmologia indígena, artefatos contemporâneos e acervo histórico do Museu do Índio.

Figura 29 - Detalhe dos painéis fotográficos da entrada da exposição e da casa cenográfica



Fonte: NASCENTE, 2011.

Patrimônio Cultural

e sua relação com os museus

Você já conhece o Museu Kuahí, no Oiapoque/AP?

O Museu Kuahí foi inaugurado, oportunamente, no dia 19 de abril de 2017, no Dia do Índio. Seu nome vem de um pequeno peixe comum na região, estando também relacionado ao nome de um dos padrões gráficos usados pelos indígenas na decoração de seus artefatos. Sendo um museu efetivamente indígena, entre seus objetivos, apresenta a diversidade sociocultural dos povos indígenas do Oiapoque - etnias Palikur, Galibi Kali'na, Galibi Marworno e Karipuna -, promovendo, por meio de seu acervo, o diálogo entre a sociedade nacional e internacional.

Figura 30 - Fachada do Museu Kuahí



Fonte: Portal Secult, 2021.

Nesta seção aprendemos sobre os conceitos de museus e sobre patrimônio cultural. Para o IBRAM, os museus podem se tornar casas, pontes, portas, janelas que ligam e desligam mundos e culturas. Você ainda conheceu sobre a história do Museu Sacaca e de sua Exposição a Céu Aberto, inaugurada em 2002, que apresenta um pouco sobre a vida das populações tradicionais do estado do Amapá.

Vamos cuidar dos espaços Museais!

Nele podemos aprender sobre muitos assuntos, no caso do Museu Sacaca, pesquisas científicas, a história, as memórias e a diversidade cultural dos povos da Amazônia.

Figura 31 - Detalhe do interior do Museu Kuahí



Fonte: Portal Tripadvisor, 2021.

Casa Palikur

um retorno às memórias



☞ Antigamente o povo indígena Palikur não transcrevia, mas, hoje, é uma pauta transcrever essa memória que fica no arquivo, para poder outro povo indígena ou povo não indígena ter o conhecimento; a memória é muito importante e significativa para a comunidade indígena Palikur. ☞☞

(CACIQUE GILBERTO IAPARRÁ, OIAPOQUE, 2020)

Figura 32 - Indígena sendo entrevistado durante a construção da Casa Palikur no Museu Sacaca



É a primeira vez que faço esse tipo de casa. Na verdade, eu fiz um outro tipo de casa de lá da nossa região, a arte dessa é diferente. Hoje em dia, a gente constrói a casa com outros materiais com telha e material de lei. Vendo essa arte maravilhosa aqui dentro do Museu Sacaca, aqui em Macapá, eu estou muito feliz, de participar desta construção aqui, sabendo que a gente vai ser representado aqui dentro do museu. Isso traz uma emoção, a gente tá lá na base. Aqui é um ponto turístico para o pessoal saber da cultura, saber como a gente vive lá (ELDELY NARCISO IAPARRÁ, Macapá, 2019).

Foto: Dandra Duarte, 2019.

MUSEUS E MEMÓRIA

A reflexão do cacique Palikur, Gilberto Iaparrá, no início dessa seção, descreve o anseio de seu povo em “transcrever”, compartilhar os seus conhecimentos, as suas memórias com os outros povos indígenas ou não indígenas. Assim como no relato do jovem Palikur, Eldely Narciso Iaparrá, que expressa sua emoção em ter participado da construção da terceira casa e sobre a representatividade que seu povo terá dentro do Museu Sacaca.

Os espaços como os museus são locais que podem potencializar as memórias de grupos, de povos e de pessoas.

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 05).

Pollak afirma em suas pesquisas que a memória está relacionada a pessoas, a personagens e a lugares. Pode ser considerada

como um fenômeno que ocorre de forma individual, coletiva ou social. Destaca ainda que nem todo acontecimento ou fato fica registrado na memória do indivíduo ou do grupo, ou seja, “a memória é seletiva”, as lembranças vividas de forma individual ou coletiva estão “sujeitas a flutuações e transformações”. Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos” (POLLAK, 1989, p. 6-7).

A memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p.05).

O diálogo com os representantes do Povo Palikur foi proporcionado por meio de elementos destacados dentro da Exposição a Céu Aberto, em específico, a edificação de suas casas tradicionais. Esta casa apresentada no Museu Sacaca é um dos modelos em que os povos antigos desenvolviam suas atividades familiares.

Nessa seção, trataremos de conhecer um pouco sobre as memórias e a cultura do povo Palikur a partir da descrição de suas casas, dos elementos constitutivos para a sua edificação e alguns objetos que foram selecionados por eles para compor o cenário expográfico do Museu Sacaca.

PAI-TI [CASA]

É importante destacar e descrever a casa para que haja a compreensão da importância deste elemento para esses povos, a relação com a natureza, as matérias-primas utilizadas na edificação, a função de seus espaços, o estilo, além dos conhecimentos específicos para a edificação. Nas línguas dos Palikur, casa se diz em patoá *Kazé* e em Palikur *pai-ti*.

Em estudos antropológicos, as casas dos Palikur eram descritas como uma casa redonda, sem cumeeira e as palhas do telhado desciam até o chão. Havia uma porta que durante a noite deveria ser fechada.

[...] o tipo original da casa dos Palikur era uma choça redonda, sem cumeeira, cuja cobertura descia até o chão. A porta baixa era fechada cuidadosamente toda noite depois de defumado o interior por causa dos mosquitos (NIMUENDAJÚ, 1926, p. 19 apud CAPIBERIBE, 2007, p.55).

Conforme a descrição de Capiberibe (2007, p. 56-57), as casas tradicionais dos povos Palikur têm duas áreas, sendo uma externa e outra interna. Cada uma tem função específica: na externa, tem uma pequena escada de acesso à casa e as paredes não são totalmente fechadas. É neste lugar que eles se relacionam, conversam, se socializam, organizam os alimentos da roça, da pesca, confeccionam os objetos, como: “cestos, cuias, tipiti, peneiras”, e outros materiais que marcam a cultura indígena. A interna é utilizada para dormir e para a “reprodução física”. Utilizavam para dormir esteiras feitas de junco, redes com mosquitoireiro de algodão e, em épocas antigas, utilizavam as

Casa Palikur

um retorno às memórias

canoas como “camas” para poderem escapar dos ataques das muriçocas.

Os esteios de sustentação das casas são feitos com madeiras nobres, como acariquara ou jarana, para os pisos e paredes são usadas madeiras um pouco menos resistentes como o cedro, cedro-louro, andiroba, cupiuba e angelim, este último também é uma das madeiras usadas para fazer os estrados do telhado de duas águas, que é na maioria dos casos coberto com palha de inajá, mas também pode ser coberto com pequenas plaquetas retangulares de

madeira, telhado conhecido no Amapá como cavaco, e há um tempo também se usa cobrir com telhas de amianto ou de zinco, compradas no Brasil e na Guiana Francesa, respectivamente. Muitas casas não têm paredes, apenas umas poucas tábuas nas laterais, naquelas em que as paredes são erguidas, estas não chegam a fechar completamente a casa mantendo sempre uma fresta de no mínimo dez centímetros da parede ao começo do pé direito, porém, ultimamente uma ou outra casa, tem paredes fechadas ao modo “civilizado” (CAPIBERIBE, 2007, p. 55).

Figura 33 - Casa de descanso, localizada na Aldeia Kumenê, Oiapoque



Foto: Nonato Hipólito, 2021.

As casas atuais dos Palikur são construídas com outros tipos de materiais, como as tábuas, e inseridos objetos como geladeiras, fogão, televisão, conforme descrição abaixo:

As casas no Oiapoque são, na maioria, palafitas de plano retangular com paredes e assoalhos de tábuas de madeira. Uma pequena escada permite o acesso à entrada. Há, geralmente, uma ou várias divisões internas separando a sala dos quartos de dormir. Normalmente, dormem em esteiras de junco cobertas por um grande mosquiteiro, onde repousam o casal e filhos

pequenos. Hoje, também, usam redes e camas. A cozinha é uma área parcialmente aberta, atrás da casa, onde há um fogão de barro e, às vezes, um fogão a gás. A “mesa” para a refeição é posta no chão, quando a família se reúne para comer o peixe assado ou fervido acompanhando de farinha, sal e tucupi. Não há muita mobília nas casas. Hoje, entretanto, a maioria possui uma televisão e uma antena parabólica, além do Prosdócimo, como dizem os índios, ou freezer, que permite preservar alimentos e gelar bebida (VIDAL, LEVINHO, GRUPIONI, 2016, p. 262).

Figura 34 - Modelo atual de construção da Casa Palikur, localizada na Aldeia Kumenê, Oiapoque



Foto: Nonato Hipólito, 2021.

Casa Palikur

um retorno às memórias

PAITWEMPU [VILA]

A escolha do local para edificar suas casas e aldeias advém de conhecimentos tradicionais e organização política deles. Os indígenas são profundos conhecedores das matas, chamados de guardiões das florestas, por conhecer e proteger o meio ambiente.

Tradicionalmente, as aldeias são construídas voltadas para o rio. Sua morfologia é um pouco variada. Nas menores o ponto de referência é sempre a casa do fundador do lugar, ou *paitwempu akivara*, quem costuma ser o líder político da aldeia, as outras casas ficam dispostas ao seu redor. Na maioria das aldeias, o ponto principal de entrada e saída fica nas imediações da casa do *paitwempu akivara* (CAPIBERIBE, 2007, p. 53).

O termo pelo qual referem-se os Palikur aos seus assentamentos é *paitwempu*, a “tradução para o português revela não só, no que se constitui, mas como isso ocorre, ou seja, literalmente, *paitwempu* quer dizer: local habitado por humanos onde há casas construídas, é também traduzido pelo termo vila” (CAPIBERIBE, 2007, p. 51).

Figuras 35 e 36 - Organização das casas Palikur localizada na Aldeia Kumenê, Oiapoque



Fotos: Nonato Hipólito, 2021.

As estações chuvosas ou secas marcam a vida desses povos do Uaçá. A alimentação está diretamente associada a esses períodos, característicos da região Amazônica. No verão, “comem quase todos os tipos de peixe, principalmente os mais nobres, como tucunaré, tamuatá e pirarucu” (CAPIBERIBE, 2007, p. 58). Apreciam os quelônios e com “o campo seco os Palikur descobrem com facilidade os ninhos de ovos de tracajá, jacaré-açu, jacaré-tinga e camaleoa” (CAPIBERIBE, 2007, p. 59).

No inverno, os peixes ficam mais escassos nessas áreas, por conta dos rios que estão cheios. As aves e as caças tornam-se muito atraentes: “os Palikur sobem o rio em direção à mata de terra firme, onde pernoitam na espera de animais como anta, veado, paca, cutia e várias espécies de macaco”. Outro elemento importante na alimentação dos indígenas, “a farinha de mandioca é a base da alimentação em toda a região do Oiapoque, e são os índios Palikur, Karipuna e Galibi-Marworno que abastecem a maior parte do mercado de farinha da cidade de Oiapoque” (CAPIBERIBE, 2007, p. 60).

As casas construídas na Exposição a Céu Aberto seguiram algumas características desses antigos povos. Essas casas estavam sempre próximas ao igarapé que faz uma representação aos rios da Amazônia. Esses conhecimentos relacionados à organização espacial de suas casas e alimentação demonstram a relação com seus territórios, “a mãe da terra”, como disse o cacique dos Palikur, ela fornece aos povos: alimento, sustento, materiais para a construção de suas casas e de seus artefatos. Esses aspectos são essenciais para as memórias desses povos.

Figura 37 - Casa Palikur na Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca



Foto: Dandra Duarte, 2019.

Casa Palikur

um retorno às memórias

HISTÓRICO DAS CONSTRUÇÕES DAS CASAS PALIKUR NO MUSEU SACACA

Entre 2001 a 2019, dentro da Exposição a Céu Aberto, foi construída três vezes a casa que representa a etnia Palikur, pela necessidade de reformar essa ambientação para a exposição. Cada casa possui uma história e diferem-se em alguns detalhes construtivos, que serão abordados a seguir.

As casas inseridas na Exposição a Céu Aberto têm um significado importante para os indígenas. São, antes de tudo, elementos concretos, artefatos que revelam conhecimentos ambientais, técnicos, estéticos, de organização social e de identidade; não são apenas objetos que compõem um acervo museológico, mas a história e as memórias de seus povos.

Em 2019, os indígenas mais jovens tiveram a oportunidade de aprender dentro do museu a construir as suas casas, estudando as técnicas peculiares deste conhecimento tradicional, ensinadas pelos indígenas mais velhos. Essas construções foram resultado de uma política

de luta desses povos, da proposta de um museu fundamentado na nova museologia e dos anseios de pesquisadores e técnicos do Museu.

Todos os materiais para a edificação da casa vieram das aldeias, o que demonstra a relação desses povos com a natureza e com os seus territórios, que vai desde a escolha da matéria-prima até a construção de sua casa.

Primeira construção da Casa Palikur, em 2001

A Casa Palikur é um modelo de casa de moradia que representa uma das habitações utilizadas pelos povos antigos desta etnia. Este processo de edificação de todas as ambientações no Museu Sacaca foi realizado com a participação das comunidades tradicionais que vivem no Amapá. Sua construção aconteceu no final de 2001, para a inauguração da Exposição a Céu Aberto em abril de 2002.

O primeiro modelo construído tinha estrutura retangular, telhado de quatro águas,

coberto de palhas. O assoalho da casa era elevado, feito de paxiúba, com uma pequena escada de acesso. A ambientação tinha ainda meia parede de paxiúba.

Podemos observar, nas fotos desse período, a grande área vazia do terreno, aos poucos sendo ocupada pelas construções dos ambientes da Exposição a Céu Aberto e pela inserção da nova vegetação (figuras 38 a 40).

Figura 38 - Detalhe do preparo das palhas para a cobertura da primeira Casa Palikur no Museu Sacaca



Foto: Museu Sacaca/Núcleo de Museologia, 2001.

Figura 39 - Montagem da estrutura da primeira Casa Palikur no Museu Sacaca



Foto: Museu Sacaca/Núcleo de Museologia, 2001.

Figura 40 - Montagem da estrutura da primeira Casa Palikur no Museu Sacaca



Foto: Museu Sacaca/Núcleo de Museologia, 2001.

Casa Palikur

um retorno às memórias

Figuras 41 a 45 - Primeira Casa Palikur na Exposição a Céu Aberto, no Museu Sacaca



Fotos: Museu Sacaca/Núcleo de Museologia, 2001 e 2002.

Segunda construção da Casa Palikur, em 2011

Após nove anos da inauguração da Exposição a Céu Aberto, sua paisagem já se diferenciava consideravelmente. As árvores haviam crescido e, com elas, outros elementos da natureza foram se agregando a esse lugar. Era necessário ter um olhar específico para a exposição, pois ela estava associada às condições climáticas, ora verão, ora inverno, e até mesmo à ação constante de insetos como os cupins, conhecidos pela capacidade de deteriorar a madeira, sendo considerados como “pragas urbanas”. Associada a isso, havia a falta de recursos para a manter o espaço. Os acervos e as próprias casas indígenas que faziam parte do circuito expográfico foram se deteriorando.

Tais fatores influenciaram diretamente na segurança dos ambientes do Museu Sacaca e, por um determinado período, a Exposição a Céu Aberto ficou fechada para a visitação. Assim, a primeira Casa Palikur foi interditada e seus acervos foram recolhidos ao setor de museologia.

Figura 46 - Casa Palikur deteriorada, antes da revitalização



Foto: Museu Sacaca/Núcleo de Museologia, 2010.

Para as atividades de atendimento não pararem, principalmente, com as escolas e os grupos comunitários, os técnicos do Museu Sacaca intensificaram as ações fora da instituição, levando o museu para as escolas, por meio de projetos educativos e exposições itinerantes.

Em 2011, alguns ambientes do museu e da Exposição a Céu Aberto foram totalmente, revitalizados. Dentre essas construções, temos a segunda Casa Palikur, que seguiu o mesmo princípio de trazer as matérias-primas das aldeias do município de Oiapoque e de ser construída pelos próprios indígenas Palikur.

Casa Palikur

um retorno às memórias

Foi edificada com estrutura de madeira, nas dimensões de 4m x 5m, com cumeeira de 4 metros de altura. Neste modelo, o telhado e as paredes foram revestidas com o mesmo tipo de palha, amarradas com cipó. O piso foi montado elevado do chão.

Figura 47 - Detalhe da armação da estrutura da segunda Casa Palikur no Museu Sacaca



Foto: Museu Sacaca/Núcleo de Museologia, 2011.

Observa-se algumas modificações ocorridas nesta construção, sendo retirada a escada, elemento característico deste tipo de moradia. Em vez de utilizarem a paxiúba, as paredes foram vedadas com palha e inserida uma parede mais baixa na parte da frente, que iria proteger os acervos que estavam dispostos no interior da casa, evitando a entrada e circulação de visitantes dentro da ambientação.

Figura 48 - Detalhe da amarração das palhas para vedação das paredes da segunda Casa Palikur no Museu Sacaca



Foto: Museu Sacaca/Núcleo de Museologia, 2011.

Figura 49 - Segunda construção da Casa Palikur no Museu Sacaca



Foto: Museu Sacaca/Núcleo de Museologia, 2012.

Casa Palikur

um retorno às memórias

Terceira construção da Casa Palikur, em 2019

No início de 2017, observou-se a necessidade de interditar a ambientação da Casa Palikur, pois estava bastante deteriorada, deixando-a fechada por quase dois anos (figuras 50 e 51). O fechamento desta casa fez com que elementos importantes da cultura dos povos do Oiapoque (Galibi Marworno, Palikur, Karipuna, Galibi do Oiapoque) deixassem de ser mencionadas em visitas mediadas ou espontâneas. Enquanto isso, outras etnias também vinham manifestando o interesse em serem representados no museu.

Então, aconteceu em maio de 2019 uma reunião com representantes indígenas e autoridades governamentais. Nesse encontro foi oficializado a construção das três casas indígenas (Palikur, Wajãpi, Wayana e Apalai) no Museu Sacaca (figura 52), por meio de um termo aditivo de apostilamento ao contrato de Patrocínio e Condução de Pesquisa nº 003/2017, firmado entre o IEPA e a empresa ECE Participações S/A. Assim, a Exposição a Céu Aberto foi contemplada com uma nova ambientação, a casa Wayana e Aparai.

Figuras 50 e 51 - Evolução da deterioração da segunda Casa Palikur no Museu Sacaca



Fotos: Museu Sacaca/Núcleo de Museologia, 2017.

Figura 52 - Reunião que oficializou a construção das três casas indígenas no Museu Sacaca



Foto: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

O processo de construção da terceira Casa Palikur, em 2019, foi realizada pelos indígenas das famílias do rio Urukawa, moradores da Aldeia Kwahi e da Aldeia Kumenê.

Assim, foi possível observar e registrar os saberes e experiências dos indígenas nas etapas de edificação da casa, desde a coleta, transporte dos materiais, definição do local, armação da estrutura da casa, preparação das palhas para a cobertura, paredes e estrutura do piso, que serão abordados no decorrer desta seção.

Procuramos apresentar, sempre que possível, o nome das plantas e dos objetos na língua dos povos Palikur, que foram pesquisadas nos livros do IEPÉ.

1 - Coleta, transporte dos materiais e definição do local

A seleção e coleta da matéria-prima foi feita pelos próprios Palikur e ocorreu em território indígena. Os troncos, as palhas e os cipós vieram do município de Oiapoque, localizado a 550 quilômetros da capital Macapá.

As paxiúbas foram retiradas da aldeia do Kumenê, a quatro horas de viagem do Oiapoque. Os materiais percorreram rios e estradas até chegarem ao seu destino, o Museu Sacaca. Os materiais foram recebidos pelos técnicos do museu.

Depois, com a chegada dos indígenas, foi verificado o melhor local para edificar a Casa Palikur na área da Exposição a Céu Aberto, onde não sofresse muito com a ação do tempo, podendo assim resistir por um longo período.

Casa Palikur

um retorno às memórias

Figuras 53 a 55 - Mostra a escolha da localização da construção e a chegada no Museu da matéria-prima vinda do Oiapoque-AP



Fotos: Acervo do Núcleo de Museologia, 2019.

2 - Armação da estrutura da casa

Esta casa foi construída em formato retangular, com 6 metros de comprimento por 4 metros de largura, um pouco maior que as casas anteriores. Sua estrutura é feita de esteios de acapu, que é o nome popular de uma árvore que pertence à família *Fabaceae Lindl.*, espécie *Vouacapoua americana Aubl.*, que ocorre no Brasil, Guiana, Peru e Suriname. Na língua Palikur, chama-se *Wakap*. É uma madeira de lei, de cor escura, muito boa para a construção civil e naval. “Geralmente, são os homens que procuram esse tipo de madeira” (IEPÉ, 2013, p.17).

Figura 56 - Demarcação do espaço da construção



Foto: Acervo do Núcleo de Museologia, 2019.

Figuras 57 a 59 - Preparação dos esteios de madeira e sua fixação no solo



Fotos: Acervo do Núcleo de Museologia, 2019.

Figura 60 - Armação da estrutura da Casa Palikur



Foto: Acervo do Núcleo de Museologia, 2019.

3 - Preparação das palhas para a cobertura e paredes

Para facilitar o escoamento da água da chuva, foi construído telhado de quatro águas. A montagem da cobertura foi feita em etapas, sendo primeiramente preparada a palha. Foram utilizadas cerca de 400 palhas de inajá para revestir a casa.

A técnica de amarração dispensa a utilização dos pregos: somente o cipó-titica e o conhecimento tradicional deste povo são suficientes para dar sustentabilidade e firmeza à ambientação.

Figura 61 - Etapa de preparação da palha



Foto: Acervo do Núcleo de Museologia, 2019.

Casa Palikur

um retorno às memórias

Figuras 62 a 66 - Etapas de montagem do telhado



Fotos: Acervo do Museu Sacaca, 2019.

Figura 67 - Detalhe do telhado, Casa Palikur



Foto: Dandra Duarte, 2019.

Figura 68 - Detalhes da construção do telhado e das paredes da Casa Palikur

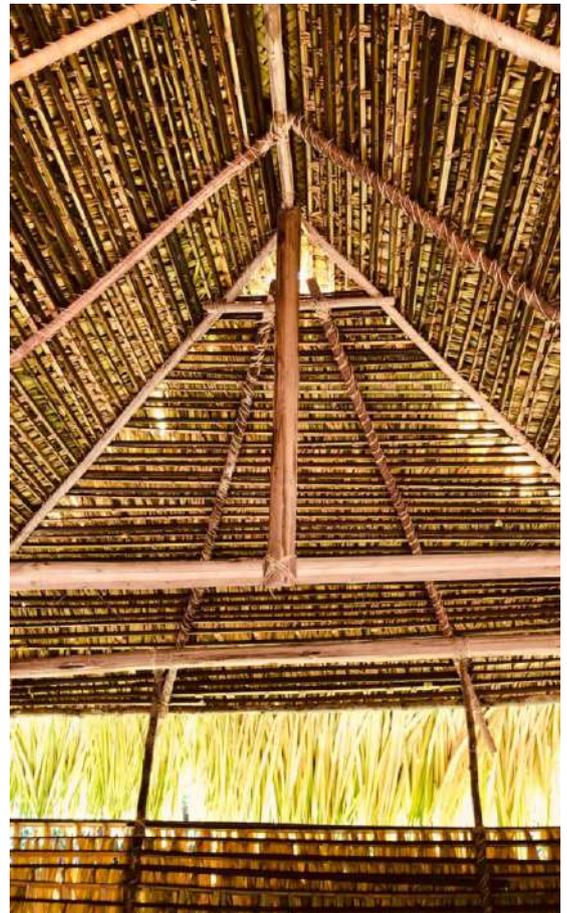


Foto: Iana Duarte, 2019.

Casa Palikur

um retorno às memórias

A árvore de inajá é uma palmeira nativa da região norte do Brasil, pertencente à família *Arecaceae* Bercht. & J. Presl, espécie *Attalea maripa* (Aubl.) Mart. Na língua Palikur, chama-se *Kayti*. Pode alcançar até 20 metros de altura. As folhas mais novas são utilizadas para cobrir as casas. “O fruto desta palmeira é comestível e seus caroços podem ser utilizados para fazer anéis, colares, pulseiras e brincos” (IEPÉ, 2013, p. 72).

Já o cipó-titica, é uma hemiepipífita endêmica da Amazônia, pertence à família *Araceae* Juss, espécie *Heteropsis flexuosa* (Kunth) G. S. Buntingana. Suas fibras naturais são bastante resistentes, utilizadas para tecer cestarias, objetos decorativos e móveis artesanais.

Figura 69 - Cipó-titica utilizado para amarração



Foto: Iana Duarte, 2019.

Figuras 70 e 71 - Detalhes da amarração do telhado e do encaixe das madeiras



Fotos: Iana Duarte, 2019.

Figuras 72 e 73 - Detalhes da amarração com cipó das palhas nas paredes



Fotos: Iana Duarte, 2019.

5- Estrutura do piso

Foi feito travejamento do piso de aquariquara, revestindo o assoalho com as cascas de açazeiro ou paxiúba, um pouco acima do solo, geralmente usado em regiões alagadiças.

Aquaricara - pertence a família *Coulaceae* Tiegh, da espécie *Minquartia guianensis* Aubl., procedente do Amazonas, Pará e Amapá - é uma árvore de porte grande, sendo seu tronco irregularmente cavado; suas folhas contêm látex.

Já a paxiúba, pertence a família *Arecaceae* Bercht. & J.Presl, da espécie *Socratea exorrhiza* (Mart.) H.Wendl. ocorre na América Central até a Bacia do Amazonas. Em Palikur, chama-se *Pup*. Natural de locais alagadiços, suas raízes podem atingir dois metros e a palmeira uma altura de 20 metros. Suas folhas podem atingir dois metros de comprimento. É utilizada como ripa em construções rústicas por conta da resistência de sua madeira. “O tronco pode ser utilizado para fazer arco, ponta de flecha e outros artesanatos” (IEPÉ, 2013, p.113).

Figuras 74 a 76 - Detalhe da construção do assoalho de paxiúba, amarrado com cipó-titica



Fotos: Acervo do Museu Sacaca, 2019.

Casa Palikur

um retorno às memórias

Participaram da construção da terceira Casa Palikur, em 2019, o cacique do Conselho dos Caciques Gilberto Iaparrá, Ataídes Narciso, Eldely Narciso Iaparrá, Joel Narciso Iaparrá, Jeferson Narciso Ioiô e Genivaldo Ioiô (figura 77).

De forma geral, ela foi edificada semelhante as casas anteriores, com estrutura de troncos de madeiras, a cobertura e paredes de palhas de injá, o assoalho revestido com as cascas de açazeiro ou paxiúba. Mas, podemos observar algumas modificações ocorridas

nesta construção: possui tamanho maior que as casas anteriores (6 metros de comprimento por 4 metros de largura) e foi retirada uma pequena parede de palha na parte da frente, para dar mais visibilidade ao acervo dispostos no interior da casa.

Esta casa tem a duração, em média, de cinco anos, dependendo da manutenção periódica realizada na casa indígena, uma vez que está sujeita às intempéries da natureza e à ação dos insetos.

Figura 77 - Indígenas que construíram a terceira Casa Palikur no Museu Sacaca



Foto: Iana Duarte, em 2019.

Figura 78 - Terceira construção da Casa Palikur



Foto: José Baia, SECOM/GEA, 2019.

Casa Palikur

um retorno às memórias

OBJETOS QUE COMPÕEM O ACERVO DA CASA PALIKUR

Esculturas e bancos em madeira

As esculturas expostas na Casa Palikur são bancos em miniatura feitos em madeira, representando aves, jacaré, tatu e onça.

Os bancos indígenas são chamados, em patoá, de *Bã* e, em Palikur, de *Epti*. Geralmente, “as madeiras utilizadas na construção são de cajú, de cedro, de marupá e são esculpidos nas formas de aves, jacaré, cobra grande e espartate”. Nesses bancos são “desenhados as artes gráficas *kuabí*, *dãdelo*, *macocó*, estrela d'alva ou com marcas indicadas pelo pajé”. Os bancos maiores são cobra

Figuras 79 a 84 - Bancos em miniatura feitos em madeira



Fotos: Acervo do Museu Sacaca, 2002.

grande (designado para os homens sentarem para tomar o caxixi), jacaré (designado para as mulheres) e espadarte e kadaikuru (os palikás ou os convidados do pajé). “Os bancos menores são específicos do pajé, e são geralmente as de escultura de aves - arara, beija-flor, pomba galega, gaivota, tucano ou urubu”. “Quem não respeita as regras do Turé recebem o castigo (lamã)”. A pessoa irá sentar no “banco do urubu (Galibi Marworno), espadarte (karipuna) ou gaivota (Palikur) e tomar duas grandes cuias de caxixi” (IEPÉ, 2009, p. 51).

Banco Espadarte

[em Patoá: ahetxi, espadhõ / em Palikur: kaah]

“Os bancos indígenas denominados espadarte são utilizados na Festa do Turé dos Povos do Oiapoque”. É um banco com aproximadamente dois metros de comprimento, utilizado mais pelos Karipuna. Tem o formato de “peixe-espada, bico de serra, marca *dãdelo* (significa os dentes d'agua ou a maresia)”. Utilizado pelos palikás do pajé. “Os palikás são os ajudantes do pajé, os ajudam com os cantos ou conduzindo o Turé” (IEPÉ, 2009, p. 54).

Figura 85 - Banco Espadarte



Desenho: Tomás Carlos Aniká Forte, 2009.

Banco do Jacaré

[em Patoá: kaimã / em Palikur: paine]

Tem formato de jacaré, com 3 metros de comprimento. “Os do Karipuna tem a cabeça igual a do jacaré verdadeiro e marca do jacaré”. Esse banco é utilizado pelas mulheres para assistirem ao Turé e beberem o caxixi (IEPÉ, 2009, p. 55).

Figura 86 - Banco Jacaré



Foto: Sérgio Zacchi, 2009.

Banco Cobra Grande

[em Patoá: ghã kulev / em Palikur: wamui]

No formato de cobra grande, é marcado com o *kuabí*, pintado de preto e vermelho, tendo cerca de 4 metros de comprimento.

Casa Palikur

um retorno às memórias

Utilizados pelos homens na Festa do Turé (IEPÉ, 2009, p. 57).

Figura 87 - Banco Cobra Grande



Desenho: Macinaldo Forte Filho, 2009.

Figura 88 - Banco Cobra Grande



Desenho: Daniel Iaparrá Ioiô, 2009.

Marcas ou grafismos

Os povos indígenas têm várias maneiras de expressar a sua cultura e uma dessas formas são as marcas ou grafismo. “Na língua Patoá, a palavra marca é *mac*; em Palikur *gatamoua*.

Elas variam, podendo ser pintadas, gravadas, trançadas, recortadas, entre outras formas” (VIDAL, 2009, p.56). Existem marcas que se tornam padrão na comunidade, outras podem ser criadas, dependendo de cada artesão. “A marca mais comum entre os índios do Oiapoque é o *Kuabí*, um peixinho com forma de losango” (IEPÉ, 2009, p. 75).

Os homens sonham as marcas ensinadas pelas entidades (karuanã, espíritos, encantados), geralmente pela mediação do pajé, que as repassa para os artesãos responsáveis pela manufatura de mastros e bancos cerimoniais. As mulheres dizem seguir a tradição ou fazer algo orientado pelo seu próprio espírito (VIDAL, 2009, p.59).

Os indígenas fabricam as suas próprias tintas, que podem ser de origem vegetal ou mineral, que serão utilizadas em seus corpos ou em objetos. Em cerimônias ou festas, como a do Turé, “os índios do Uaçá usam pinturas de urucum, de cor vermelha, especialmente na face e nos braços, que aplicam com um pincel de bambu e chumaço de algodão” (VIDAL, 2009, p. 61).

Casa Palikur

um retorno às memórias

Bancos indígenas representados na Exposição a Céu Aberto

Figuras 89 a 94 - Réplicas de bancos indígenas na Exposição a Céu Aberto



Fotos: Dandra Duarte, 2020.

Cerâmica

O manuseio do barro e a fabricação dos objetos em cerâmica pelos Palikur é um conhecimento antigo. Eles são reconhecidos por serem os únicos a fabricar o pote que armazena a bebida do Turé, o caxixi. A fabricação das cerâmicas envolve toda a família. Os homens são responsáveis por mergulhar e buscar o barro no fundo das águas. Eles devem, ainda, providenciar as cascas das árvores que serão queimadas. As cinzas destas cascas serão piladas e, em seguida, misturada à argila para a fabricação da cerâmica, em uma proporção que somente a esposa conhece. É ela que molda e dá forma ao objeto. A fogueira é feita pelo homem e pela mulher. Espera-se o objeto secar e, em seguida, ele vai ao fogo (VIDAL, 2016, p.155-157). Quando prontas, as cerâmicas podem ser pintadas com:

pigmentos naturais, o cumatê, tirado de uma casca de árvore de mesmo nome, além dos pigmentos minerais, um de cor marrom-cobre (tipduã) e outro branco (tipseino), ambos retirados de pedras moles.” As ceramistas repassam esse conhecimento às jovens indígenas, que colocam em prática, criando os seus próprios objetos (VIDAL, 2009, p. 51).

Figuras 95 e 96 - Cerâmicas indígenas



Fotos: Acervo do Museu Sacaca, 2002.

Casa Palikur

um retorno às memórias

Pote duplo tukutuku

Este tipo de pote cerâmico, confeccionado pelos Palikur na região, é utilizado para servir o caxixi. Entretanto, atualmente, “o preparo dessa bebida não é mais realizado pelos Palikur, pois eles aderiram à religião pentecostal” (VIDAL, 2016, p. 155-157).

A produção dos potes envolve toda a família. São feitos de barro assado, e são as mãos das mulheres que dão forma à cerâmica em vários formatos.

A tradição das artesãs consiste na fabricação de grandes potes, os dariwit nobsesa, de diversos tamanhos, para o preparo e armazenagem do caxiri-woska; potes menores, que são duplos e comunicantes, os tukutuku, para o consumo da mesma bebida e vasos mais simples, chamados de wanamiú (VIDAL, 2016, p.155).

O caxixi é uma bebida preparada exclusivamente pelas mulheres, os homens não participam. As mulheres das outras etnias do Oiapoque ainda fazem essa bebida. “Preparam no forno um grande beiju de mandioca, que é fatiado e, em seguida, colocado em um

pote com água, onde adicionam açúcar ou mel, ou ainda xarope de abacaxi, para o preparo desta bebida”. As indígenas “cantam ao redor do pote e inserem uma cuia emborcada no fundo deste pote, e ficam aguardando até o ponto em que a cuia suba”. “Quando isso acontece, a bebida está pronta. Caso ocorra da cuia não subir, isto significa que a bebida não está boa para ser ingerida” (VIDAL, 2016, p. 217).

Figura 97 - Pote duplo em cerâmica



Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2002.

Cuia

[em Patoá: kui/ em Palikur: tumawri]

As cuias são “objetos de tamanhos variados, pequenas, médias e grandes”. São fabricadas “com o fruto da cuieira, da família das bignoniáceas”. Utilizadas “em rituais ou para vender e nas atividades da casa como pegar água, guardar miudezas, sementes ou miçangas”. “Podem ser desenhadas ou pintadas expressando temas diversos da natureza deste mundo e do mundo dos invisíveis”. As cuias “são usadas para comer ou para servir farinha, tapioca, tucupi, açai, bacaba ou tacacá”. Ainda que “estejam quebradas, são utilizadas como colher ou raspador de mandioca” (IEPÉ, 2011, p. 56-57).

As cuias são confeccionadas da seguinte maneira:

A polpa da cuieira é umedecida e, a seguir, retirada. A casca é cortada ao meio, em duas partes, formando os recipientes. Em seguida, as cuias são secas, polidas, gravadas com ponta de faca e finalmente tingidas com tintas vegetais, como o cumatê ou o macocó, entre muitas outras. Depois de pintadas, as cuias são deixadas para secar

novamente, às vezes em cima de folhas secas de mandioca para fixar a tinta preta passada na parte interna (IEPÉ, 2011, p. 56).

Figura 98 - Cuias indígenas



Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2002.

Maracá

[em Patoá: mahaka / em Palikur: waw]

Os maracás são “instrumentos de percussão”, utilizados em rituais. São construídos a partir de frutos ainda pequenos da cuieira ou cabaça. Dentro deste instrumento é inserido sementes para produzir o som. Para o maracá

Casa Palikur

um retorno às memórias

ficar mais bonito são colocadas “penas de aves como a arara, a garça ou o papagaio”. Os maracás são diferenciados: “os maracás dos pajés são especiais e ficam guardados em um cesto chamado de *paghá* ou *pakará*” (VIDAL, 2009, p. 64). Os das mulheres são de cabo longo, e os “utilizam batendo com força no chão, para marcar o ritmo da dança” (IEPÉ, 2009, 2013).

Os rituais dos Palikur envolvem a participação conjunta de homens e mulheres. A condução da festa é determinada pelo maracá, instrumento que é predominante no evento. Ritual *kayka arantemam*, dança de clarinetes ou *turés* como são regionalmente conhecidos estes instrumento e o ritual *kayka sabbugman*, dança do tambor, são ambos conduzidos por homens; se o som for feito pelos maracás de cabo comprido (*kayká wawahmna*) são as mulheres que determinam o compasso da festa (CAPIBERIBE, 2016, p. 102).

Figura 99 - Maracá Palikur



Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2011.

Trançado com fibras

Os povos indígenas do Oiapoque são importantes conhecedores da arte de trançar (*naté*, em Patoá; *bumka*, em Palikur). Os cesteiros, como são chamados, utilizam seus conhecimentos e suas técnicas com as fibras vegetais para produzir diversos objetos como “peneiras, tipitis, esteiras, abanos, cestos, jamaxins e suportes para ornamentos plumários” (VIDAL, 2009, p. 38).

São as técnicas com as fibras que farão com

que os trançados das peneiras sejam mais abertos ou fechados.

Para as peneiras, por exemplo, o acitá é a fibra ideal por ser resistente à umidade e à força empregada para se “peneirar” a massa de mandioca. As fibras podem ser naturais, ou pintadas nas cores preta e vermelha para que a cestaria ganhe mais detalhes com “marcas e desenhos marchetados” (VIDAL, 2007, p. 38).

Figura 100 - Peneira feita de fibra natural



Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2002.

Figuras 101 a 102 - Demonstração da técnica de trançado das palhas



Fotos: Iana Keila Duarte, 2019.

Casa Palikur

um retorno às memórias

Figura 103 - Demonstração da técnica de trançado das palhas



Foto: Iana Keila Duarte, 2019.

Tipiti [em Patoá: Kulev / em Palikur: matap]

A matéria-prima utilizada na fabricação do tipiti é “da tala da folha do buriti ou do caule do arumã”. O “arumã é encontrado nas áreas alagadas, próximas aos rios, tem hastes fortes e, quando, madura fica na cor verde-escuro”. A “arte do tipiti revela a habilidade trabalhada com a fibra vegetal, ela é entrecruzada, podendo haver vários padrões de trançados, tem o formato cilíndrico e flexível”. Possui duas alças uma superior e outra inferior, sendo que a abertura fica na parte superior. Esse “objeto é utilizado para espremer a massa de mandioca” (CASTRO, 2016, p. 165-172).

Figura 104 - Tipiti feito de fibra natural



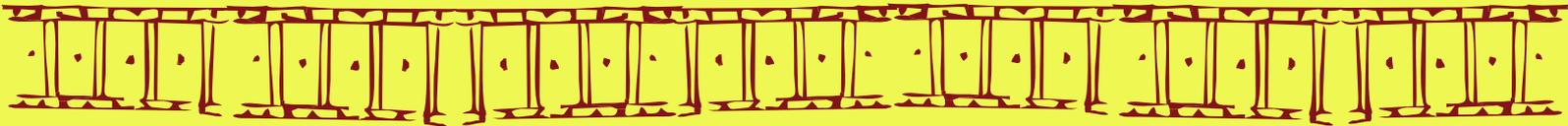
Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2002.

Esta seção apresentou características importantes sobre a diversidade cultural dos povos Palikur. Foram destacados vários elementos relacionados às suas memórias, como a construção de suas casas antigas, utilizando cipós, madeiras e palhas retirados de suas aldeias; e outros objetos criados por eles, como os bancos, as cestarias e os potes de cerâmicas.

Vamos respeitar a diversidade cultural dos povos indígenas!

Festa dos Povos

um diálogo intercultural



👉👉 O museu é muito importante para o povo. É o armazenamento de guardar o histórico profundo do povo indígena pra mim, assim como para o povo Palikur. É uma casa de guardar memória. É uma casa que tem essa leitura do passado, dos nossos antepassados do povo Palikur. É um lugar de armazenamento, sempre guarda. 🗣️🗣️

(CACIQUE GILBERTO IAPARRÁ, OIAPOQUE, 2020)

Figura 105 - Ambientação da Casa Palikur, Exposição a Céu Aberto no Museu Sacaca, Macapá/AP

O museu é um lugar que se pode guardar os nossos costumes, através de um pequeno pote, um pequeno objeto, nós podemos saber a história dos nossos ancestrais. Esse evento, a Festa dos Povos, é muito gratificante. Estar junto com os Wajãpi, nós estamos aprendendo com eles e eles com a gente (DILZIANE, 23 anos, pertencente a etnia Palikur, do rio Uaçá, Aldeia Kumenê).



Foto: Maksud Martins, SECOM/GEA, 2019.

Festa dos Povos

um diálogo intercultural

Praça das Etnias

Este espaço, localizado dentro da Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca, denominado Praça das Etnias, lugar em que os povos se encontram para dialogar e apresentar as suas manifestações e ritos sobre a diversidade cultural do povo amazônico. Em 2019, na programação cultural Festa dos Povos, esse foi o local utilizado para os cantos, as bebidas, as danças, do encontro dos povos indígenas e não indígenas (figuras 106 a 108).

A riqueza dos objetos, dos símbolos e seus significados inseridos pelas comunidades tradicionais ou por artistas locais na Exposição a Céu Aberto representam a diversidade cultural amapaense. Como exemplo, temos o Totem da Praça das Etnias (figura 109), um monumento concebido por artistas locais, que possui vários elementos simbólicos, destacando-se: as mãos entrelaçadas na base do totem, representando a harmonia e integração entre esses povos; no centro, estão diferentes personagens que representam as interações culturais dos saberes tradicionais; e no topo, foram inseri-

Figuras 106 a 108 - Representações da diversidade cultural amapaense na Festa dos Povos no Museu Sacaca



Fotos: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Figura 109 - Totem da Praça das Etnias



Foto: Acervo do Museu Sacaca, 2012.

das algumas representações da fauna e a flora amazônica. No centro da praça existem os mastros, troncos em madeira, que representam “as manifestações religiosas do Turé (índigena), o Espírito Santo e Santíssima Trindade (Marabaixo) e as festas dos santos católicos”.

A concepção do formato e da decoração dessa praça foi inspirada em uma das armas de guerra do povo Palikur, chamado de escudo Awirú (figuras 110 e 111). Segundo os pesquisadores Vidal, Levinho e Grupioni (2016, p. 257), os indígenas utilizavam “o escudo *Awirú* para suas defesas, além de bordunas, flautas de osso, escudos de madeira, flechas, arcos e plantas que tinham venenos mortais”. O material utilizado para a “fabricação dos escudos era de entrecascas de árvores, de madeira esculpida e pintada”. Existiam dois tipos de escudos: “o escudo do peito, *umaduc*, e o segundo era o escudo o que protege o antebraço chamado de *emaducti unamiya*”.

Outro elemento usado pelos indígenas para sua defesa era a flauta de osso, um instrumento utilizado para “manifestar o início das

Festa dos Povos

um diálogo intercultural

Figuras 110 e 111 - Praça das Etnias no Museu Sacaca



Fotos: Acervo do Museu Sacaca, 2012.

guerras, ou ainda, em situações vivenciadas que fossem muito triste para os indígenas, como a morte de um guerreiro”. A pesquisadora Lux Vidal destaca:

A guerra era uma atividade constante na região que abrange, hoje, o norte do Amapá e parte da Guiana Francesa. Além dos conflitos entre grupos indígenas, havia os confrontos com os colonizadores franceses e portugueses, caçadores de escravo, piratas e empreendedores, ávidos das riquezas naturais da região (2009, p. 82).

Os relatos mencionados pelo indígena Manoel Labonte (IEPÉ, 2013, p. 185-186), descrevem a variedade de bordunas e suas funções (figura 112). “As bordunas maiores poderiam ser utilizadas para matar bicho e, antigamente, gente”. Ainda destaca que a terceira borduna (esquerda para a direita) era a “utilizada pelos jovens aprendizes e as duas últimas serviam para a pesca de pirarucu e de jacaré”. Existia uma que servia especificamente como presente “nos encontros que não eram de guerra, em respeito aos visitantes que iam na aldeia ou quando iam visitar outro povo”. As bordunas “eram conhecidas, também, como clavas, mencionadas nos

cantos, nas narrativas de guerras ou nos mitos”. As mulheres “poderiam utilizar as clavas para atrair a chuva” (VIDAL, 2009, p. 85).

Figura 112 - Variadas bordunas



Desenho: Manoel Labonté, 2013.

O Museu Sacaca como uma “zona de contato”

O Museu Sacaca recebeu de janeiro a dezembro 92.559 mil visitantes, incluindo as escolas e grupos comunitários, número que chamou atenção. Esse significativo aumento de visitantes e de visibilidade desta instituição são devido, entre outros fatores, à construção dos novos espaços na Exposição a Céu Aberto, como as casas indígenas dos Palikur, Wajãpi, Wayana e Aparai e às ações culturais, como o Projeto “Vem para o Museu”, que

incentiva a população a conhecer as atividades e os projetos oferecidos pelo museu, além das ações educativas que foram fomentadas, no ano em análise, junto às escolas (figuras 113 e 114).

Figuras 113 e 114 - Visitação de estudantes da rede de ensino no Museu Sacaca



Fotos: José Baia, SECOM/GEA, 2019.

Festa dos Povos

um diálogo intercultural

Percebemos que os territórios museais se tornam locais de fluxos de pessoas, de encontro, reencontro ou de confronto entre as diversas culturas e nacionalidades que se encontram nesses espaços. Torna-se um local de potencialidades para discursos políticos, sociais, culturais e educacionais, um laboratório que fomenta a pesquisa museológica, antropológica entre outras áreas de estudo. Por isso, analisaremos algumas informações sobre o perfil do público que frequentou o Museu Sacaca, por meio dos dados apresentados pelo Núcleo de Museologia, referente ao ano de 2019.

Destacamos a quantidade e o perfil dos públicos que frequentam o Museu Sacaca para refletirmos a potencialidade e os discursos políticos, culturais e educacionais que esse lugar pode oferecer à sociedade amapaense, nacional e internacional.

A Figura 115 mostra os estados brasileiros que mais visitaram o Museu Sacaca, organizados por regiões, e também os países que mais se destacaram em número de visitantes internacionais. Em uma participação menor, tivemos Grécia, Estados Unidos, Espanha,

Figura 115 - Quadro de visitas no Museu Sacaca, por estados brasileiros e por países

Ranking de visitas no Museu Sacaca em 2019

Regiões do Brasil

Região Norte

1º		Amapá
2º		Pará
3º		Amazonas

Região Nordeste

1º		Ceará
2º		Pernambuco
3º		Maranhão

Região Sudeste

1º		São Paulo
2º		Rio de Janeiro
3º		Minas Gerais

Região Sul

1º		Paraná
2º		Rio Grande do Sul
3º		Santa Catarina

Região Centro-Oeste

1º		Distrito Federal
2º		Goiás

Internacionais

1º		França
2º		Itália
3º		Alemanha
4º		China

Arte: Ana Kelen Souza, 2020.

Haiti, México, Honduras, Coréia, México, Filipinas, Argentina, Chile, Paraguai, Colômbia, Israel, Bolívia, entre outros. Essas visitas foram realizadas de forma mediada ou espontânea (sem agendamento prévio) dentro do museu.

As exposições nos museus podem ser analisadas pelos visitantes com os seguintes olhares, de uma comunidade que expõe a si mesma através de coleções e cerimônias espetaculares, constituindo-se um lado de “dentro” e um lado de “fora”. Ou ainda, pode ser direcionada de maneiras diferentes para membros e forasteiros – os membros são convidados a compartilhar da riqueza simbólica, os forasteiros são mantidos como observadores ou parcialmente integrados, sejam eles especialistas ou turistas. Esses territórios denominados de “zonas de contato locais/globais, lugares de criação de identidade e de transculturação, de contenção ou excesso; essas instituições são exemplos do futuro ambíguo da diferença “cultural”, o “mundo dos museus” é diversificado e dinâmico”. Os espaços de coleção, realocação e exibição marcados pelo termo “museu” são transculturais (CLIFFORD, 2016, p.27-29).

Clifford destaca que os museus são territórios “transculturais” e tornam-se uma “zona de contato” na medida que proporcionam “o contato entre os povos que geográfica e historicamente” foram separados por conflitos e “entram em contato uns com os outros” estabelecendo “relações concretas”. Os objetos em exposição nos museus podem se tornar “os objetos [que] provocaram (propiciaram, deram voz a) histórias concretas e lutas sociais” (2016, p. 5-6). Desta forma, os museus, por meio de suas ações, de suas coleções e objetos em exposição podem incentivar mudanças e pensamentos críticos em relação aos povos e às culturas apresentadas nos circuitos expográficos. “Os ‘museus’ trabalham cada vez mais com as fronteiras entre mundos diferentes, histórias e cosmologias” (CLIFFORD, 2016, p. 24).

Entrega das casas na Festa dos Povos

No dia 30 de agosto de 2019, em meio a uma programação cultural, os povos indígenas entregaram as suas casas para as visitas (figura 116 a 118). Era dia de festa para os guardiões da floresta. O museu recebeu, neste dia, 2.100

Festa dos Povos

um diálogo intercultural

Figuras 116 a 118 - Casa Palikur, Casa Wayana e Aparai, e Casa Wajãpi abertas para visitação



Fotos: José Baia, SECOM/GEA, 2019.

visitantes, que puderam conhecer, dialogar e interagir com os representantes das etnias que vivem no Amapá (figuras 119 a 126). Esta programação proporcionou o contato entre os povos e o diálogo intercultural.

A ação cultural reuniu várias etnias, dentre elas: os Galibi Marworno, os Wajãpi, os Palikur, os Wayana e os Aparai, que vieram de seus territórios indígenas para compartilhar com os seus parentes e com os visitantes as suas memórias e seu patrimônio cultural.

Nesse dia, os indígenas atuaram como os mediadores no museu, podendo representar as suas etnias, vender seus artesanatos, realizar pinturas corporais e compartilhar conhecimentos sobre a sua cultura e a sua identidade. Esse ato foi uma forma de fortalecer a proposta deles ante a sociedade amapaense e as autoridades governamentais que estavam presentes nesta festa, ressaltando a importância de os indígenas atuarem como mediadores no Museu Sacaca, podendo dialogar com os visitantes que frequentavam este lugar.

Esta reivindicação por parte dos representan-

tes indígenas das etnias Palikur, Wajãpi, Aparai e Wayana ocorreu no dia 27 de maio de 2019, antes de eles iniciarem a construção das casas. Esses povos solicitaram ser os interlocutores ou os mediadores dentro do Museu Sacaca e não mais um não índio, pois quem melhor do que eles para falarem de sua cultura? Ainda deixaram registrado que as outras etnias que vivem no Amapá desejam ter as suas casas representadas na Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca.

Figuras 119 e 120 - Visitantes no Museu Sacaca durante a Festa dos Povos na Exposição a Céu Aberto



Fotos: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Festa dos Povos

um diálogo intercultural

Figuras 121 a 126 - Visitantes no Museu Sacaca durante a Festa dos Povos



Fotos: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Reivindicações dos Povos Indígenas no Amapá

Em se tratando de museus como um lugar diversificado, de exclusão ou de luta, mencionamos que os povos indígenas têm tomado consciência e se apropriado de determinados lugares, reconhecendo-os como espaços de luta por reconhecimento, no que se refere a direitos e garantias. Segundo análise dos teóricos Charles Taylor (1994) e Axel Honneth (2003), a política de reconhecimento parte do respeito à identidade, à cultura e à diferença, os sujeitos devem ser respeitados em suas diferenças.

Taylor (1994) ressalta que as pessoas são indivíduos únicos e portadores de cultura. Honneth (2003) destaca três estágios em sua teoria por reconhecimento: primeiro na dimensão privada - o amor - característica da intersubjetividade, está relacionada à troca de afetividades entre os indivíduos; o segundo estágio refere-se ao direito, ao campo jurídico, às leis, às garantias. O indivíduo reconhecendo-se e as leis os reconhecendo. Neste estágio, o direito deve garantir o respeito

recíproco, o direito para todos, compreender que é necessário reconhecer no outro as suas diferenças; e o terceiro estágio, a solidariedade, que acaba ultrapassando as normas jurídicas, vem valorizar o diverso, o diferente (figura 127).

Figura 127 - Estágios da Teoria de Reconhecimento de Honeth (2003)



Arte: Ana Kelen Souza, 2020.

Esses pressupostos vêm fundamentar algo que foi possível observar na pesquisa de campo, em relação aos povos indígenas que vivem no Amapá, como uma das demandas por reconhecimento: o direito à transmissão de seus conhecimentos tradicionais e de sua cultura em ambientes museológicos, local em que os seus acervos estão expostos. Como isso se explica? Desde 2002, época em que as primeiras casas foram construídas no Museu Sacaca, o elemento principal na exposição era

Festa dos Povos

um diálogo intercultural

a casa e os objetos que faziam parte do circuito expográfico. É de prática, dentro do Sacaca, que os não índios sejam os mediadores responsáveis por receberem diariamente os turistas e os alunos das instituições escolares, e assim dialogarem sobre os conhecimentos da cultura indígena, da dos outros povos ou sobre as pesquisas do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas - IEPA.

Em 2019, em reunião com os representantes governamentais, secretários e caciques, foi suscitado pelos indígenas o anseio de serem os interlocutores dos seus conhecimentos, ou seja, eles atuariam como os mediadores no museu, podendo representar as suas etnias, vender seus artesanatos, realizar pinturas corporais e compartilhar os conhecimentos sobre a sua cultura e a sua identidade. Assim, além dos elementos expostos, eles poderiam ser os representantes de suas etnias, como afirma a secretária dos povos indígenas, pertencente a etnia Galibi Marworno:

Um pouco da experiência que nós conhecemos de outros museus, quando a gente chegava das viagens, a gente observava que tinha alguém recepcionando, assim como tem agora aqui, os mediadores, os monitores, eles contavam toda uma história, e eu falava, quem ia contar a história do povo Palikur? A história do povo wajãpi? Quem mais sabe dessa cultura, se não o próprio índio Palikur e o índio wajãpi? Pra falar do seu dia a dia, de seus anseios, dos artesanatos. [...] quando chegar um turista, eles dizerem: nós temos um indígena aqui, eles podem contar a sua história, do seu artesanato. Nessas casas vão poder vender os seus artesanatos e vender os seus produtos. A gente imagina, a gente viaja muito em nossos pensamentos, e essas casas vão ser assim, não que sejam as peças mais importantes, mas vão ser as mais visitadas, com certeza pelos visitantes, sejam amapaenses, brasileiros, pelos estrangeiros, pelos turistas, pelo Oiapoque (informação verbal).³

Essa reivindicação dos povos indígenas para o espaço do Museu Sacaca, demonstra um protagonismo deles para a atuação em um

³ Discurso da Secretária Extraordinária dos Povos Indígenas do Amapá, Eclêmilda Macial, em reunião que oficializou a construção das casas indígenas no Museu Sacaca, em 27 de maio de 2019.

museu na capital do estado. A participação diária no Sacaca traria um diferencial ao atendimento desta instituição, a valorização da cultura indígena e o respeito a essas etnias. Experiência como essa já é vivenciada no Museu Kuahí. Este é o único museu efetivamente indígena no estado do Amapá. Esse espaço foi criado para fortalecer a cultura indígena, desde a concepção, seleção dos objetos etnográficos, administração e o atendimento aos visitantes, todas essas etapas são realizadas por eles.

O Cacique dos povos indígenas do Oiapoque, Gilberto Iaparrá, ressalta a importância do Museu Kuahí:

Então, quero dizer à equipe do museu, dizer, também, à presidência, que no município do Oiapoque, nós temos um museu importante, nosso museu do Oiapoque, nós queremos, também, honrar. [...] nós temos o compromisso e queremos honrar as 53 aldeias do município do Oiapoque que as três terras indígenas Juminã, Uaçá e Galibi, nós temos o compromisso. [...] É um

museu onde faz fronteira com a Guiana Francesa. Quando o turista chega lá, nós precisamos expor nosso material, assim, como aqui no Museu Sacaca, com a construção dessas três casas, o turista vem aqui visitar o museu. (informação verbal).⁴

Festa dos Povos: vivências e significado de museu para os povos indígenas

Os relatos mencionados nesta seção foram observados e coletados na Festa dos Povos. As ações culturais e educativas aconteceram durante o dia todo. Neste dia, além dos turistas, houve a participação das instituições escolares, que tiveram a oportunidade de conhecer e interagir por meio das atividades propostas sobre a cultura e as vivências desses povos.

As etnias que entregaram as três casas foram os Palikur, os Wajãpi, os Aparai e os Wayana. Essa programação reuniu os povos do Oiapoque, da Pedra Branca do Amapari, do

⁴ Discurso do Cacique dos Povos Indígenas do Oiapoque, Gilberto Iaparrá, na reunião que oficializou a construção das casas indígenas no Museu Sacaca, em 27 de maio de 2019.

Festa dos Povos

um diálogo intercultural

Parque do Tumucumaque e os indígenas que vivem na capital do estado. Era dia de festa para os guardiões da floresta. Foi um momento de compartilhar com os outros povos e etnias as suas memórias e seu patrimônio cultural. Alguns indígenas estavam visitando pela primeira vez o espaço de um museu, e isso trouxe reflexões interessantes para eles sobre esse lugar.

Foi possível observar nas falas dos indígenas que estavam presentes na Festa dos Povos, que o território do museu era um lugar que apresentava relações com a natureza, com a identidade e o patrimônio cultural. Para Saquet, o território é entendido como:

Lugar de relações sociais; desconexões e redes; de vida, para além da produção econômica, como natureza, apropriação, mudanças, mobilidade, identidade e patrimônio cultural; como produto socioespacial e condição para o habitar, viver e produzir (2007, p. 118).

Ao relatar a construção das casas indígenas no Museu Sacaca, podemos observar muitos

fatores: “existe a possibilidade de se encontrar certos materiais, o nível técnico, o espaço, a visão de um povo, a estrutura da família, do clã e as relações sociais” (RAPOPORT, 1972, p.65 *apud* NOVAES, 1983, p.5). Para os indígenas, as casas construídas no Museu Sacaca eram semelhantes às casas de suas aldeias, nos seus territórios, pois podiam ver os animais que estavam soltos naquele lugar, as árvores frutíferas, realizar as suas danças, as pinturas, as bebidas e, ainda, estar nas casas que foram construídas por eles. O depoimento do representante dos Wajãpi demonstra a importância do espaço do museu e de sua casa, na Festa dos Povos.

Cada povo aqui fez a sua casa, Oiapoque, Tumucumaque e wajãpi, isso é para ficarmos lembrando. Nós moramos nesse tipo de casa, ela é tradicional, essa casa é o nosso documento. Tudo o que tem aqui é importante, a casa, a peneira, o abano, sem isso a gente não vive. Estamos felizes aqui no museu, lembramos da nossa aldeia, o peixe, que tem aqui no museu, bate vento e é bem frio.⁵

5 Depoimento do líder do Povo Wajãpi, Jamano Wajãpi, em entrevista realizada pela autora desta pesquisa no Museu Sacaca, em 2019, no dia da programação Festa dos Povos.

O Museu Sacaca tem sido um dos espaços em que os indígenas podem compartilhar e valorizar a sua cultura. Atualmente, buscam os seus espaços dentro dos museus como sujeitos e atores sociais, e, não mais, para somente observar ou expor sobre a importância dos objetos que compõem a exposição do museu: “E essa história deve ser contada por nós indígenas, nós somos protagonistas da nossa história”. “O Sacaca, com certeza, vai ser muito visitado e ser reconhecido por essa história”, afirma a Secretária dos Povos Indígenas do estado do Amapá, Eclêmilda Macial.

Que nós possamos ter muita história para contar para os nossos filhos, netos e bisnetos, e vão ser contados lá nas casas, não por esses monitores, mas pelos outros, que vão falar que iniciaram esse trabalho, no dia em 27 de maio, a partir dessas casas construídas no Museu Sacaca (informação verbal).⁶

A indígena Cecília Apalai, ainda comenta a importância e o seu entendimento sobre o

conceito de museu na programação da Festa dos Povos:

Eu não sei dizer direito, mas eu sinto que o museu é para valorizar as antiguidades, os conhecimentos dos ancestrais, ele precisa permanecer vivo e para mostrar para os nossos jovens que precisa conhecer o que foi construído há muitos anos atrás. E, hoje, é a nossa preocupação enquanto indígena, principalmente na nossa cultura, os conhecimentos tradicionais, principalmente com essa influência que chegou em nossas comunidades, vem prejudicando, como é que eu posso dizer, está acabando, porque as pessoas começam a apropriar o outro conhecimento, principalmente nas vestimentas, a própria comida tradicional, danças, contos, essas coisas já estão começando a sumir. Os jovens não estão preocupados, já tem música popular, tudo isso já vem afetando. Eu sempre falo para a minha comunidade: a nossa cultura tem muito valor, a casa tem muito valor é uma identidade dos povos Wayana e Aparai, a gente não pode perder, tem que permanecer.⁷

6 Discurso da Secretária da SEPI, Eclêmilda Macial, referente a importância da participação dos indígenas como mediadores no Museu Sacaca, em maio de 2019.

7 Depoimento da líder Cecília Apalai, em entrevista realizada pela autora desta pesquisa, no dia da Festa dos Povos, em 2019 no Museu Sacaca.

Festa dos Povos

um diálogo intercultural

Figuras 128 e 129 - Povos e etnias na programação
Festa dos Povos no Museu Sacaca



Fotos: Dandra Duarte, 2019.

Os sistemas simbólicos inseridos na Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca através dos objetos utilizados por esses povos e as três casas ou habitações indígenas trouxeram um sentimento de pertencimento a esses povos, pois esse elemento proposto no circuito museológico da Exposição a Céu Aberto foi construído por eles, representando o cotidiano de suas vidas. Além das casas, outros elementos, como as árvores, os peixes, os traca-jás e até mesmo o vento, trazia a eles a sensação de estarem em suas aldeias, ou seja, em seus espaços territoriais, como a citação da indígena Kyiwa Wajãpi, 39 anos, que mora na aldeia:

É a primeira vez que venho conhecer o museu, eu acho bonito, eu vi várias coisas: a tartaruga, o jabuti, eu vi tudo. Tá tudo protegido, o museu é bem organizado. É um lugar ventilado, parece como a gente mora na floresta. Eu senti parece como estivesse na aldeia, parece a aldeia do limite. A gente fica triste de deixar a nossa casa aqui, mas a gente vai voltar, enquanto a gente não morre, a gente pode voltar. Quando a gente morre não volta mais. Mas eu não vou pensar isso, não vou pensar negativo, vou pensar positivo. E acrescentou: “eu gostei da floresta, aqui tem tudo, tem

açazeiro, tem pupunheira, tem várias coisas. Eu adoro vir aqui, a gente mora dentro da floresta.⁸

Além dos sentimentos e significados sobre o conceito de museu no olhar dos indígenas, fomentados na Festa dos Povos, foi possível observar que cada casa construída no museu tem as suas técnicas, representando o conhecimento tradicional de cada etnia. Este conhecimento e os objetos são impregnados de simbologias e de uma linguagem própria para os povos indígenas. A indígena Aparai, durante a Festa dos Povos, menciona que estava à vontade no espaço do museu no dia da festa: “Eu me senti à vontade aqui. Quando eu vesti a minha roupa eu me senti como se estivesse na aldeia, tomando sacurá”. A sacurá é uma bebida típica a base de mandioca. Ela é utilizada em acontecimentos considerados positivos na vida, seja sucesso na caçada, na pescaria, e tantos outros motivos para se festejar, como no caso da Festa dos Povos. Havia motivo para eles festejarem.

Os museus fazem parte de um ato de comunicação e de construção social e cultural, cujo acervo é composto por bens materiais e imateriais que expressam e traduzem o modo de vida, socialmente apreendida por determinados grupos humanos, abarcando seus valores, suas motivações, seus pensamentos e seus comportamentos (ATHIAS, 2010, p. 310).

Ao dialogar com os representantes das etnias Palikur, Wajãpi, Wayana e Aparai, na Festa dos Povos, foi possível perceber, em alguns casos, a preocupação em não perder os costumes, os rituais, as comidas, o que eles queriam era proteger a sua cultura. Logo, a construção de suas casas no Museu Sacaca trouxe a esses povos lembranças, memórias, conhecimentos, cada casa tinha o seu estilo de construção, demonstrando o modo de vida e a cultura de cada povo. Quanto à relação do homem com a natureza, segundo retrata Cuche (1999, p. 9-10), “o homem essencialmente é um ser de cultura, a cultura permite ao homem não somente adaptar-se ao meio, mas transformar a natureza”.

8 Depoimento de uma representante do povo Wajãpi sobre o significado do espaço museal. A entrevista foi realizada pela autora desta pesquisa.

Festa dos Povos

um diálogo intercultural

Compartilhar o conhecimento e o anseio da cultura indígena é ressaltar que o olhar do indígena é diferenciado do olhar dos não índios, pois ele não vê a floresta, a vida e os territórios, da mesma maneira que os não índios. Para eles, a floresta não é habitada somente por árvores, plantas, animais, riquezas minerais e naturais, existem outros mundos e seres. Estes seres devem ser respeitados e os lugares que eles habitam são considerados sagrados. Assim, reconhecer e fortalecer as políticas públicas voltadas à diversidade cultural dos povos indígenas e propor diretrizes para nortear a política cultural de museus, são estratégias de que os povos da floresta podem se apropriar para se fortalecerem enquanto grupos que buscam o reconhecimento, o respeito às diferenças, o direito e a solidariedade.

Nesta seção conhecemos um pouco sobre a diversidade cultural dos povos indígenas: as danças, as bebidas, os instrumentos de guerra, entre outros elementos. Alguns representantes dos povos indígenas que vivem no Amapá puderam compartilhar os significados de museu e as suas perspectivas para os espaços museais.

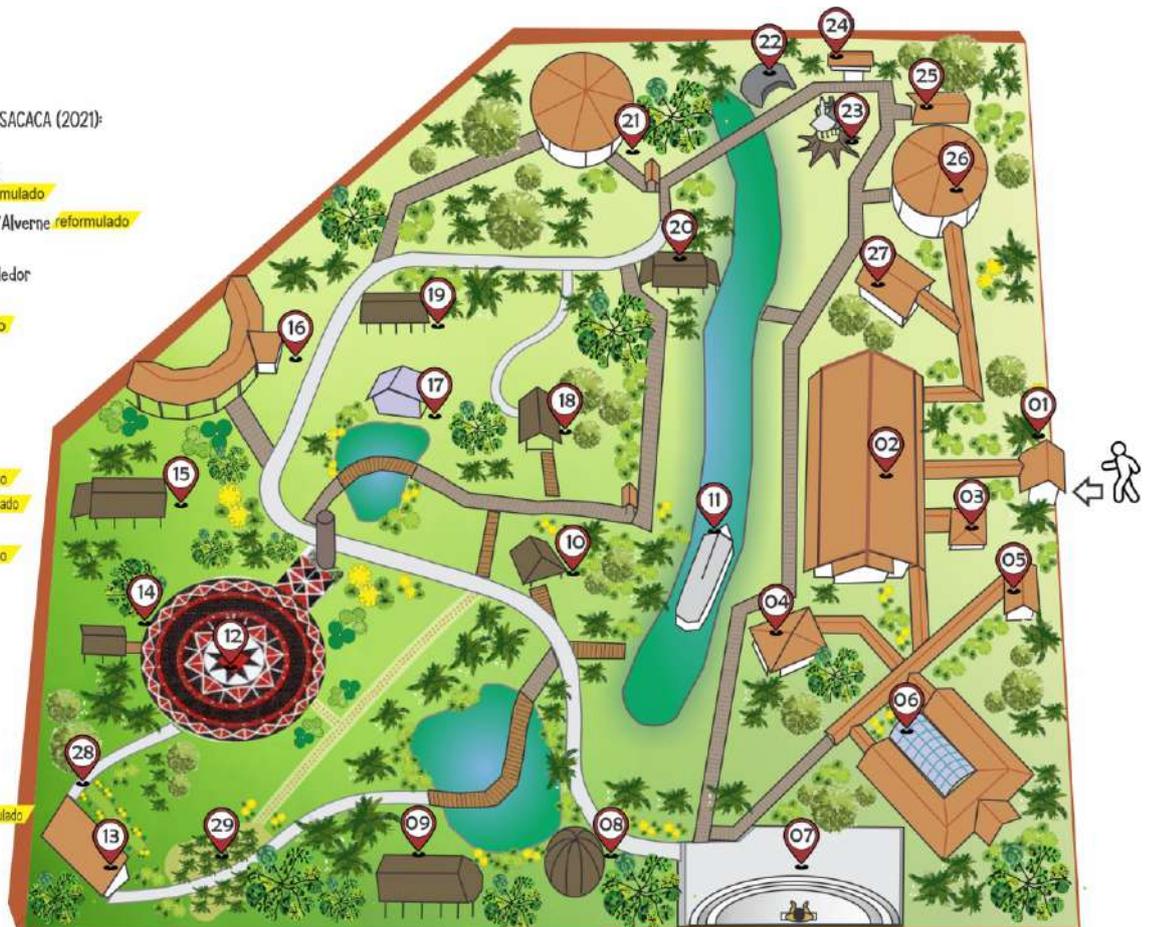
Portanto, os museus são espaços que potencializam o encontro dos “mundos diferentes” e seus territórios se tornam espaços “transculturais”.

Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos. No primeiro plano destes sistemas colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos estes sistemas buscam exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e mais ainda, as relações que estes dois tipos de realidade estabelecem entre si e que os próprios sistemas simbólicos estabelecem uns com os outros (STRAUSS, 1950, p. 19 apud CUCHE, 1999, p. 95).

Figura 130 - Mapa atual do Museu Sacaca

LEGENDA DO MAPA DO MUSEU SACACA (2021):

1. Entrada principal
2. Auditório Waldemiro Gomes
3. Memorial do Sacaca **reformulado**
4. Casa da Leitura Aracy Mont'Alverne **reformulado**
5. Instalações Sanitárias
6. Praça do Pequeno Empreendedor
7. Praça do Sacaca
8. Casa Wayana e Aparai **novo**
9. Casa Wajãpi
10. Casa Palikur
11. Regatão
12. Praça das Etnias e Sala da Criação **reformulado**
14. Samaçma das Palavras **ampliado**
15. Casa da Farinha
16. Espaço Multímídia **reformulado**
17. Casa das Exposições Temporárias
18. Casa das Parteiras
19. Casa do Castanheiro
20. Casa do Ribeirinho
21. Maloca Multi Uso
22. Sítio Arqueológico
23. Monumento ao Marabáixo
24. Instalações Sanitárias
25. Núcleo de Museologia **reformulado**
26. Casa da Exposição
27. Casa da Administração
28. Jardim Sensorial **novo**
29. Bosque do Açai **novo**



Arte: Ana Kelen Souza, 2021.

Considerações Finais



Figura 131 - Apresentação do povo Wajãpi na Festa dos Povos,
na Exposição a Céu Aberto no Museu Sacaca, Macapá/AP



Foto: Maksuel Martins, SECOM/GEA, 2019.

Considerações Finais

A trajetória histórica dos museus no Brasil remonta ao período imperial, quando D. João VI, por meio de decreto, cria o Museu Nacional, ou Museu Real do Rio de Janeiro, que “refletiu a política indigenista do recém-criado Estado-nação, cujo objetivo era invisibilizar as populações indígenas, seja pelo extermínio ou por sua assimilação à “civilização” e ao “branqueamento” das raças, de modo a eliminar as diferenças sob o manto de uma só nacionalidade” (KOK, 2018, p. 8). Essa política de invisibilidade perdurou por muitos anos dentro dos museus, onde os povos indígenas eram vistos como selvagens, exóticos, seus objetos e coleções eram apresentados, algumas vezes, sem o devido cuidado, denominação e classificação.

Nos anos 1990, motivados por antropólogos e por uma nova política dentro dos museus, chamada de “nova museologia” — “um modelo metodológico de interação entre o patrimônio cultural e a sociedade” (CURY, 2005, p. 63) — os povos indígenas começam a se posicionar e vão ganhando espaços de fala, tornando-se sujeitos sociais em um “processo de descolonização”, outrora vistos como objetos em um processo histórico de coloni-

zação, dominação e exploração que perdurou por séculos. Neste sentido, abrem-se novas perspectivas e surgem, no Brasil, museus com concepções e gestões diferenciadas, como o primeiro museu indígena, criado em 1991, chamado Magüta, dos Ticuna, em Benjamin Constant, no Alto Solimões, no Amazonas, próximo à fronteira do Brasil com o Peru e a Colômbia. No Oiapoque, no Amapá, temos o Museu Kuahí, que, entre seus objetivos, tem a finalidade de apresentar a diversidade sociocultural dos povos indígenas do Oiapoque — etnias Palikur, Galibi Kali'na, Galibi Marworno e Karipuna — promovendo, por meio de seu acervo, o diálogo entre a sociedade nacional e internacional. No Kuahí, os representantes das comunidades indígenas assumem “o papel de curadores, antropólogos, pesquisadores”, sendo os responsáveis pela administração deste museu.

Menciono esses dois museus por se tratar de exemplos de conquistas e de lutas dos povos indígenas nestes espaços, com participação efetiva em todos os processos museológicos. Kok relata que “os museus indígenas se configuraram como espaço de lutas, interlocução cultural, afirmação de identidade,

combate aos preconceitos e preservação do patrimônio material e imaterial” (2018, p.19). Esses espaços museais, vistos como lugares de interlocução cultural têm proporcionado o diálogo sobre a diversidade cultural dos povos indígenas. Portanto, devemos conhecer a história de luta desses povos, respeitá-los e saber que eles têm seus direitos, suas memórias, o seu modo de ser e de viver, e suas concepções de mundo. Isso foi determinante para a organização deste material, pela visibilidade que o Museu Sacaca pode alcançar, principalmente com o público escolar, sendo um lugar de difusão e de comunicação.

Nos últimos anos, têm surgido muitos museus; já são mais de 3 mil distribuídos em território brasileiro, com características, práticas e ações diferenciadas. Abreu destaca que “museus sociais”, são aqueles em que os movimentos sociais assumem o protagonismo e trazem outros elementos que desafiam e incitam os museus etnográficos. Estes “museus” consistem em dispositivos integrados a um contexto mais amplo de participação social, construção ativa da cidadania e de protagonismo (2019, p.193). Para grupos minoritários, que têm ganhado espaços nos

territórios museais, os objetos e as coleções apresentadas nos museus podem se tornar elementos de lutas pelo reconhecimento de seus direitos e das suas memórias.

Nesta perspectiva, foi possível identificar, por meio de dados levantados no projeto museológico e pedagógico, e em relatórios que o Museu Sacaca tem buscado estratégias de valorização desses povos promovendo ações culturais e educativas. Entretanto, não basta apenas chamá-los para serem inseridos em uma parte da história, uma parte da memória dentro desse espaço museal, é necessário ampliar as relações sociais e culturais com eles, ouvir sua história, ver como é feita sua pintura corporal, observar a produção de um objeto ou um artesanato construído por eles. Sem dúvida, existe uma grande diferença entre ouvir falar da cultura indígena e presenciar a fala, o ensinamento de um indígena.

Bolaños ratifica que “é somente com a participação da comunidade na qual o museu está inserido que ele pode ser descolonizado culturalmente” (2002, p. 279). Neste processo de ampliação e participação das comunidades, menciono o anseio dos povos indígenas

Considerações Finais

que vivem no Amapá de estar presentes dentro do Museu Sacaca como os responsáveis pelo compartilhamento de sua cultura, a exemplo do que acontece no museu indígena do Oiapoque, como os autores de suas histórias. Esse pedido foi feito por eles às autoridades institucionais e governamentais durante esta pesquisa.

Para cada cultura, povo e etnia existe uma riqueza de significados em seu patrimônio cultural, material e imaterial. Para os indígenas, os objetos têm vida: na concepção do povo Wayana, que vive na fronteira entre o Brasil, o Suriname e a Guiana Francesa, atribue-se um “ciclo vital” aos artefatos, que “efetivamente nascem, possuem juventude quando desenvolvem atividades, adoecem e morrem” (VAN VELTHEM, 2003, p. 131 apud KOK, 2018, p. 18).

Os objetos indígenas apresentados no circuito museológico do Sacaca fazem parte da vida cotidiana, da caça, da pesca e do artesanato dos povos Palikur, Wajãpi, Wayana, e Aparai. Ainda foi possível registrar a participação dos povos indígenas na construção de suas casas, ação que proporcionou

conhecimento entre os indígenas mais jovens, pois o modelo edificado dentro do museu representa uma moradia dos seus antepassados, trazendo à memória as técnicas utilizadas pelos antigos Palikur. Atualmente, os Palikur moram em outros modelos de casas, feitas de madeira ou alvenaria, e construir o modelo dos antigos povos, trouxe aprendizado, sentimentos e significados para esses representantes.

Em 2019, o museu recebeu mais de 90 mil visitantes. Desses, 14 mil foram alunos das instituições escolares, motivo pelo qual apresentei esta pesquisa neste formato educativo sobre a temática indígena, com sugestões pedagógicas para motivar o interesse pelo tema, fortalecer a discussão e fomentar outras pesquisas sobre a cultura desses povos indígenas entre professores e alunos.

Não posso deixar de mencionar que, durante essa pesquisa e elaboração deste material sobre a cultura dos Palikur, sobre a retrospectiva histórica de suas vivências no Sacaca e suas reivindicações no que se refere a atuação como mediadores no museu, acabamos vivenciando em 2020 e 2021, uma pandemia

em que os indígenas precisaram se guardar em suas casas e seus territórios como forma de sobrevivência. Além do que os museus acabaram sendo fechados para as visitas.

Outro aspecto importante que merece destaque está relacionado à pesquisa museológica e à manutenção dos espaços museais no Amapá. Ainda tem sido um grande desafio para os técnicos dos museus cuidar e fomentar ações museológicas de pesquisa, de preservação e de comunicação. O Museu Sacaca é um espaço que precisa de manutenção diária pelas suas características expográficas. As casas e os objetos indígenas necessitam de cuidados técnicos, além do conhecimento tradicional que é peculiar a cada etnia.

Portanto, como pesquisadores, educadores e técnicos das áreas museológicas devemos ter o compromisso de difundir a história dos povos indígenas, cujas vozes foram silenciadas no passado. Aos museus, cabe o compromisso de abrir espaços de diálogo e de reflexão junto com as populações indígenas, como estratégia de fortalecimento da identidade e da memória, freando as ideias preconceituosas relacionadas aos indígenas.



Figura 132 - Área da Exposição a Céu Aberto no Museu Sacaca

Foto: José Baía, SECOM/GEA, 2019.

Referências Bibliográficas

ABREU, Regina. **Os museus como desafios para a antropologia**. In: Tamaso, Izabela (org.). A antropologia na esfera pública: patrimônios culturais e museus [ebook] / Vassallo. - Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019. p. 181-194.

ALMEIDA, Núbia. **A trajetória institucional do IEPA**. In: Augusto Oliveira, Natali Nishi (org.). Ciência e tecnologia para o desenvolvimento sustentável: as experiências do Iepa (1995 a 1998). Macapá, p.35-39. 2001.

ATHIAS, Renato. **Museus objetos etnográficos: debate atual**. Revista antropológica, ano 19, nº 2, p. 231-250. 2015.

_____. **Os objetos, as coleções etnográficas e os museus**.in, Espirna, A; Motta, A; e Gomes, M.H. Inovação cultural, Patrimônio e Educação, Massangana, Recife. p. 303-312. 2010.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978 [1884].

BECKER, B. K. **O uso geopolítico do território: questões a partir e uma visão do terceiro mundo**. In: _____; HAESBAERT, R.; SILVEIRA, C. (Orgs). Abordagens políticas da espacialidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983.

BOLAÑOS, Maria (org.). **La memoria del mundo: cien años de museologia (1900-2000)**. Gijón: Trea, 2002.

BRASIL. [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988**, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de

Edições Técnicas, 2016.

CAPIBERIBE, Artionka. Fonte: Instituto Socioambiental. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Palikur#Localiza.C3.A7.C3.A3o>>. Acesso em: 19 de abril de 2021.

_____. **Palikur: história e organização social de um povo entre dois países**. A presença do Invisível: vida cotidiana e ritual entre os povos indígenas do Oiapoque/ Lux Boelitz Vidal; José Carlos Levinho; Luis Donisete Benzi Grupioni (organização) – Rio de Janeiro: Iepé- Museu do Índio, 2016. p. 85-105.

_____. **Liminaridade e tensão na fronteira Brasil/ Guiana francesa** (Unifesp). In: 34º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu: ST25, 2010. p. 1-25.

_____. **Batismo de fogo: os Palikur e o cristianismo**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

CARDOSO, Marcus André de Souza; NASCIMENTO, RAYSA . **O dom e a dádiva entre parteiras do Amapá: uma abordagem etnográfica**. SAÚDE E SOCIEDADE (ONLINE), v. 28, p. 235-249, 2019.

_____; NASCIMENTO, R. **The dom for the craft and the gift from god: ethnographic explorations among the traditional midwives of Santana**. Vibrant (FLORIANÓPOLIS), v. 14, p. 23-38, 2017.

_____. **Confusões e desrespeito: uma (re)interpretação possível das falas dos moradores de favelas**. ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO, v. 39, p. 261-282, 2014a.

Referências Bibliográficas

_____. **Respect, Dignity and Rights: Ethnographic registers about community policing in Rio de Janeiro.** VIBRANT (FLORIANÓPOLIS), v. 11, p. 46-74, 2014b.

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R.. **Desvendando evidências simbólicas: compreensão e conteúdo emancipatório da antropologia.** In: Anuário de Antropologia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2018. 270p.

CARDOSO DE OLIVEIRA. **O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever.** In: Revista de Antropologia Vol. 39, Nº 1 (1996), p. 13-37. Unesp, 1998.

CASTRO, de Esther. **Tipiti: espremedor para o processamento da mandioca. A presença do Invisível: vida cotidiana e ritual entre os povos indígenas do Oiapoque/** Lux Boelitz Vidal; José Carlos Levinho; Luis Donisete Benzi Grupioni (organização) – Rio de Janeiro: Iepé- Museu do Índio, 2016. p.187-191.

CLIFFORD, James. **Museus como zonas de contato.** Periódico Permanente. Nº 6 fev. 2016, p.1- 37. Disponível em: <<http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/museus-como-zonas-de-contato-j-clifford>>. Acesso em: 05 agosto de 2020.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

CURY, Marília Xavier. **Museologia: marcos referenciais.** Cadernos do CEOM, Chapecó, v. 18, n. 21, p. 45-73, 2005.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/fronteira/>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2021.

FRANCO, Maria Ignez Mantovan. **Museus: agentes de inovação e transformação.** Cadernos de Sociomuseologia. v. 57, p. 13-27, 2019.

FOUCHER, Michel. **Tipología de las fronteras contemporáneas In: Las fronteras delistmo: Fronteras y sociedades entre el sur de Mexico y America Central** [en línea]. Mexico: Centro de estudios mexicanos y centroamericanos, 2005 (generado el 10 août 2018). Disponível: <<http://books.openedition.org/cemca/655>>. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

GALLOIS, Dominique Tilkin. **Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades?.** In: Fany Ricardo. (Org.). **Terras Indígenas & Unidades de Conservação da Natureza.** 1 ed. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004, v. p.1-11. Disponível em: <<https://institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2020/07/doc11.pdf>>. Acesso em:10 de dezembro de 2020.

_____; GRUPIONI, Denise Farjado. **Povos indígenas do Amapá e norte do Pará; quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?** 2ª ed., Rio de Janeiro: Iepé; Iphan/MinC, 2009.

GIL, C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** Atlas. 4ª.ed. São Paulo, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: ed. Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Des-territorialização e Identidade.** Niterói: ed. UFF, 1997.

HONNETH, A. **Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.** Rio de Janeiro: ed.34, 2003.

Referências Bibliográficas

INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO ESTADO DO AMAPÁ-IEPA. **Projeto Museológico do Museu Sacaca do Desenvolvimento sustentável**. Macapá: IEPA, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília, 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA E FORMAÇÃO INDÍGENA (IEPÉ). **Artefatos e matérias-primas dos povos indígenas do Oiapoque/Iepé e Museu Kuahí**; [Esther de Castro, organizadora]. 1ª ed. São Paulo- IEPÉ- Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2013.

IEPÉ. Dominique Tilkin Gallois (organizadora). **Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas: exemplos no Amapá e norte do Pará**. São Paulo: Iepé, 2011.

_____. **TURÉ dos povos indígenas do Oiapoque**. Rio de Janeiro, São Paulo: Museu do Índio, Iepé, 2009.

KOK, Glória. **A fabricação da alteridade nos museus da América Latina: representações ameríndias e circulação dos objetos etnográficos do século XIX ao XXI**. Anais do museu paulista. São Paulo, Nova Série, vol. 26, 2018, p. 1-30. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672018v26e06d1>>. Acesso:10 de fevereiro de 2021.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. 2ªed. São Paulo: Ed. Contexto, 2014.

MEDEIROS, R. Maria. Território, espaço e identidade. In: Saquet, M.; Sposito, E (orgs). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP.

Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. p. 217- 227.

NASCENTE, Livia da Silva. **Memórias, museus e narrativas coletivas: os povos indígenas do Oiapoque no museu do índio.** Orientadora: Profa. Dr^a. Regina M^a do Rego Monteiro de Abreu. 2011. Tese de mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <memoriasocial.pro.br/dissertacoes-teses.php>. Acesso em: 08 de dezembro de 2020.

NOVAES, Sylvia Novaes (organizadora). **Habitacões indígenas.** Edição da Universidade de São Paulo, Edusp, 1983.

OLIVEIRA, Augusto; DE JESUS, Simone (organizadores). **Um Museu de Grande Novidades.** Iepa. Macapá, 2013.

_____. **Museu Sacaca: um museu em movimento.** In: Museu Sacaca: um museu de grandes novidades. Iepa. Macapá, 2013, p. 98-113.

PEIRANO, M. **O encontro etnográfico e o diálogo teórico.** In: PEIRANO, M. Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas. Brasília, DF: Editora UnB, 1991. p. 131-146.

PESAVENTO, S. **Além das fronteiras.** In: MARTINS, Maria Helena (org). Fronteiras culturais: Brasil – Uruguai - Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <<http://www.pggedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>>. Acesso em: 12 de setembro de 2020.

Referências Bibliográficas

_____. **Memória, Esquecimento, Silêncio** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em:
<http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf> Acesso em 15 de setembro de 2020.

RAFFESTIN, Claude. **A produção das estruturas territoriais e sua representação. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos** / T327 Marcos Aurelio Saquet, Eliseu Savério Sposito (organizadores) --1.ed.-- São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. p. 17-35.

RODRIGUES, Aline Lima. **Fronteira e território: considerações conceituais para a Compreensão da dinâmica do espaço geográfico.** Revista produção acadêmica – núcleo de estudos urbanos regionais e agrários/ nurba – n. 2 p. 139-157, (dezembro, 2015).

SACK, R. D. Human. **Territoriality: Its theory and history.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAQUET, Aurélio Marcos; SPOSITO, Savério Eliseu. **Territórios e territorialidades: teori-as, processos e conflitos. (organizadores)** 1.ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

_____, Aurélio Marcos. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SHEPARD JR., Glenn H.; LÓPEZ G., Claudia L.; ROBERT, Pascale de; CHAVES, Carlos E. **Objeto, sujeito, inimigo, vovô: um estudo em etnomuseologia comparada entre os Mebêngôkre-Kayapó e Baniwa do Brasil.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências

Referências Bibliográficas

Humanas, v. 12, n. 3, p. 765-787, set.-dez. 2017.

SOUZA, Mariana Jantsch de. **Fronteiras simbólicas - espaço de hibridismo cultural, uma leitura de dois irmãos, de Milton Hatoum**. Porto Alegre, Letrônica, v. 7, n. 1, p. 475-489, jan./jun., 2014.

STRATHERN, Marilyn. **“No limite de uma certa linguagem”**. In: Revista de Antropologia, Vol. 59, nº 2, p. 155-186. PDF (1999). In: Mana , 5(2):157-175. UFJF, 2014.

TAYLOR, Charles. (org.) **Multiculturalismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

VELTHEM, Lucia Hussak van; KUKAWKA, Katia; JOANNY, Lydie. **Museus, coleções etnográficas e a busca do diálogo intercultural**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 12, n. 3, p. 735-748, set.-dez. 2017.

_____. **O objeto etnográfico é irreduzível? Pistas sobre novos sentidos e análises**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, jan.-abr. 2012.

_____. **Livro da Arte Gráfica Wayana e Aparai: Waiana anon imelikut pampila – Aparai zonony imenuru papeh** / Lucia Hussak van Velthem e Iori Leonel van Velthem Linke (organizadores). Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI / IEPÉ, 2010. 96p. il. Colo.

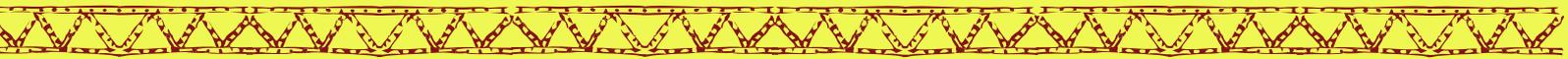
_____. **Onde os Wayana penduram suas redes?** In: NOVAES, Sylvia Caiubi (org)- Habitações Indígenas. São Paulo: Nobel/Edusp, 1983.

VIDAL, Lux Boelitz; LEVINHO, José Carlos; GRUPIONE, Luís Donizete Benzi. (Organização). **A presença do invisível: vida cotidiana e ritual entre os povos indígenas**

Referências Bibliográficas

do Oiapoque. Rio de Janeiro: Iepé. Museu do Índio, 2016.

_____. **Povos indígenas do baixo Oiapoque: o encontro das águas, o encruzo dos saberes e arte de viver.** 2 ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e Iepé, 2009.



CADERNO DE ATIVIDADES

NA TRILHA DA MEMÓRIA

★ uma aventura no Museu Sacaca ★

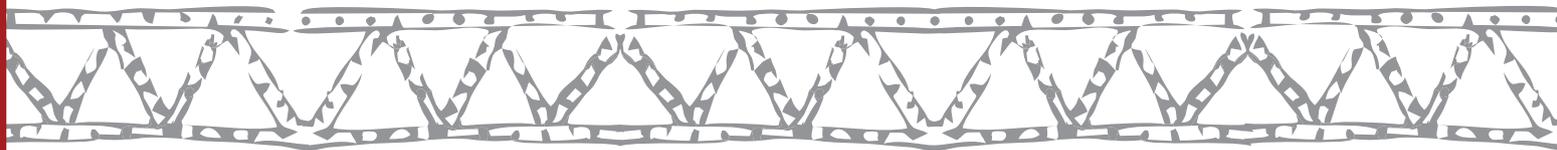


Encarte do Caderno Pedagógico

“Os Palikur, casas e memórias: vivências no Museu Sacaca”.

APRESENTAÇÃO

Este encarte, de caráter educativo, faz parte do produto final do Mestrado Profissional de Estudos de Fronteira-PPGEF-UNIFAP, denominado “Os Palikur, casas e memórias: vivências no Museu Sacaca”. Por meio de uma narrativa lúdica, iremos propor sugestões de atividades e jogos pedagógicos, com o objetivo de estimular as crianças e os jovens a se interessar e conhecer mais sobre a cultura dos povos indígenas que vivem no Amapá, motivando-os a buscar novas pesquisas, em um processo ativo de conhecimentos, respeito às diferenças e valorização da herança cultural do povo Palikur. As atividades tratam de conteúdos sobre o território indígena, o patrimônio cultural e a casa Palikur, que estão detalhados no Caderno Pedagógico.



OLÁ!

Você está disposto a
encarar uma aventura no
Museu Sacaca?



Prepare-se para uma desafiadora
jornada, onde o ontem e o hoje se
encontram para nos ensinar a
**VALORIZAR A NOSSA
CULTURA!!!**



Basta entrar
e começar a explorar
os ambientes do Museu Sacaca.
Junto com o vovô Tuga,
você vão viajar na
TRILHA DA MEMÓRIA





MUSEU
SACACA

Olá! Vim lá do Oiapoque, do norte do Amapá. Sou indígena do povo Palikur. É a primeira vez que vou entrar no Museu Sacaca.



Seja bem-vindo ! Meu nome é Tuga.
Vou te acompanhar nessa viagem
pelo Museu Sacaca. Tenho muitas
coisas legais para te mostrar!

Que bom, Tuga!
Quero conhecer tudo!
Aqui parece a floresta.
Me faz lembrar da minha
aldeia.

QUE TAL UM PASSEIO?

Use todos os seus sentidos para conhecer o Museu Sacaca. Procure observar, sentir e ouvir o que está ao seu redor. Preste atenção nas árvores, flores, nos formatos das folhas, no canto dos pássaros...

Eu estava triste de deixar a nossa casa e vir para Macapá. Minha família veio construir uma casa aqui dentro do museu e eu vim para ajudar e aprender com os mais velhos da aldeia. Agora, estou feliz, porque tudo aqui lembra nossa aldeia: o açazeiro, a pupunheira, o peixe que tem no igarapé, bate vento e é bem frio.

Quais desses animais e plantas você viu durante sua caminhada?

Marque com um X na figura que você encontrou.



samaumeira



jabuti



açazeiro



iguana



urucum



PASSEANDO PELA EXPOSIÇÃO

Na Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca, você pode observar casas que mostram o modo de viver de diferentes povos que habitam o Amapá. É possível, também, conhecer uma réplica de um grande **SÍTIO ARQUEOLÓGICO**, uma caverna com objetos e marcas que os povos indígenas deixaram quando viveram na região, há mais de 500 anos. Foram encontrados mais de 150 sítios arqueológicos em vários municípios do estado, o que sinaliza a força da presença indígena nesta região que hoje chamamos de Amapá.

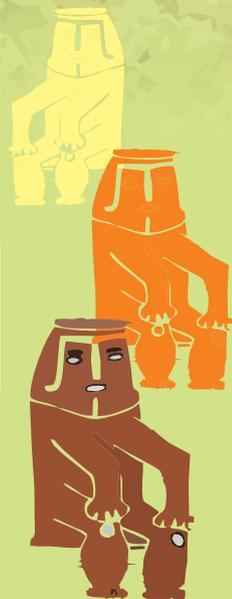
Decifre o enigma para revelar o nome do objeto encontrado dentro das cavernas e escreva no espaço abaixo:

A B C D E F G H I J K L M

N O P Q R S T U V W X Y Z







resposta: urna funerária

Tuga, quer dizer que nossos **PARENTES** andaram por todas essas terras? Sabia que eu ouvi muitas histórias dos mais antigos da aldeia sobre isso? Eles contavam que nosso povo era muito numeroso, mas que, devido aos ataques de inimigos e a surtos de doenças, ele foi diminuindo.

Para evitar esses perigos, eles procuraram se isolar em locais de difícil acesso, até que chegaram ao rio Urukavá, no Oiapoque, e, lá se estabeleceram.

Você sabe como os **PALIKUR** eram conhecidos nos tempos antigos?

Raspe os espaços abaixo com uma moeda para descobrir a resposta:

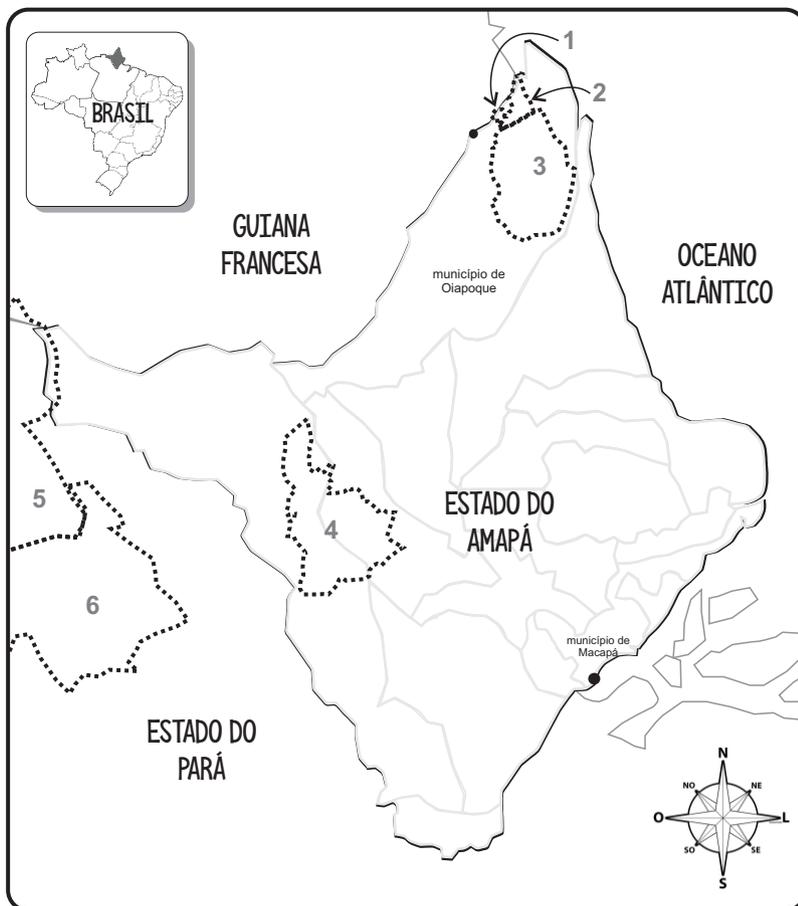
GUERREIROS FORTES

BONS NAVEGADORES



VOGÊ É BOM DE MAPA ?

Atualmente, os povos indígenas habitam a faixa de terras que se estende do estado do Amapá ao norte do Pará. Alguns desses povos vivem em ambos os lados da fronteira entre o Brasil e os países limítrofes.

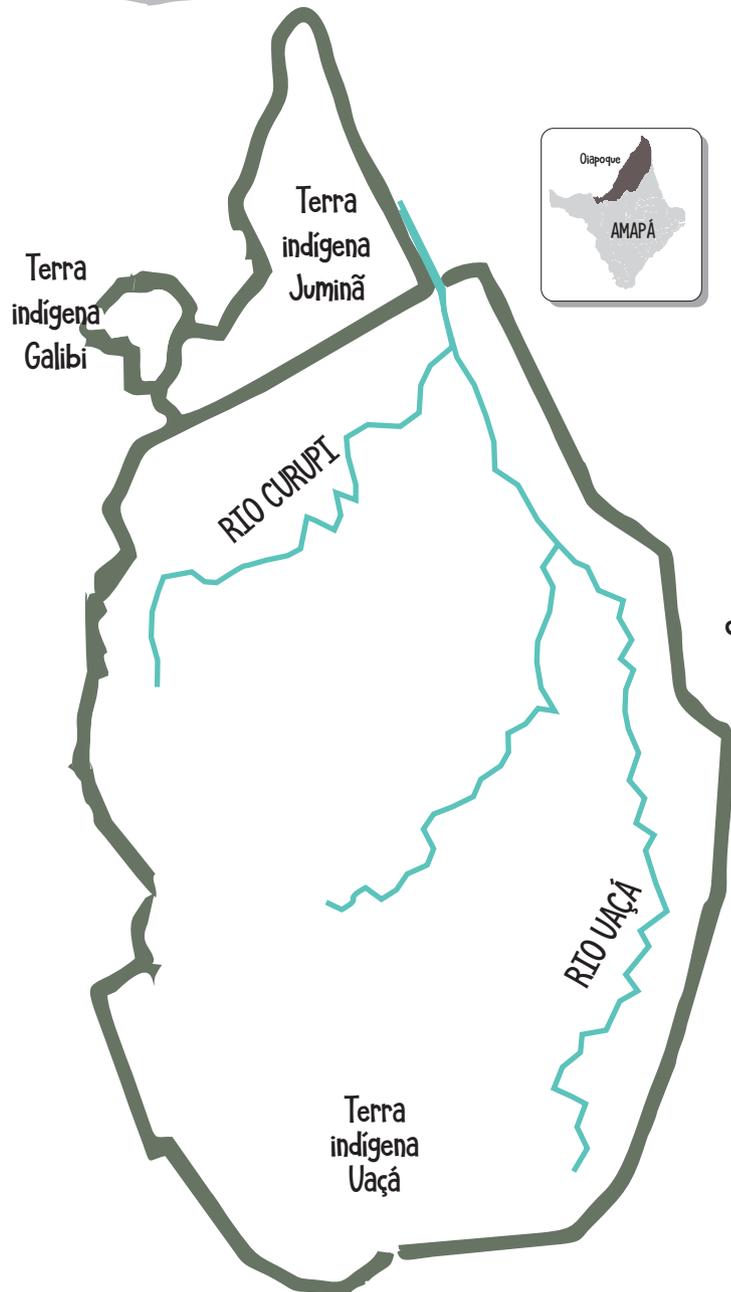


Veja no mapa ao lado as ~~seis~~ áreas pontilhadas que mostram a localização das Terras Indígenas no território amapaense e seu entorno.

Pinte as áreas do mapa do Amapá de acordo com os números e cores abaixo.

LEGENDA:

- 1 - Terra Indígena Juminã, onde vivem os Galibi Marworno e os Karipuna. 
 - 2 - Terra Indígena Galibi, onde vivem os Galibi do Oiapoque e os Karipuna. 
 - 3 - Terra Indígena Uaçá, onde vivem os Palikur, e também o povo Galibi Marworno e o povo Karipuna. 
 - 4 - Terra Indígena Wajãpi, onde vivem os Wajãpi. 
 - 5, 6 - Terra Indígena Parque do Tumucumaque e Rio Paru d'Este, onde vivem os Tiriyo, Katxuyana, Aparai e Wayana. 
-
- Guiana Francesa 
 - Oceano Atlântico 
 - Estado do Pará 

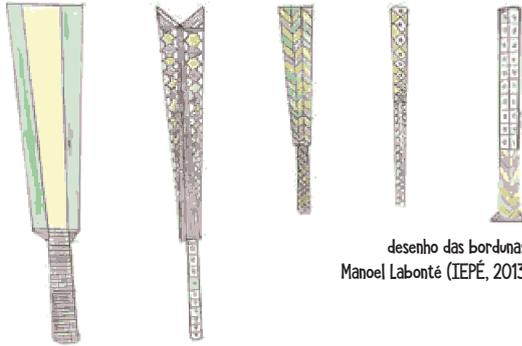


NA TERRA INDÍGENA UAÇÁ

Na Terra Indígena Uaçá vivem os povos Palikur, Galibi-Marworno e Karipuna.

Uma explicação para a origem do termo **PALIKUR** seria “povo do rio do meio”, fazendo referência ao rio Urukavá, onde esse povo está localizado, que fica entre os rios Uaçá e Curupi.

Localize e escreva o nome do rio do meio no mapa ao lado. Em seguida, desenhe como você imagina que é a Terra Indígena Uaçá e suas aldeias.



desenho das bordunas:
Manoel Labonté (IEPÉ, 2013)

EM TEMPO DE PAZ...

Ainda temos muito o que conhecer sobre a cultura dos povos indígenas que estão representadas no Museu Sacaca.

As **BORDUNAS** eram armas que serviam para se proteger dos inimigos, mas existiam vários modelos com outras finalidades: as que eram usadas na caça, na pesca de pirarucu e de jacaré, e as dos jovens indígenas aprendizes. Existia também uma que servia especificamente como presente nos encontros que não eram de guerra, em respeito aos visitantes que iam à aldeia ou quando se ia visitar outro povo.

As bordunas são objetos esculpidos em madeira. Essa é uma das atividades mais expressivas entre os povos indígenas do Oiapoque.



Como estamos vivendo em tempo de paz, chegou a hora de presentear. Faça o desenho de sua borduna num papel, utilize formas geométricas para decorar. Pode colorir à vontade e depois recorte-a. Escolha uma pessoa a quem entregar esse presente como forma de respeito às diferenças.

PASSEANDO PELA EXPOSIÇÃO

O totem localizado na entrada da **PRAÇA DAS ETNIAS**, tem cinco metros de altura e valoriza a diversidade cultural amapaense por meio de símbolos que representam as culturas indígenas, dos afrodescendentes e de outros povos tradicionais que constituem a identidade do povo do Amapá.

Que tal fazer um totem da sua família? Para isso, você vai precisar saber sobre suas origens, do que mais gostam, quais são seus valores e habilidades. Você vai desenhar seu autorretrato, escrever sua idade, sua comida favorita e o que você mais gosta de fazer. Utilize os espaços definidos na próxima folha para desenhar, pintar, recortar e montar seu totem.

Tenho certeza que você vai arrasar!!!



**fauna e a flora
amazônica**

**interações
culturais
dos saberes
tradicionais
entre os
diferentes povos**

**na base:
mãos entrelaçadas
representando a
harmonia e integração
entre esses povos.**

TOTEM



AWIRÚ

(escudo Palikur)

Os escudos eram camisas grossas de entrecasca de árvore ou de madeira esculpida e pintada. Esse é o escudo de peito. Tem também outro que protege o antebraço, emadutic unamiya.

SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA

A Praça das Etnias do Museu Sacaca é destinada ao encontro das culturas, dos povos e dos ritos que fazem parte do mundo amazônico.

O desenho que está no piso dessa Praça foi inspirado no escudo Awirú do povo Palikur e representa a resistência dos povos tradicionais. Os indígenas utilizavam esse escudo para sua defesa, junto com outros elementos.

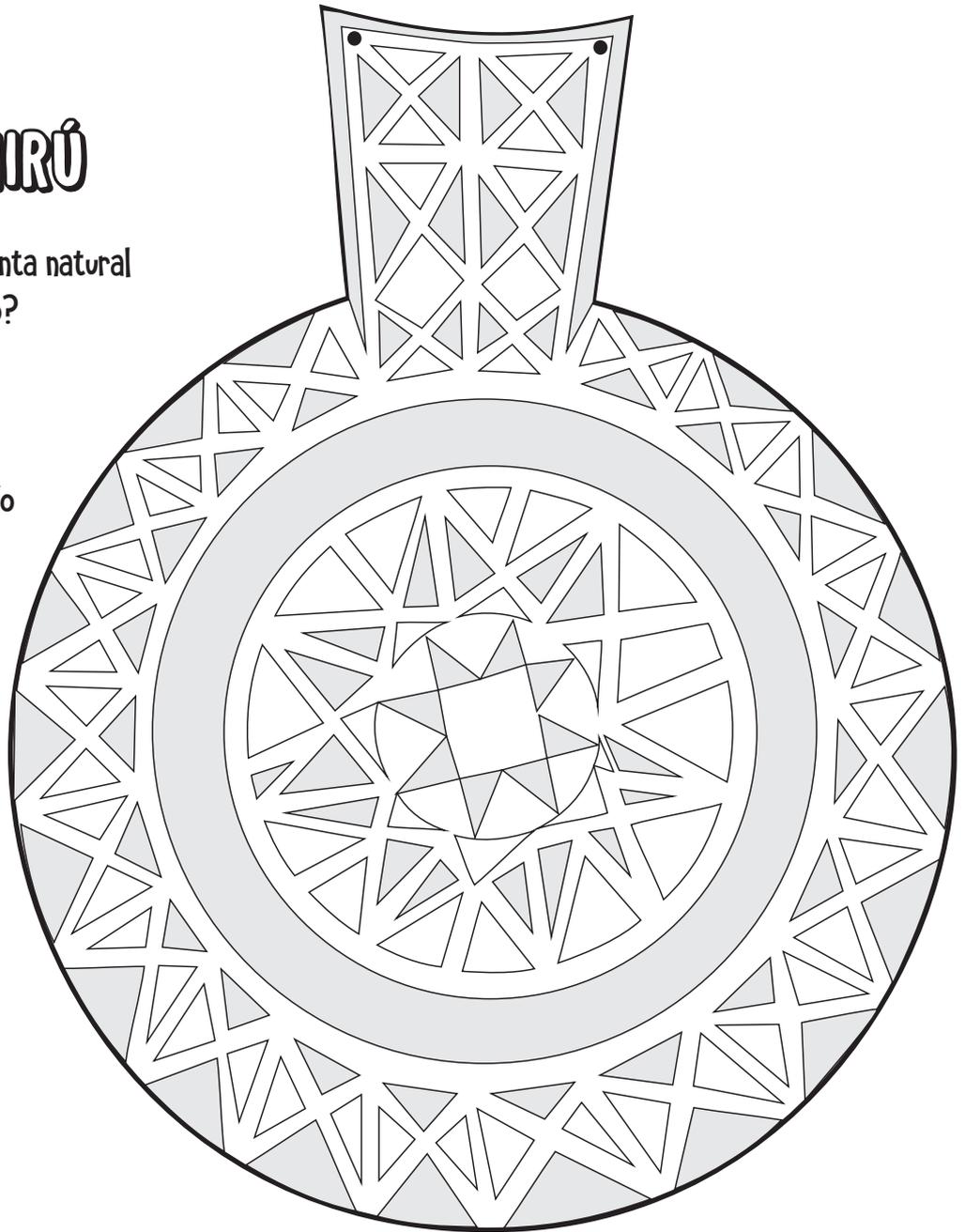


ESCUDO AIWIRÚ

Que tal produzir uma tinta natural para pintar esse escudo?

Observe que as cores que os indígenas usam para pintar o escudo são vermelho e preto.

Siga o passo a passo para você fazer a receita da tinta natural que temos na próxima página.



CORES QUE VÊM DA NATUREZA



TINTA DE TERRA

(cor marrom ou ocre)

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

porção de terra; 2 colheres de água;
2 colheres de cola branca;

INSTRUÇÕES:

Peneirar a terra em peneira fina. Misturar água, mexer bem e coar essa mistura num pedaço de pano. Misturar 2 colheres desse líquido na cola branca.



TINTA DE CARVÃO

(cor preta ou cinza)

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

pedaço de carvão, água, peneira ou pedaço de pano; 2 colheres de cola branca;

INSTRUÇÕES:

Socar bastante o carvão para virar um pó e misturar com 1/2 copo de água. Depois, peneirar ou coar num pano. Deixar descansar por 2 horas. Retirar, com cuidado, a água de cima e colocar um pouco de cola.



TINTA DE URUCUM

(cor laranja ou vermelha dependendo do tipo de planta)

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

1 colher de sopa bem cheia de sementes de urucum ou colorau em pó; 2 colheres de água;
2 colheres de cola branca;

INSTRUÇÕES:

Em um recipiente, misture tudo com uma colher. E está pronto para usar. Esse tipo de tinta é solúvel em água. Para conseguir tons mais escuros ou mais claros, ponha mais ou menos corante.



Gostei dessa praça!
Vovô Tuga, você conhece bem
esse lugar! Deve ser muito legal
falar todos os dias sobre o valor da
cultura de cada povo aqui
no Museu.

Agora, preciso ir ajudar
meus parentes na construção da
nossa casa. Eles me falaram que vão usar
somente materiais da floresta e que
não vai precisar nem de pregos.
Quero aprender isso!

É a primeira vez que faço este tipo de casa tradicional. Eu ajudei a fazer um outro tipo de casa de lá da nossa região, mas a arte dessa é diferente.



Hoje em dia, a gente constrói as casas na aldeia com outros materiais.



01

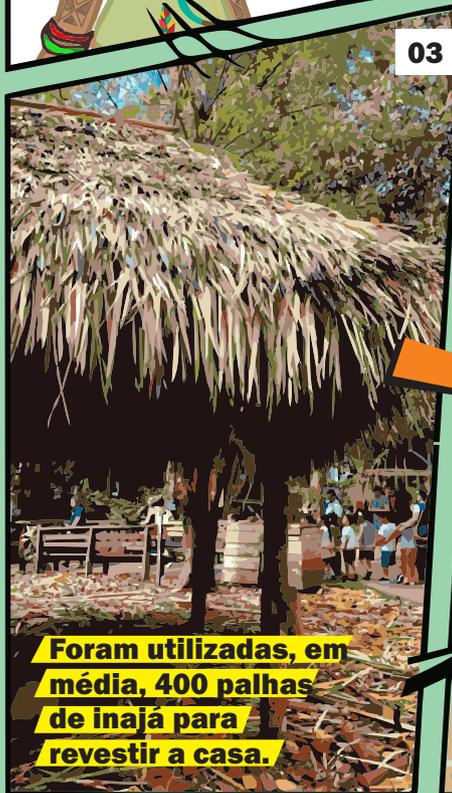
CONSTRUÇÃO DA CASA PALIKUR

A estrutura foi feita com esteios de acapu,



02

a cobertura foi feita com palha de inajá.



03

Foram utilizadas, em média, 400 palhas de inajá para revestir a casa.



04

O assoalho foi feito de casca de paxiúba.



05

Não usamos pregos, amarramos tudo com cipó titica e fizemos encaixes na madeira

COMO VIVIAM OS PALIKUR NESSAS CASAS?

parte interna da casa

parte externa da casa

A casa ficou pronta! As paredes não são totalmente fechadas e o assoalho fica um pouco acima do solo. Vendo a arte dessa casa aqui, dentro do Museu Sacaca, fico muito feliz de ter participado desta construção, que os mais velhos nos ensinaram. O pessoal vai conhecer a nossa cultura e de como a gente vive lá na nossa região, no Uaçá.

Os mais antigos falaram que na parte externa da casa, a gente usa para conversar, organizar os alimentos da roça, da pesca, e confeccionar cestos, cuias, tipiti, peneiras e outros materiais. A parte interna serve para dormir, geralmente, em esteiras feitas de junco. A cozinha fica numa área parcialmente aberta, atrás da casa, onde fica um fogão de barro.

Lá na aldeia, a gente usa também redes e camas para dormir. As mulheres usam fogão de barro e, às vezes, um fogão a gás. Não há muita mobília nas casas, mas, a maioria, possui uma televisão e uma antena parabólica, além do “prosdócimo” (freezer), que permite preservar alimentos e gelar bebida.



01

Na parte externa da casa, a família se reúne para comer o peixe assado ou fervido, acompanhado de farinha, sal e tucupi. Comemos quase todos os tipos de peixe, principalmente tucunaré, tamvatá e pirarucu.



02

Nossa alimentação nas aldeias do Uaçá varia de acordo com os períodos secos e chuvosos. No inverno, os peixes ficam mais escassos por causa dos rios que estão cheios. Os Palikur vão caçar animais na mata de terra firme, como aves, anta, veado, paca, cutia e várias espécies de macaco.



03

O **tipiti** é um instrumento utilizado para espremer a massa da mandioca e dela fazer a farinha que tanto gostamos. As **panelas de cerâmica** são feitas, predominantemente, pelas mulheres e servem para preparação e conservação dos alimentos.



04

Nas roças, plantamos milho, urucum, mandioca, entre outros alimentos. O plantio e a colheita da mandioca é uma atividade que envolve adultos e crianças. A farinha de mandioca não pode faltar na nossa alimentação. Além disso, nosso povo abastece a maior parte do mercado de farinha da cidade de Oiapoque.

05

QUEM SOU EU ?

Você prestou atenção na explicação sobre a construção da Casa Palikur?
Então, ligue as informações dos principais materiais utilizados às figuras corretas.

Sou uma palmeira bem alta, vivo em locais alagados e minhas raízes ficam visíveis, acima do solo. Minha casca é utilizada em assoalhos e paredes, pois é muito resistente.

resposta: paxiúba

Tenho fibras naturais bastante resistentes, sou utilizada para amarrar a estrutura das casas, as palhas na cobertura e paredes, também em cestarias e objetos decorativos.

resposta: cipó-titica

Sou uma árvore que produz madeira de cor escura muito boa para a construção de casas e barcos.

resposta: acapú

Sou uma palmeira nativa da região norte do Brasil. Posso alcançar até 20 metros de altura e posso ter folhas alongadas, dispostas em cinco direções, que são usadas na cobertura de casas.

resposta: Inajá



PAXIÚBA
Familia: Arecaceae Bercht. & J.Presl
Espécie: *Socratea exorrhiza* (Mart.) H.Wendl.



CIPÓ-TITICA
Familia: Araceae Juss.
Espécie: *Heteropsis flexuosa* (Kunth) G.S.Bonting



INAJÁ
Familia: Arecaceae Bercht. & J.Presl
Espécie: *Attalea maripa* (Aubl.) Mart.



ACAPÚ
Familia: Fabaceae Lindl.
Espécie: *Vouacapoua americana* Aubl.

IMANGI

(borduna)

YAKOT

(flecha)

YMEDGIT

(arco)

PAI-TI

(casa)

PAITWEMPU

(vila)

Tuga, você sabia que os Palikur
falam quatro línguas: patois, português,
francês e nossa língua nativa, o **PARIKWAKI**.
Eu vou te ensinar algumas palavras na nossa
língua nativa, tá bom?

É claro!
Os visitantes vão gostar
muito. Isso é respeito à
diversidade cultural!



ONDE ESTÁ O PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL ?

meu pai conhece as plantas da floresta e sabe construir casas tradicionais do Palikur

hoje eu conheci um pouco mais a história dos meus antepassados

aprendi a construir a casa com os mais velhos da aldeia

PAITWEMPU

PAI-TI

PULSEIRAS

PINTURA CORPORAL

OBJETOS ARTESANAIS

O patrimônio imaterial é o conhecimento que é repassado para outra pessoa, está no pensamento. São as tradições, a língua, o conhecimento para fazer artesanato, conhecer as plantas, entre outras. O imaterial é a fonte do patrimônio material.

Nós queremos que os não índios conheçam nossa cultura para respeitar nossos conhecimentos e nosso modo de vida.

Pinte de AMARELO as palavras que representam o patrimônio imaterial .



JEITO DE MARCAR O CORPO E OS OBJETOS

Nosso povo utiliza um **CARIMBO** esculpido em madeira para fazer a pintura facial com os padrões gráficos.

Na língua Palikur, carimbo falamos assim: **KOWANGBET / ANOWATVEY / ANOT**



Carimbos de madeira para pintura facial



Durante o Turé e cerimônias mais formais, os índios do Uaçá usam pinturas de urucum, de cor vermelha, especialmente na face e nos braços. Também utilizam o suco da fruta de jenipapo, misturado com carvão, que é uma mistura que adere perfeitamente à pele do corpo. Tradicionalmente, utilizam marcas (padrões gráficos) com motivos geométricos, abstratos e nomeados. Estas marcas são bastante numerosas, mas algumas são mais recorrentes do que outras. São usadas na pintura corporal e nos objetos.

A marca mais comum entre todos os índios do Oiapoque é o **KUANI**, que é o nome de um peixinho com forma de losango. Outra bastante utilizada é a marca **DÂDELO**.



DESAFIO: Em quais superfícies você consegue identificar esses dois tipos de marcas?

01 Muitos pensam que índio é tudo igual, mas a verdade é que cada povo tem um modo de viver diferente, com seus costumes, suas crenças, sua língua, seus rituais que fazem parte de sua cultura.



02

OUTRAS CASAS INDÍGENAS

Mais dois povos indígenas construíram sua casa aqui: os do Tumucumaque e os Wajãpi. Gostei de ver. Eles têm um jeito diferente de construir. Isso faz parte da memória de cada povo. Tudo o que tem aqui no museu é importante para nós!



03

Esse é um dos modelos de casas dos Wayana e Aparai, denominada tukusipan ou porohtopo.

04

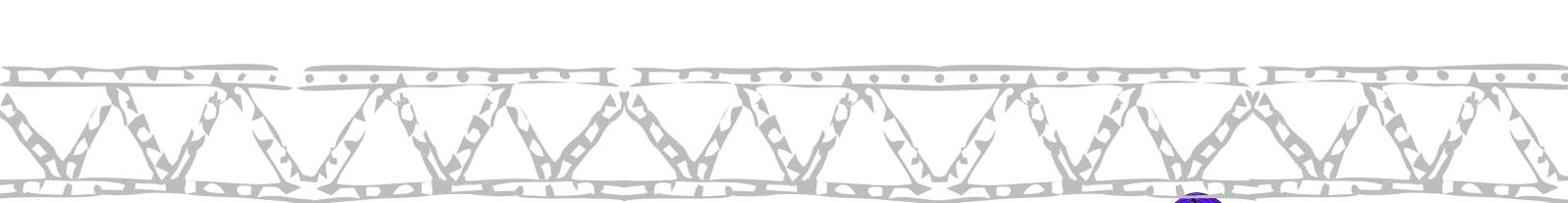
Ela é uma casa comunitária que mede 5 metros de diâmetro, metade do tamanho que é usada na aldeia, e que é coberta por palha de ubim. Na parte de dentro, foi colocada uma roda de teto, denominada **malvana** ou **marvana**, que é preparada num local afastado da aldeia e pintada coletivamente por homens e mulheres, com grafismos específicos para este tipo de objeto.

Esse é um tipo de casa Wajãpi, denominada "Casa Jura"

06

É uma casa de **dois pavimentos**. A parte de cima, usam para dormir; em baixo, para atividades domésticas e reuniões. Na sua construção, foram utilizados troncos de paxiúba no piso, andirobeira na estrutura da casa, e folhas de ubim ou palha preta na cobertura.

05



DESAFIO DO TUGA



Você viu a diversidade de modelos de casas dos povos indígenas no Museu Sacaca, que foram feitas apenas com os materiais retirados da floresta? Qual delas você mais gostou?

Então, quero lhe propor um desafio. Você pode usar sua imaginação para criar seu próprio modelo de casa. Primeiro, faça o desenho na folha de papel. Em seguida, procure materiais da natureza (gravetos, folhas, palhas, fibras, sementes, entre outros) para colar no seu desenho. Essa atividade pode ser feita de maneira individual ou em grupo.



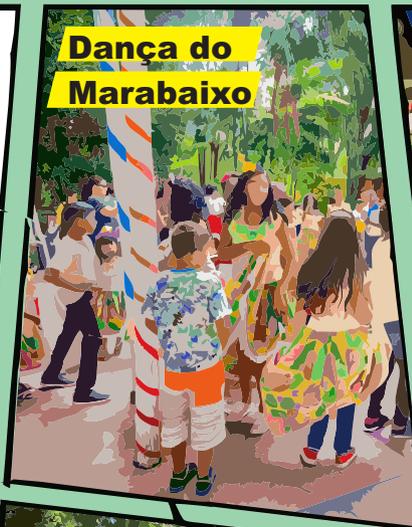
Você sabia que vamos ter uma grande festa aqui no museu para entregar as casas que vocês fizeram? Será a **FESTA DOS POVOS** e vocês poderão atuar como mediadores, compartilhando os seus conhecimentos com o público.

Nossa, Tuga!!! Vou ficar muito feliz em mostrar a nossa casa, como a gente está vivendo hoje, falar sobre a nossa cultura e como são importantes e únicos todos os objetos que estão aqui na Casa Palikur.

NO DIA DA FESTA DOS POVOS

Em 2019, esta programação reuniu vários saberes tradicionais. Os indígenas mostraram as casas que construíram e compartilharam com os seus parentes as suas danças, bebidas e artesanatos. Os visitantes do museu puderam conhecer não apenas os objetos que compõem o acervo, mas também a história e as memórias desses povos indígenas, contada por eles mesmos.

**Dança do
Marabaixo**



**Artesanato
indígena**



**Música e
dança dos Wajãpi**



Casa Palikur



**Casa Wayana
e Aparai
vista por
dentro**



**Grupos de
estudantes**



**Indígenas mostrando
a bebida caxixi**



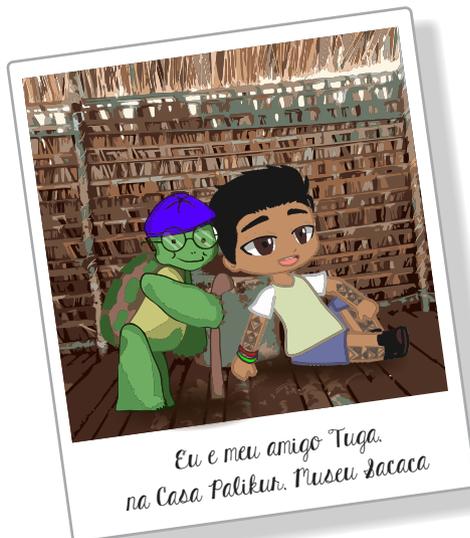


Tuga, foi muito gratificante participar da **FESTA DOS POVOS** e estar junto com os Wajãpi e outros povos. Nós aprendemos com eles e eles com a gente. No museu, através de um pequeno objeto, nós podemos saber a história do nosso povo.

Por isso, já sei o que quero fazer quando eu crescer. Quero trabalhar num museu!



Sabia que você iria gostar! Para falar do seu dia a dia, de seus anseios, dos artesanatos, quem mais sabe dessa cultura, se não o próprio índio Palikur e o índio Wajãpi? Não desista desse seu sonho!



HORA DA SELFIE

Respeitar a diversidade é querer conhecer mais sobre a cultura dos povos indígenas e valorizar a sua herança cultural e suas tradições, é um povo aprendendo com o outro. No espaço abaixo, faça um desenho como se estivesse fazendo uma SELFIE no celular, uma fotografia que você tira de si mesmo para divulgar em redes sociais. Em seguida, complete a frase com o que você aprendeu.

RESPEITAR A DIVERSIDADE CULTURAL É...

CAÇA PALAVRAS

Vamos lembrar algumas palavras que estão relacionadas aos povos indígenas e que foram abordadas nessa viagem pelo Museu Sacaca? Encontre no quadro abaixo as palavras que destacamos com letra maiúscula na lista ao lado.

rio URUKAUÁ está localizado na terra indígena UACÁ; réplica de um grande sítio ARQUEOLÓGICO; objetos indígenas: BORDUNA, escudo AWIRÚ e TIPITI; praça das ETNIAS representa a diversidade cultural no museu; principais matérias-primas na construção das casas PALIKUR: INAJÁ, ACAPÚ, PAXIÚBA, CIPÓ TITICA; Padrão gráfico ou marca mais utilizada: KUAHÍ e DÄDELO; Outras casas indígenas representadas no Museu: WAYANA e APARAÍ e casa WAJÁPI; FESTA dos povos;

P	A	R	W	A	J	Ã	P	I	P	K	M	Z	J	R	C	C	P
W	A	J	Ã	U	P	K	E	I	O	T	V	B	K	X	I	Y	O
A	R	C	C	P	A	L	I	K	U	R	G	Ã	U	I	P	M	L
R	I	G	H	B	M	D	Ã	D	E	L	O	F	A	F	Ó	Y	I
Q	B	T	T	A	A	S	S	X	D	R	T	U	H	K	T	K	O
U	I	Q	I	W	B	O	R	D	U	N	A	T	Í	M	I	M	U
E	R	O	P	C	Ó	T	I	O	C	A	O	S	E	E	T	W	A
O	I	Y	I	A	S	D	F	M	I	N	A	J	Á	Z	I	X	Ç
L	O	E	T	N	I	A	S	M	E	R	U	T	I	P	C	L	Á
Ó	L	P	I	U	O	P	R	E	H	A	S	A	D	F	A	H	X
G	H	J	H	K	W	A	Y	A	N	A	C	W	-	W	E	R	A
I	T	S	E	D	F	R	C	D	R	T	O	I	A	N	A	X	C
C	R	F	E	S	T	A	T	R	E	W	S	R	D	F	F	G	A
O	B	V	D	T	I	Í	S	P	A	X	I	Ú	B	A	H	V	P
C	V	B	U	R	U	K	A	U	Á	V	B	R	R	X	U	X	Ú

COLORINDO O MUSEU

Qual parte dessa aventura você mais gostou?

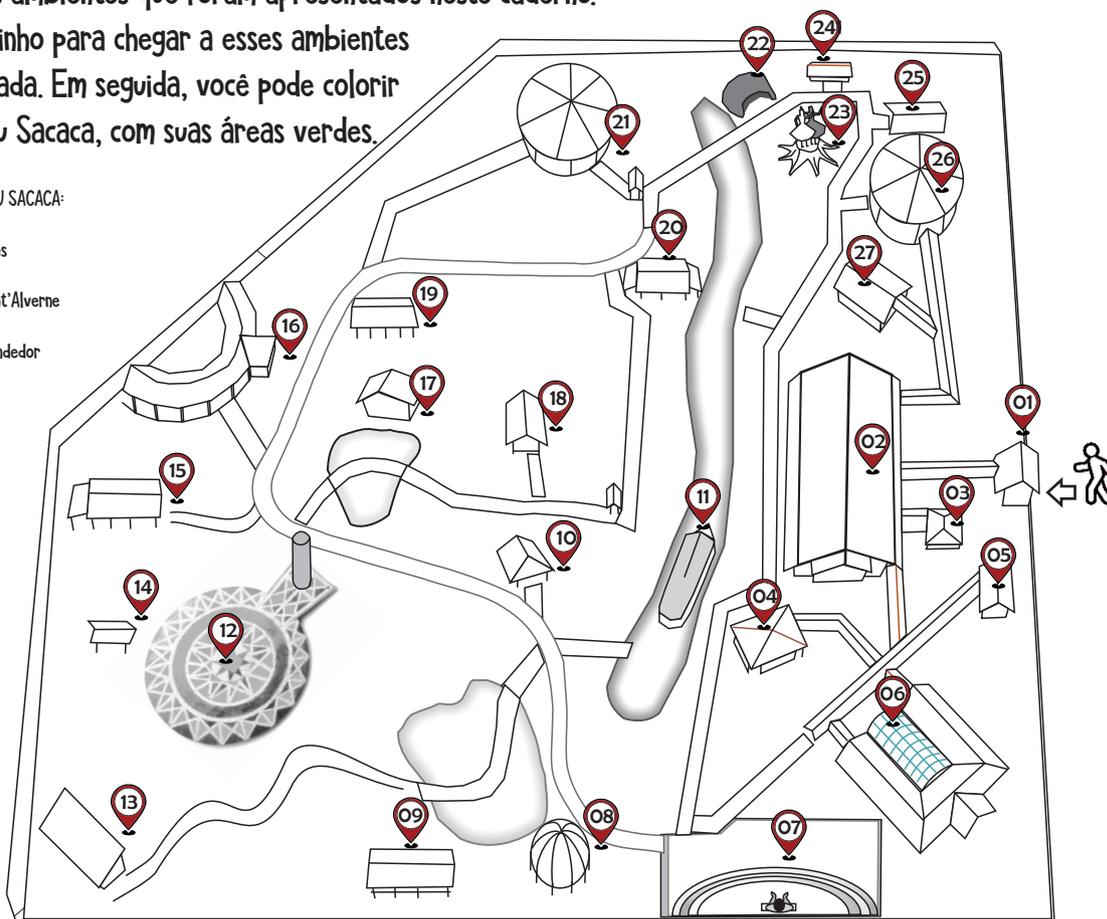
Observe os números no mapa e confira os nomes dos ambientes na legenda.

Marque todos os ambientes que foram apresentados neste caderno.

Desenhe um caminho para chegar a esses ambientes a partir da entrada. Em seguida, você pode colorir o mapa do Museu Sacaca, com suas áreas verdes.

LEGENDA DO MAPA DO MUSEU SACACA:

1. Entrada principal
2. Auditório Waldemiro Gomes
3. Memorial do Sacaca
4. Casa da Leitura Aracy Mont'Alverne
5. Instalações Sanitárias
6. Praça do Pequeno Empreendedor
7. Praça do Sacaca
8. Casa Wayana e Aparai
9. Casa Wajãpi
10. Casa Palikur
11. Regatão
12. Praça das Etnias e Sala da Criação
13. Espaço Museu Escola
14. Samaúma das Palavras
15. Casa da Farinha
16. Espaço Multimídia
17. Casa das Exposições Temporárias
18. Casa das Parceiras
19. Casa do Castanheiro
20. Casa do Ribeirinho
21. Maloca Multi Uso
22. Sítio Arqueológico
23. Monumento ao Marabaixo
24. Instalações Sanitárias
25. Núcleo de Museologia
26. Casa da Exposição
27. Casa da Administração





Outra opção...



PARA LEVAR PARA CASA

Você gostou do vovô Tuga? Para você sempre se lembrar dele, vamos te ensinar a fazer um brinquedo, reaproveitando alguns materiais que você pode ter na sua casa, com a ajuda de um adulto.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- Caixa de papelão usada para armazenar ovos
- Tinta de artesanato (têmpera ou acrílica)
- 1 pompom verde
- 2 olhos móveis de artesanato
- 2 palitos de picolé ou limpadores de tubos
- Tesoura e pistola de cola quente

INSTRUÇÕES:

1. Para o casco do animal, corte uma seção da caixa de ovos e pinte;
2. Deixe a tinta secar e adicione detalhes ao casco com outra cor;
3. Para montar a cabeça, pegue a bola de pompom e cole os olhinhos, depois cole a cabeça no casco;
4. Para fazer as patas e a cauda, corte os palitos de picolé, pinte e deixe secar, ou utilize limpadores de tubo (ou de cachimbo) torcidos, depois cole no casco por dentro.

<https://frugalfun4boys.com/adorable-egg-carton-turtle-craft-caterpillar-frog/>

<http://www.painelcriativo.com.br/2013/05/23/bichinhos-feitos-com-reciclagem-e-sucata/>

QUIZ DA MEMÓRIA

Este jogo vai testar sua memória e agilidade nas mãos para desafiar a família e amigos. Ele está organizado com perguntas e respostas sobre os povos tradicionais representados na Exposição a Céu Aberto do Museu Sacaca.

ATENÇÃO JOGADORES...

1... 2... 3... JÁ!



INSTRUÇÃO:

- 1.** Organize duas equipes para jogar e uma pessoa que será responsável por ler as perguntas, em voz alta, para que os outros jogadores tentem responder corretamente.
- 2.** Cada equipe poderá usar a mãozinha para jogar com uma pessoa por vez.
- 3.** As alternativas para resposta estarão dispostas em fichas na frente do representante da equipe.
- 4.** Quem bater primeiro na alternativa correta com a mãozinha, ganhará os pontos.
- 5.** A equipe que obtiver mais respostas corretas vencerá o jogo.

PERGUNTAS E RESPOSTAS:

(as respostas corretas estão em destaque)

1) Qual o nome do instrumento utilizado para espremer a mandioca?

- A - peneira
- B - jamaxi
- C - TIPITI**
- D - cambito

2) Qual o nome do instrumento que o castanheiro utiliza para pegar o ouriço da castanha?

- A - flecha
- B - peneira
- C - Arpão
- D - CAMBITO**

3) Qual o nome do banco indígena que é destinado às mulheres sentarem?

- A - BANCO DO JACARÉ**
- B - banco da gaiivota
- C - banco espadarte
- D - banco da cobra grande

4) Qual foi o material utilizado para fazer a amarração da casa Palikur no museu?

- A - fio de náilon
- B - pregos
- C - algodão
- D - CIPÓ-TITICA**

5) Qual o nome do local em que os pajés guardam os seus maracás?

- A - sacolas
- B - PAKARÁ**
- C - urnas
- D - potes

6) Qual foi o objeto Palikur representado na Praça das Etnias do Museu Sacaca?

- A - tipiti
- B - mandala
- C - ESCUDO AWIRÚ**
- D - banco

7) Qual foi a folha utilizada pelos Palikur no telhado da casa construída no museu?

- A - FOLHA DE INAJÁ**
- B - folha de açazeiro
- C - folha de coqueiro
- D - folha de pupunheira

8) Qual o nome do padrão gráfico mais comum entre todos os índios do Oiapoque, que tem forma de losango?

- A - listras
- B - casco de tracajá
- C - KUAHÍ**
- D - espinha de peixe

QUIZ DA MEMÓRIA

9) Qual o município do estado do Amapá em que os Palikur vivem?

- A - Macapá
- B - OIAPOQUE**
- C - Laranjal do Jari
- D - Santana

10) Qual o nome da palha utilizada para cobrir a casa dos Wajãpi feita no museu?

- A - UBIM**
- B - Coqueiro
- C - Seringueira
- D - Açazeiro

11) Qual o nome da terra indígena em que os Palikur vivem?

- A - Wajapi
- B - Galibi
- C - Tiryó
- D - UAÇA**

12) Qual é a língua nativa dos Palikur?

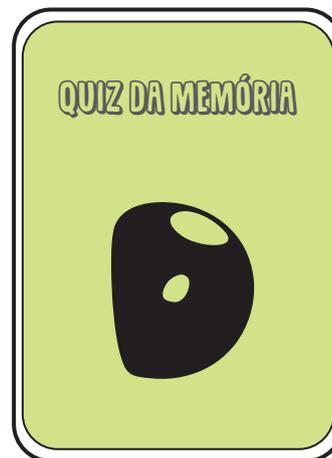
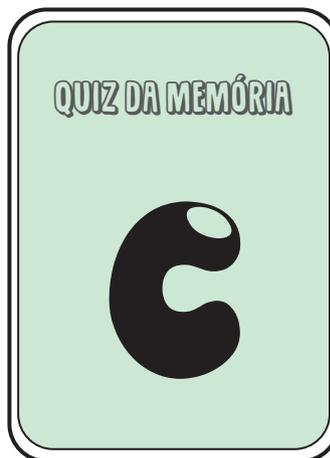
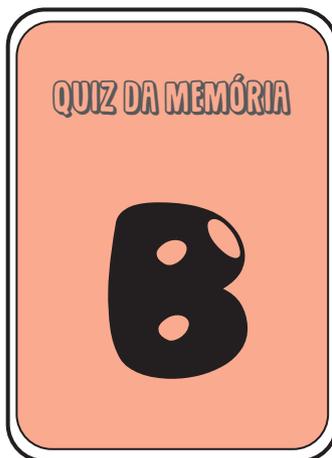
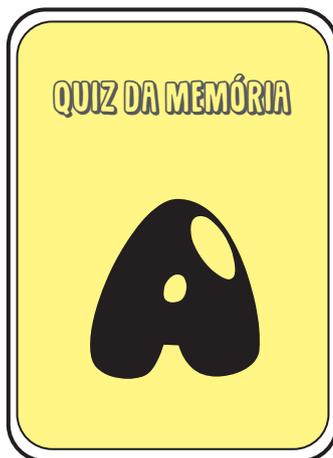
- A - francês
- B - PARIKWAKI**
- C - português
- D - espanhol



QUIZ DA MEMÓRIA

PARA FAZER AS MÃOZINHAS:
Com o molde da mãozinha,
recorte na folha de E.V.A a
mãozinha dupla e cole um palito
de picolé entre elas, na parte
inferior, para que as crianças
possam segurá-la.

Recorte as 04 fichas das alternativas de resposta:



“Os museus fazem parte de um ato de comunicação e de construção social e cultural, cujo acervo é composto por bens materiais e imateriais que expressam e traduzem o modo de vida, socialmente apreendida por determinados grupos humanos, abarcando seus valores, suas motivações, seus pensamentos e seus comportamentos”
(ATHIAS, 2010, p.31).

VISITE O MUSEU SACACA !

Endereço: Av. Feliciano Coelho, bairro do Trem, Macapá - AP

